

Poesias

de António Dinis da Cruz e Silva

TOMO IV

QUE CONTÉM POESIAS VÁRIAS

Quo me cunque rapit tempestas, deferor hospes.

Horat. Epist. Libr. I Ep. I v. 15

EPIGRAMAS

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta.

Lucret. Libr. 3º, v. 11, 12.

Estes Epigramas foram fielmente copiados dum volume original das Poesias de Dinis, que nos comunicou o Senhor Marechal de Campo Matias José Dias Azedo, o qual volume é dividido em duas partes: na primeira contém Propempticon, ao Conde da Ega; Astreia, Visão; O Génio do Museu, Sonho; Carta do Padre Macedo e Resposta; Tradução duma Sátira de Horácio; Elegia ao Terramoto; as quais obras adiante se imprimem neste mesmo volume: e além disto a Canção Epitalâmio; Ode Alcaica; duas Odes Sáficas, e a Ode ao Garção; o que tudo se imprimiu no 3º Tomo; finalmente o Idílio: Pastores que habitais, etc. que é o primeiro dos impressos no 2º Tomo. A segunda parte contém os Epigramas e Apólogos. A este volume chamamos Colecção terceira.

Enquanto aos Epigramas, os primeiros 53 vêm quase pela mesma ordem na terceira Colecção: omitimos porém muitos outros que por diversos respeitos não pareceram dignos de impressão. Dos impressos, o 4, 5, 14, 16, 23, 34, 35, 39, 40, 41 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, são desconhecidos nas outras Colecções.

Todos os outros vêm, ainda que com lição um pouco diversa e menos apurada, tanto na de Coimbra, como na Vimieirense.

Os Epigramas 54, 55, e o Madrigal são tirados do Original de Coimbra. O Epigrama 56 é tirado dos Apontamentos Originais do Autor, que conservamos em nosso poder.

I

A Sua Alteza o Conde Reinante de Schaumbourg Lippe, mandando ao Autor uma medalha de ouro com o seu busto, e uma Carta muito honrosa agradecendo-lhe uma Ode, que o mesmo Autor lhe fizera.

Se no campo Marcial Guilherme armado
No valor Alexandre parecia;
Em a paz o parece desarmado,
Honrando liberal a Poesia.

II

O grande Afonso de Albuquerque pretendeu para seu filho natural Brás de Albuquerque a Grandeza: El-Rei D. Manuel lha não concedeu; mas mandou que se chamasse Afonso como seu pai.

Querendo honrar Manuel de Afonso o nome,
Manda ao filho de Afonso o nome tome:
Sabiamente discorre o Rei benigno,
Que a seu valor não há prémio mais digno.

III

Navegando o grande Vasco da Gama perto da Costa da Índia, quando ia por Vice-Rei daquele Estado, de repente começou o mar a tremer. Assustaram-se os navegantes; e ele para os animar lhes disse o mesmo, que dá toda a força ao Epigrama.

Abrindo o grande Gama o mar ufano,
Tremor se sente todo o Oceano:
Um gelado tremor de toda a gente
Os ossos corre: mas o herói valente,
Não temais, lhes bradou, bravos Soldados,
Que os mares de nós tremem assustados.

IV

Cruzando Diogo da Silveira o mar da Arábia, encontrou com uma rica Nau de Mouros, cujo Capitão veio a seu bordo, muito confiado numa carta que trazia, de um Português cativo, a qual este lhe havia dado com engano; pois em vez de interceder por ele, recomendava aos Capitães Portugueses, que encontrando-o o tomassem, e castigassem por ser muito mau. Diogo da Silveira leu a Carta, e deixou ao Mouro continuar sua viagem sem lhe fazer dano.

No Cartaz enganoso confiado,
Se apresenta a Diogo o Mouro ousado:

Vê Silveira o engano, e a rica presa,
Mas sua alma sem par tudo despreza.
Que alto varão, a quem virtude anima,
Mais que um tesouro a boa fé estima.

V

A Duarte de Almeida, a quem deceparam as mãos, para largar o Real Estandarte,
que levava na batalha de Toro.

Decepidas as mãos, o grão Duarte
Só larga o que arvorou Régio Estandarte:
Se livre dos contrários o salvara,
Menos o seu valor executara.

VI

Salvador Ribeiro havendo conquistado só com o seu valor e indústria o Reino de
Pegu, e sem ajuda da Coroa, largou o seu governo tanto que El-Rei o ordenou.

Em render de Pegu o Reino inteiro
Oh quanto esforço mostra o grão Ribeiro!
Mas em deixá-lo mais esforço mostra,
Pois as próprias paixões triunfante prostra.

VII

Ao mesmo.

Do Trono, a que subiu independente,
Ribeiro desce ao Príncipe obediente:
Mostrando, quando assim fiel o entrega,
Que aos Reis se deve obediência cega.

VIII

Ao mesmo.

Valeroso, prudente, justiceiro
Se fez digno do Trono o grão Ribeiro:
Mas quando deixa a vasta Monarquia,
Então mostra melhor que a merecia.

IX

A Pedro António Joaquim Correia Garção¹
Albergue digno as Graças procuraram,
E do sábio Garção na boca entraram.

X

Aos Virtuosos.

Não teme do martelo o estrondo e o peso
A bigorna onde geme o ferro aceso;
Nem varão, que tenaz segue a virtude,
o insano murmurar do Povo rude.

XI

Tirado do Grego.

Com o famoso Heitor caiu rendida
Tróia soberba a cinzas reduzida:
De Alexandre, que muda a Terra admira,
Com a morte, de Pela a glória expira:
Que não da pátria aos homens se derrama,
Mas dos homens à pátria imortal fama.

XII

Tirado em linguagem do de Virgílio: *Nocte pluit tota.*

Não cessa em toda a noite a chuva fria,
Volvem os Espectáculos c'o dia:
Dividido com César certamente
Tem Júpiter o Ceptro omnipotente.

XIII

Tirado dos Versos de Autor incerto a César²

¹ Αί Χάρτες τέμενός τι λαβεῖν ὅπερ ὄυχι πεσεῖται Ζητοῦσαι, ψυχὴν εὔρον Ἀριστοφάνους.
Está na *Sinopsis* da vida de Aristófanes Thom. Magist. na Edição de Aristófanes, de Porto. Deste seria talvez imitação o Epigrama de Dinis. E de Platão, e a tradução vem nas Notas de Menage a Diógenes Laércio:

Trina sibi aeternum quaerebat Gratia templum:
Unius inuenit pectus Aristophanis.

² Tirado dos seguintes versos de um célebre Poeta:

Gloria uincendi iuncta est cum milite, Caesar
Caesar, parcendi gloria tota tua est.

Na glória de vencer em campo armado
Contigo, César, tem parte o Soldado:
Mas na de perdoar ao inimigo,
Ninguém, ó César, parte tem contigo.

XIV

Tirado do Grego

Podes impor falando fraudulento
Aos homens: a Deus nem c'o pensamento.

XV

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua boca mordeu tiranamente,
E digna de perdão, Lília formosa;
Pois ao vê-la julgou que era uma rosa.³

XVI

Se os Poetas, segundo o teu juízo,
Todos uns loucos são, se não têm siso;
Como não és Poeta, meu Filetas?
Mas já sei, loucos são e não patetas.

XVII

Se sais, Marília, na manhã saudosa,
Não é a luz da Aurora tão formosa:
Se da noite ao romper, não são tão belas
No Céu sereno as trémulas estrelas.

XVIII

A N. que dizia mal da Poesia.

A raposa, que às uvas não chegava,

O pensamento é de Cícero na Oração *pro* M. Marcelo. (2ª Colecção).

³ Paráfrase do Epigrama de António de Cabedo:

Quod tua purpureos uincentia Cynthia flores
Labra nimis felix, sed mala punxit apis:
Parce illi, causas praetendit hic error honestas,
Crediderat veras scilicet illa rosas. (1ª Col.).

De verdes, e de azedas as notava:
Assim Alcandro, a quem engenho falta,
Os Poetas com críticas assalta.

XIX

A outro, que tinha a mesma mania.

Com razão Célio as Musas desestima,
Que quem não sabe a arte, não a estima.

XX

A M. de S. que inculcava por seu um Soneto contra certos Poetas.

Dizem, Bávio, que em velho dialecto
Fizeste a alguns Poetas um Soneto:
Mas testemunhos são de homens perversos,
Que tu nunca soubeste fazer versos.

XXI

Tirado do de Virgílio: *Monte sub hoc*, etc.

Debaixo destas pedras sepultado
Balista jaz em roubos afamado:
Bem podes sem temor de noite e dia
Prosseguir, caminhante, tua via.

XXII

Ornada és, Amarinda, Citereia;
Sem adornos, Celeno torpe e feia.

XXIII

A uma Dama, que usava de dentes contrafeitos.

Os dentes de marfim, que traz Daliana,
Por seus a todos nos inculca ufana,
E nós que são postiços praguejamos:
Mas faz bem, pois é nosso o que compramos.

XXIV

A certos homens, que punham todo o seu merecimento numa afectada

Seriedade e tristeza.
Se o ser sisudo e triste é só ter siso,
Quem te desbanca, ó burro, no juízo!

XXV

A N. que se deleitava com pinturas desonestas, e tinha a sua Câmara ornada delas.

Em vão provocas a lascívia tua
Com a Vénus, Silvandro, que tens nua:
Que a fina lã, que a matizada seda
Em desejos os homens mais enreda.

XXVI

Queres pintar, Florindo, a Citereia?
A minha pinta sem igual Treseia.

XXVII

A certa Dama infamada de pintar as cãs.
A trança dizem, Márcia, que pintaste:
Mas mentem, porque tu negra a compraste.

XXVIII

A N. que estando em grande valimento, esquecido da antiga pobreza, se jactava das qualidades que apontam os versos, e recebia com grande sobrançeria os pretendentes.

Dizes que és sábio, nobre e poderoso;
Louva o Céu que te fez tão venturoso:
Que eu de ti nada curo, altivo Fábio⁴,
Inda que és poderoso, nobre e sábio.

XXIX

Hendecassílabos a N.

Este Timagenes, palreiro eterno,
Grande Filósofo, grande Jurista,
Grande Retórico, grande Humanista,

Poeta e Crítico, Censor moderno;
Não viu o célebre Latino Foro,
Não viu o pórtico da sábia Atenas,
Não ouviu Cícero, nem das Camenas
A grata música, o suave coro;
Mas dos corpúsculos o mestre agudo
Nos intermúndios lhe ensinou tudo.

XXX

De Vénus tens o rosto e a galhardia;
Mas as unhas, Anídia, são de harpia.

XXXI

Tirado do Grego.

Sonhou Hermon, que muito ouro gastava;
E de paixão, dormindo, se enforcava.

XXXII

Se o trazer grandes barbas dá ciência,
Vence um bode a Platão na inteligência.

XXXIII

Certo Pascácio, que passar queria
Por profundo Filósofo, dizia:
Das seitas entre a grande variedade
Qual poderá causar-me novidade?
Se Platão me chamar, sem ter receio,
Na Academia entrarei de ideias cheio:
Se Zeno, se Aristóteles famoso,
Ao Pórtico, e ao Liceu irei gostoso:
Se o imortal Pitágoras sisudo,
Súbito me vereis calado e mudo...
Dos circunstantes um então lhe clama:
Ouve, amigo, Pitágoras te chama.

XXXIV

A certa Dama, que chamava ao Autor seu Apolo.

Teu Apoio serei, como desejas;

Contanto que tu Dafne me não sejas.

XXXV

Um Poeta o Epitáfio engrandecia
Que para os ossos seus composto havia;
E um ouvinte lhe torna: está tão belo,
Que já em seu lugar tomara eu vê-lo.

XXXVI

Duas pombas no casco dum soldado
O seu ninho fizeram desejado:
Bem manifesto fica desta sorte,
Quanto Vénus amou sempre a Mavorte.⁴

XXXVII

Vendo Asclepiades, mísero avarento,
Um ratinho saltar pelo aposento,
Lhe pergunta o que quer sobressaltado:
Mas o rato, depõe o vão cuidado,
Sorrindo-se, lhe torna; que eu, Amigo,
Comida aqui não busco, busco abrigo.⁵

XXXVIII

Se Apeles Citereia não pintara,
Escondida no mar sempre ficara.

XXXIX

Quando, Laurindo, saís tão penteado,

⁴ Este Epigrama é traduzido do seguinte de Paládio:

Militis in galea nidum fecere columbae:
Apparet Marti quam sit amica Venus.

(3^a Col.).

⁵ Este Epigrama é tirado do Grego de Lucílio. Dele há a seguinte tradução Latina:

Murem Asclepiades ut apud se uidit auarus,
Mus, quid in aede facis, dixit, amice, mea?
Mus blande arridens, illi inquit, amitte timorem,
Hic ego non uictum quaero, sed hospitium.

(3^a Col.).

Tão nédio, tão gentil e tão rosado,
Da matreira raposa num momento
Logo me vem o dito ao pensamento:
Oh que bela cabeça por Apolo!
Mas que prol! se não tem dentro miolo.

XL

Ao mesmo

Tudo, Laurindo, tens: trajas à Inglesa,
E a perna manca arrastas à Francesa:
Es bonito, és facundo, és engraçado,
E em extremo das moças cobiçado:
Só uma leve falta em ti diviso,
Sabes de quê, Laurindo? de juízo.

XLI

Epitáfio de um cão.

Os ladrões com meus ladros perseguia,
Mas os amantes mudo recebia:
E portando-me sempre desta sorte,
Ao marido aprazi, mais à consorte.

XLII

Em lauta mesa Mestre Hilário um dia
Da frugal vida os bens engrandecia
A crápula, dizia, é mãe fecunda
Da mole inércia e da luxúria imunda:
A temperança a vida nos conserva,
E são de mil achaques nos preserva:
E enquanto aos Comensais assim falava,
No bucho seis perdizes ensacava.

XLIII

A um menino muito gentil, que tinha um só olho, filho de uma mãe muito formosa, que tinha igual defeito.⁶

⁶ Este Epigrama é traduzido do seguinte de Ausónio:

Parue puer, lumen, quod habes, concede Parenti
Sic tu caecus Amor, sic erit illa Venus.

Esse olho que só tens, belo menino,
A tua bela Mãe o dá, benino:
Assim ambos ficais de bom partido;
Ela Vénus será, e tu Cupido.

XLIV

O Poema de Homero celebrado
Um asno devorou todo esfaimado:
Que um burro ou um cavalo o Céu destina
Sejam sempre de Tróia alta ruína.⁷

XLV

Que contém o Epitáfio de Aretino por Paulo Jovio.⁸

Aretino aqui jaz Vate Toscano,
Que a todos lacerou com dente insano:
Só Deus de seu furor não sente o excesso,
Porque (dará por causa⁹) o não conheço.

Deve-se porém observar, que o mesmo se acha alterado e acrescentado nas obras dos Amalteus pela maneira seguinte:

Lumine Acon dextro, capta est Leonília sinistro,
Et poterat forma uincere uterque Deos:
Parue puer, lumen, quod habes, concede sorori,
Sic tu caecus Amor, sic erit illa Venus.
(3^a Col.). (Nota do 1^o Editor).

⁷ Este Epigrama é tirado do seguinte de Paládio:

Carminis Iliaci libros consumpsit asellus:
Hoc fatum Troiae est, aut equus, aut asinus.

(3^a Col.). (Nota do 1^o Editor).

⁸ Este Epigrama é traduzido, ou tirado do Epitáfio composto por Paulo Jovio ao célebre e licenciado Aretino. O original é o que se segue:

Qui giace l'Aretin, Poeta Tosco,
Che de ognum dice mal, fuor che de Dio:
Scusando-si con dir: non lo conosco.

Este mesmo Epitáfio foi traduzido em Latim pela maneira seguinte:

Condit Aretini cineres lapis iste sepultos,
Mortales atro qui sale prefricuit:
Intactus Deus est illi, causamque rogatus,
Hanc dedit: Ille, inquit, non mihi notus erat.

(3^a Col.). (Nota do 1^o Editor).

⁹ *Nos Ms. mais antigos lê-se dava por causa.* (Nota do 1^o Editor).

XLVI

Contém o Epitáfio de Paulo Jovio feito pelo Aretino.¹⁰

A cinzas reduzido aqui habita
O grande Paulo Jovio hermafrodita:
Que vale o mesmo no vulgar sentido,
Que dizer foi mulher e foi marido.

XLVII

Um vizinho a um vizinho chocarreiro
Zombando lhe chamava alcoviteiro;
E o vizinho lhe volve pronto e ledó:
Tua mulher não sabe ter segredo.

XLVIII

Ao M.R. Francisco Pereira Cacheta, Cónego Magistral da Sé do Porto, enviando
ao Autor uns pastéis dum gosto esquisito, com um Epigrama Latino.¹¹

Doces pastéis Francisco hoje me envia,
Doces versos em sua companhia:
Doces são os pastéis, dos mais diversos,
Mais doces são porém seus doces versos.

XLIX

Augusto a um camponês, que o assemelhava,
Se a Mãe viera a Roma perguntava:
E o camponês lhe torna sem receio,
Minha mãe não, meu pai mil vezes veio.

¹⁰ Os versos do Aretino são os seguintes:

Qui giace Paulo Jovio hermaphrodito,
Che vuol dire in volgar moglie e marito.

(3^a Col.). (Nota do 1^o Editor).

¹¹ O Epigramas que se acusa é o seguinte:

Non hic ambrosiae stillat, uel nectaris humor,
Non hic exhaustos spargit et Hyblae thymos:
Stillat amor, sparsos que tuos, uir maxime, flores,
Hausit, construxit, reddit, et ipse flores.

(3^a Col.). (Nota do 1^o Editor).

L

Tirado do grego de incerto autor: Ην véος, etc.

Quando moço, vivi sempre em pobreza;
Hoje, que velho sou, tenho riqueza:
Em todo o tempo cruel, sempre mesquinha
Encontrei infeliz a sorte minha:
Não tive, quando pude desfrutá-lo,
Não posso, hoje que tenho, já gozá-lo.

LI¹²

A fome me atribula, e amor sobejo;
Destes dois males a pobreza elejo.

LII¹³

Deste horto Ninfa sou, e sou tutela
Desta fonte risonha, fria e bela,
Que ao brando som da plácida corrente
Aqui dormindo jazo docemente.
Ó tu, que a ela chegas! chega manso,
Olha não interrompas meu descanso.
Se a lavar-te, ou beber vens encalmado,
Lavar-te, ou beber podes, mas calado.

LIII

Ao retrato de certa Dama.

Esta de Egle gentil é a figura,

¹² Este Epigrama é tirado do seguinte de Claudiano:

Esuriens pauper teus incendor Amoris
Inter utrumque malum diligo pauperiem.

(3^a Col.). (Nota do 1.º Editor).

¹³ Este Epigrama é tirado do seguinte Latino:

Huius Nimpha loci sacri custodia fontis
Dormio dum blandae sentio murmur aquae.
Parce meum, quisquis tangis caua marmoro somnum
Rumpere: siue bibas, siue lauere, tace.

Ver Grutero pág. 182-3. Sobre este mesmo Epigrama escreve Smet: Hoc Epigramma recenti marmori nuper incisum, in hortulo Calatiano, ad aquae virginis ductum, qua aquae digitus per canalem adducitur, collocatum est. Sed an vere antiquum sit, et in vetusto marmore alibi olim extiterit, nescio.

(3^a Col.). (Nota do 1.º Editor).

Sem igual na modéstia e formosura:
Destra mão copiou seus dons em partes
O que não fez natura, fê-lo a arte.

LIV

A Scevola queimando a mão, que errara o golpe em Porcena.¹⁴

Queima Scevola a mão, que o golpe errara;
Menos, se o não errasse, executara.

LV

Para pintar de Helena a formosura
Cinco moças gentis Zêuxis procura;
Se Zêuxis minha Aglaia em Grécia achara,
Helena só com ela retratará.

LVI

Tradução do Epigrama de Mosco: O Amor Lavrador.

Depondo o fero Amor o arco, e as flechas,
Tomou uma agulhada, e pendurando
Nos ombros um surrão, ao jugo prende
A paciente cerviz duns bois tardios.
A lavrar começou, e enchendo os surcos
Dos grãos de Ceres, diz aos Céus olhando:
Enche, Jove, de espigas estes regos,
Senão, qual noutro tempo a bela Europa
Roubaste, puxarás por este arado.

LVII

Madrigal.

Estas rosas a ti, Vénus formosa,
Tirse Pastor te oferece,
Em sinal de que Leucade piedosa
De seu mal se entenece.
Por ora rosas só, Dione, te ofereço:
Porém se compassiva
C'roar de glórias meu amante excesso,
Nesta árvore altiva

¹⁴ É tirado do Epigrama de Marcial, Libr. 1. Epigr. 22. (Nota do 1º Editor).

Cortarei: Tirse que logra os favores
Da mais gentil Pastora,
A ti, Deusa gentil, mãe dos Amores,
Que Egnido e Chipre adora,
Este mirto consagra alto e sombrio,
Choça, cães e armentio.

APÓLOGOS

Me mea Calliope cura leuiore uagantem
Iam reuocat: paruoque iubet decurrere gyro:
Et secum gracili connectere carmina filo.

Columel, *Libr. 10. de Cult. hortor.*

Estes Apólogos acham-se no Original de Coimbra, mas o Poeta na terceira Colecção, que seguimos, aperfeiçoou a sua lição.

I

Um pardal, que invejoso um aivão vira
As nuvens remontar-se generoso,
De a par dele voar à glória aspira;
Bate as asas veloz, voa vaidoso.
Mas mal do vento a região subira,
Um borbotão soprando revoltoso,
O triste envolve, leva arrebatado,
E o lança no alto mar precipitado.

Mostra este exemplo a quem o considera,
Que facilmente co'a ruína encontra
O que vão quer sair da sua esfera.

II

Compadre Grilo (a um Grilo, que vivia
Junto dela, dizia uma Toupeira)
Não cante tanto. E o Grilo lhe volvia:
Sempre, comadre, foi grande palreira;
Que lhe importa o meu canto? E prosseguia
Em cantar todo o dia, e a noite inteira.
'Té que um Galo, que ali perto morava,
De sua voz chamado, o devorava.

Este exemplo, loquaz, fala contigo:
A solta língua enfreia, se não queres
Na língua achar talvez o teu castigo.

III

Uma Águia generosa a uma Andorinha
Motejando dizia: forte presa,

E forte bico tens, Ave mesquinha!
Teu génio ver de perto o Sol despreza,
Voando à terra sem cessar vizinha:
De tais dons graças dá à Natureza.
Mas enquanto vaidosa assim discorre,
As mãos de um caçador a triste morre.

Neste exemplo vereis, ó vaidosos,
Que os pobres, que os humildes, que os pequenos
Mais seguros estão que os poderosos.

IV

Um rato, que a primeira vez saía
Do sombrio buraco, onde vivia,
Ao ver-se sobre a terra, quanto olhava
Espanto tudo, e admiração lhe dava.
Mas o que mais o tinha embelezado
Era a pele de um gato bem malhado,
Que meneando a cola, se dispunha
Nele a empolgar a retorcida unha:
Quando um Galo emproado passeando
No meio de ambos se meteu cantando.
O ratinho de o ver, todo medroso,
No buraco se esconde pressuroso;
Onde a mãe, que impaciente há muito o espera,
Lhe pergunta o que viu, e o detivera.
Mil coisas vi, que de prazer me encheram,
E ali (lhe torna o filho) me prenderam.
Mas entre todas o que vi mais belo
Foi, Mãe, um animal branco e amarelo,
Que os olhos tendo sobre mim pregados,
De longe me fazia mil agrados;
Mas outro que em dois pés só se sustinha,
E uma coroa na cabeça tinha,
Gritando a mim se volve cheio de ira,
E me matara, se lhe não fugira.
Então a Mãe lhe diz: Filho inocente,
O animal, que te olhava brandamente,
Devorar-te queria carniceiro;
E esse, de quem fugindo vens ligeiro,
Da morte te livrou, e foi tua guarda:
Dele não temas; do outro te resguarda.

Deste conto consiste a inteligência
Em quanto erra, e se engana tristemente
Quem se move a julgar pela aparência.

V

Um Galo, que famélico pastando,
Num pardieiro vigilante andava
Com as unhas a areia esgravatando,
Um belo diamante acaso achava
Entre a miúda areia cintilando,
E junto dele um grão de milho estava:
O galo ao milho sem demora avança,
E c'os pés para trás a pedra lança.

O Galo, que despreza o diamante
Pelo milho, nos mostra que devemos
Escolher antes o útil, que o brilhante.

VI

A Raposa c'o Grou fez sociedade
Para comer com ele em companhia,
Para a bolsa cada um dando a metade.
Farta era a mesa; mas de que servia
Das viandas o Grou a variedade,
Se enquanto dois bocados mal comia,
A Raposa o banquete devorava,
E do simples à custa gorda andava?
Se nossa perdição não desejamos,
Olhar devemos, como o exemplo ensina,
Antes de contratar, com quem tratamos.

VII

Um Lobo da voraz fome acossado,
Não achando outra preia, perseguia
Os pássaros, que saltam pelo prado:
Mas por demais após eles corria,
Por demais brande a garra, e salta irado,
Que o mesquinho nenhum colher podia:
Quando um gato, que morto se afectava,
Em tanto em seu prazer muitos caçava.

Este exemplo, Leitor, pode ensinar-te,
Que da vida no trato muitas vezes
O que não vence a força, vence a arte.

VIII

C'uma Lebre um Coelho se ajustava

Para a vida passarem comumente:
A mesma lousa a ambos abrigava,
A pastar ambos iam juntamente:
Mas o Coelho tanto retouçava
Que presentidos eram facilmente;
'Té que a Lebre, que em vão o aconselhara,
De sua companhia se separa.

Esta fábula a todos admoesta,
Que de um génio inquieto e revoltoso
A sociedade para nada presta.

IX

Uma velha Raposa abriu matreira
Aos coelhos um fojo muito alto;
E se pôs a esperá-los sorradeira.
Nisto deu de entre a selva um lobo um salto;
Ela então a fugir entrou ligeira,
Mas o tino perdeu c' o sobressalto,
E no fojo caiu, e ficou presa,
E ali a devorou do Lobo a presa.

Esta fábula mostra, que a mentira,¹⁵
Que a calúnia mil vezes presa fica
Nos mesmos laços, que à inocência urdira.

X

Os ratos, que se viam cruelmente
Ser o cevo dos gatos, assentaram
Em seu favor chamar o cão valente.
Vêm estes, e depois que destroçaram
O ardiloso animal c' o forte dente,
Contra os mesquinhos se voltaram,
E em pouco tempo não se viu um gato;
Mas também se não viu nem um só rato.

Aos fracos este exemplo lhes ensina,
Que a aliança c' os fortes muitas vezes
Mor estrago lhes traz, maior ruína.¹⁶

XI

Um Lobo, que comera um bom carneiro,

¹⁵ *O Poeta escreveu:* Esta fábula nos mostra, etc. (Nota do 1º Editor).

¹⁶ *Nos originais lê-se:* Maior estrago lhes traz, etc. (Nota do 1º Editor).

Para a caça prear mais facilmente,
Com sua pele se cobriu matreiro.
Assim saiu das brenhas mansamente,
E na relva se deita sorrateiro.¹⁷
A Raposa, que o mede atentamente,
Senhor Lobo, lhe disse, não me engana,
Que o rabo de quem é me desengana.

Esta fábula mostra, que o prudente
Tudo atento especula, tudo adverte,
E enganar se não deixa facilmente.

¹⁷ *Nos mesmos Originais* E sobre a relva, etc. (Nota do 1º Editor).

PROPEMPTICON¹⁸

Ao II.^{mo} e Ex.^{mo} Manuel de Saldanha de Albuquerque, primeiro Conde da Ega, indo por Vice-Rei para a Índia no ano de 1758.

Ilustríssimo Conde, em cujas veias
Heroicamente pulsa o Régio sangue
Dos antigos Saldanhas, que entre tantos
Excelentes Varões, que a Pátria adornam
De altas virtudes, escolhido fostes
Para reger no Oriente o rico Império,
Pelo Luso valor há tantos anos
A custa de ímpio sangue sustentado:
Vós, que da rectidão, e da piedade,
Do esforço, da constância, e da inteireza,
E doutras cem virtudes rodeado,
Nos dais uma segura confiança
De vermos renascer em nossa Idade
Dos Castros, Albuquerque, e Pachecos
O Século ditoso: de Neptuno
Arando os largos campos felizmente,
Ide restituir ao antigo lustre
Do Nome Português a heróica fama,
Renovar as façanhas, e a memória

¹⁸ *Entende Idyllion, ou Odarion, isto é: Ode à despedida. Este Poema foi feito para se recitar na Arcádia aos 30 de Março de 1758, e vem escrito na primeira Colecção com o titulo de Ode Monocolos. Esta antiga lição é pouco diferente da que agora seguimos, à excepção do preâmbulo que o Autor ultimamente omitiu. Era deste modo:*

Chegou enfim o tempo, amada Lira,
De deixar o silêncio; o preguiçoso
E vil pó, que te cobre, hoje sacode,
Ao glorioso exercício, que te ilustra,
Grande empresa nos chama: a soberana
Calíope me inspira: soem, soem
No Ménalo outra vez as tuas vozes!
Porém não como quando as ternas queixas
De Amiclas Pescador do claro Tejo,
Ou na morte de Auliza ao pobre Ergasto
Em baixo e rude estilo acompanhaste.
Vibrem, vibrem agora as tuas cordas
Um som mais levantado e majestoso,
Digno de Heróis, igual ao nobre objecto,
Que na ideia me brilha, e me transporta:
Um som tão singular, que para ouvi-lo,
Largue o silvestre Pã a própria flauta;
E de seu doce acento arrebatado,
Deixe o extremoso Alfeu o centro frio.
Preclaríssimo Conde, em cujas veias, etc.

(Nota do 1º Editor).

Desse povo de Heróis. O rico Trono,
Onde vossos maiores já fizeram
Tremar com susto do Oriente os Remos,
Ide ocupar. A próspera Fortuna,
De palmas, e de louros carregada,
Sobre as possantes naus já bate as penas:
Já o Cabo espantoso, que bramindo,
De longe espanta as atrevidas Quilhas,
Serena as tempestades, e dos Ventos
A cólera insofrida afugentando,
Com aspecto sereno ledor rece
A passagem segura à vossa armada.
Ide pois, ó Senhor! imenso campo
Lá às vossas virtudes abre o Fado.
Ide colher as palmas, que a Vitória,
Para ornar-vos o carro do triunfo,
Há tanto tempo corta. A Índia toda
Impaciente por vós há muito espera:
E o Indo alvoroçado, e o largo Ganges,
Deixando à discricção as ricas urnas,
Pelo Oceano dentro estão metidos,
Com as brancas cabeças fora da água,
Só por ver se descobrem no Horizonte
Da tua forte Armada as curvas velas.
Eu vejo, sim, eu vejo a triste Goa,
A Rainha do Oriente, qual viúva
De negras vestiduras carregada,
Desmaiado o semblante, e sobre o rosto
Esparzido o cabelo, que derrama
Lastimosos gemidos, e pregados
Os lagrimosos olhos no Ocidente,
Por vós, ilustre Conde, está bradando:
Por vós aflita, só, desamparada,
Sem sossego suspira, por vós clama:
E coberta de horror, inda de longe
C'ó dedo de Pondá vos mostra os campos,
Do nobre Vice-Rei em sangue tintos.
Ó campos de Pondá! funestos campos!
Sobre vós nunca espalhe a roxa Aurora
Seu frio orvalho, nunca o Sol brilhante
Com seus raios vos cubra, nem produza
Frescas flores em vós a Primavera:
Abrolhos só vos vistam, e em sombrios
Ciprestes se convertam vossas palmas.
Mas que lúgubre imagem pouco a pouco
Diante de meus olhos se levanta!
De feridas cruéis despedaçado,
De negro sangue, e pó todo coberto,
Inchado, macilento, um triste vulto
Me assombra, me entenece, e me horroriza.

Quem será?... Se não mente a fantasia,¹⁹
O aspecto Marcial, a continência,
O rosto, que inda pálido respira,
O belicoso ardor, que lhe inflamava
O coração impávido, as feridas
Em tão nobres lugares recebidas,
Bem mostram que este é d'Alva o ilustre Conde.
O mesmo é; mas quão outro, quão diferente
Daquele ilustre Conde, que do Tejo
A corrente deixou, enchendo ufano,
De susto, e de esperança Europa, e Ásia!
E que bárbara mão pode atrever-se
A derramar, Senhor, o vosso sangue?
Sangue de tanto Herói! Como caíste
No conflito cruel? O próprio esforço
A vida vos tirou. Em vão intenta
Opor-se à multidão ânimo ousado,
Que a virtude é do número oprimida.
Valoroso Saldanha, aquele sangue,
Aquelas cruelíssimas feridas
Vingança estão pedindo. A vós pertence
Castigar este insulto, a negra mancha,
Que a desordem lançou na Lusa glória,
Apagar, extinguir, sim: saiba, saiba
O bárbaro Concão que ainda existem
Em Portugal Heróis; que ainda brota
Albuquerque terríveis Lusitânia.
Sinta o ousado Sunda os duros golpes
Dessa talhante espada; e qual um tempo
O Danúbio vos viu, seguindo os voos
Das Águias Imperiais, em campo armado
Encher de espanto e susto o Reno e o Sena,
Assustado do Sal vos veja o Rio.
Treme, sim, treme; que veloz já parte
O brioso Saldanha: colhe, colhe
De teus campos veloz os doces frutos,
Bárbaro Maratá, pérfido Sunda,
Enquanto tempo tens, enquanto tarda,
Rasgando os largos Campos de Anfitrite,
O baixel alteroso; enquanto gemem
Do grão peso oprimidas suas águas;
Enquanto o valoroso... Mas que novo
Desusado furor me inflama o peito!
Que espírito sagrado me transporta
A distante país! Que mão propícia
D'ante os olhos me afasta a grossa névoa,
Que os futuros arcanos me encobria!
Ouvís? Ou me engana a fantasia?

¹⁹ *Poeta escreveu:* Quem será? ah! se não mente, etc. (Nota do 1º Editor).

Ah! delírio não é; sim, sinto, sinto
De Marciais instrumentos o ruído,
Tremendos batalhões em campo opostos
Prontos a se ferir ante mim vejo:
Já marcham a encontrar-se, já se rompe
A cruenta batalha, já se travam
As opostas fileiras: arde a guerra;
Os bélicos trovões nos ares soam;
E entre nuvens de pó e fumo voam
Os incendidos raios de Mavorte.
E que gentil guerreiro será este,
Que entre o furor da lide sanguinosa,
De sangue, de suor, de pó coberto,
Discorre todo o campo, desprezando
De balas, e azagaias um chuveiro?
Ante ele o Terror vem, e a dita Morte
Larga estrada rompendo: a terra treme
Aos ressoantes golpes, com que a ferem
Do soberbo cavalo, que domina,
As grossas ferraduras. Conde ilustre,
Vós sois que, semelhante a um largo rio
Das chuvas engrossado, ides levando
Ante vós quanto opor-se-vos intenta.
E com que ardor levanta o forte braço
A fulminante espada! Com que estrago
Os espantosos golpes descarrega!
Tal não viu o Escamandro amedrontado
Na campanha de Tróia ao fero Aquiles
Em sacrifício aos Manes de Pátroclo
Com a lança fatal prostrar por terra
Cerrados Esquadrões de Gente Frígia.
Mas já do Céu batendo as brancas asas,
De triunfantes insígnias adornada,
Descendo vem a próspera Vitória;
Já se põe a seu lado, e já o campo²⁰
A pouco e pouco largam os contrários:
Já desmaiam de todo, e se confundem;
E do negro Esquadrão desbaratado
Uns voltam costas, outros semeando
No campo ensanguentado as rotas armas,
Aos pés do Vencedor piedade imploram.
Lusitanos Soldados, vinde, vinde,
Trazei fortes algemas, e esses braços,
Que contra vós ousaram levantar-se,

²⁰ *No Original lê-se do campo; o Autor tinha talvez presente a antiga lição deste lugar:*

Já a seu lado se põe, já os contrários
Pouco a pouco do campo se retiram.

(Nota do 1º Editor).

Prendei: triunfai. E vós, claro Saldanha,
Segui ligeiro a rápida Vitória,
A rápida Vitória, que vos chama
Aos muros de Pondá, que já titubeiam.
De vosso grande nome já ao brado
A soberba cerviz o Gates prostra,
Estremecem os muros levantados
De Tená, Baçaim, Supem, e Usua;
Caiem por terra as bárbaras, e torpes
De Visnã, e Madeu falsas Deidades.
Em todo o vasto Oriente à vossa fama
Majestosos troféus já se levantam;
E as Ninfas de Menão do Indo, e Ganges,
Deixando o vítreo fundo, em alto acento,
Ao som das áureas Cítaras, entoam
Em vosso aplauso nobres Epinícios.
Ide pois a gozar de tanta glória:
Com bonançoso vento do Oceano
Os páramos cortai: que sobre os muros
Da Soberana Goa vos espera,
De triunfantes palmas carregada
Para ornar-vos a frente vencedora,
Do triunfante Albuquerque a grande Sombra.

À Il.^{ma} e Exma. Sr^a D. Teresa de Mello e Breyner, Condessa de Vimieiro.

ASTREIA

VISÃO

Impressa segundo a lição que se acha na terceira Colecção, a qual é mui pouco diversa da que vem no Original Vimieirense.

Das castas Musas pelo vasto império
Vagava o pensamento; e contemplando
A riqueza imortal, que em larga cópia
Seus férteis campos cobre, a alma absorta
Em suavíssimos êxtases se via:
Quando rasgando as nuvens, a meus olhos
Gentil donzela airosa se apresenta.
Da bela cor de Tiro lhe cobria
Os alvos membros roçagante veste,
Que em partes presa num brilhante cinto,
Todo de ouro e gemas tauxiado,²¹
Os áureos borzeguins à vista ofrece,
De fino aljôfar todos recamados.
Talhante espada de metal luzente
A dextra lhe garante, e lhe pendia
Da esquerda uma fiel áurea balança.
Rompe mansamente os subtis ares,
Deixando impressos na imortal carreira
Brilhantes sulcos, pelo campo etéreo,
De uma serena luz, quais n'alta noite
Do Estio caloroso deixar vemos
Acesa exalação que veloz corre.
Apenas chega a mim as asas cerra,
E a doce voz soltando, que pudera
A Discórdia infernal, a brava Guerra
Para sempre apartar dentre os humanos,
Se a seus gratos acentos não cerrassem
Os purpúreos Tiranos os ouvidos,
Entre alegre e severa, assim me fala:
Ó tu, que ao som da lira tão famosos
De Aglaia, de Treseia, e Jónia os nomes
Pelas fraldas do Ménalo tens feito,
Ninfas, em que formosas, que albergavam
No duro peito um coração de tigres
Pronto a despedaçar tuas entranhas;
(Ah que bem por teu mal o tens provado!)
Como de Breyner a virtude e graças
Inda em silêncio deixas? Por ventura

²¹ Variante:
De rica chaparia repassado.

Não tem ela beleza? Não se adorna
 Sua alma de mil dons, e qualquer deles
 Capaz de realçar a muitas almas?
 Pensas quiçá que a cítara sonora,
 Que Apoio te entregou, só te foi dada
 Para infamar-lhe as cordas, modulando
 (Qual escravo, que ao tom dos duros ferros
 Cantando lisonjeia a mão que o fere)
 As frágeis graças de uns tiranos olhos?
 E que a Virtude, dádiva celeste,
 A Virtude que os homens eterniza,
 De seus sons não merece a melodia?
 Deixa pois o silêncio vergonhoso:
 Tempera as cordas, e o dourado plectro
 Prepara à grande empresa, que eu to ordeno,
 Astreia é quem te fala, e quem te anima.
 Disse: e soltando as coruscantes asas,
 Por entre as roxas nuvens se remonta,
 Qual garça que sentindo lá ao longe²²
 Bramar o tridentífero Neptuno,²³
 Pelas desertas praias agitado
 Do grão furor de Bóreas, que incha os ares,
 Indício certo de futura chuva,
 Batendo as leves penas alça o voo,
 E em levantados giros não sossega,
 Até que em salvo sobre as grossas nuvens
 Ao sol ostenta as atrevidas plumas;
 Assim talhando o ar aos Céus se torna,
 Onde descera, a suspirada Astreia.
 Então a mim tornando, velozmente
 A obedecer-lhe corro, a lira tomo.
 E as cordas afinando me disponho,
 Seguindo os passos que estampou glorioso
 Do Ismeno o grão Cantor quando às estrelas,
 Do claro Alfeu nas margens levantava
 O destemido atleta, que cingira
 De silvestre oliveira a ardente fronte,
 Teu engenho a cantar, tuas virtudes.
 Como soltando ao grande Génio as asas,
 Grande Breyner, por cem Avós ilustre,
 E inda por cem virtudes mais ilustre,
 Das Artes e Ciências pelos remos
 Infatigável vagas: como colhes

²² notasque paludes
 Deserit, atque altam supra uolat ardea nubem.

Virgil. Georg. Libr. I., v. 363. (Nota do autor).

²³ Dixeris egregie, notum si callida uerbum
 Reddiderit iunctura nouum.

Horat. Epist. ad Pison. v. 47. (Nota do autor).

Nas frescas margens, que Hipocrene rega,
As mais cheirosas flores, que a teu Nome
De c'roa servirão, e mais brilhante
Que aquela, que cercou a régia fronte
De Ariadna gentil, e junto ao pólo
Convertida em estrelas resplandece:
Como teu nobre coração, sentindo
Da piedade os efeitos, corre o pranto
Nos olhos a secar dos desgraçados:
Como a tenra Inocência ao desamparo,
Pelas mãos da Maldade, ou da Pobreza,
Exposta infelizmente, em teu regaço
Benigna acolhes, tornas venturosa,
Mas a voz, que o ebúrneo plectro tira
Do brilhante instrumento, rouca e débil
A grandeza do objecto não se acorda.
Então, mudando os sons, de Anacreonte,
Para cantar as graças de teu rosto,
O poder de teus olhos, onde reina
O travesso frecheiro, e onde forja
A seta de ouro, que trespassa o peito
De teu Esposo, que fiel te adora,
As brandas cordas busco, e em vão as busco.
Enfim, depois de ter por largo espaço
Arte e génio provado, mas sem fruto;
Desenganado a Cítara penduro,
E a mais sublime engenho a grande empresa
Cheio de mágoa largo; pois conheço,
Que inda que Astreia o mande, minhas vozes
Não bastam a cantar tuas virtudes.

O GÊNIO DO MUSEU

SONHO

Ao Senhor Doutor João Mendes Sachetti Barbosa

*Os versos notados com este sinal *faltam na terceira Colecção e foram tirados da segunda.*

Cansado de lutar o pensamento
Com mil vários objectos, que umas vezes
Medonhos no semblante me aterravam,
Outras todos alegres, e trajados
De belas cores, que pomposas vestem
Lisonjeiras, vaidosas esperanças,
Mil fabulosos bens me prometiam;
A um suavíssimo sono pouco a pouco
Os sentidos entrego: e breve espaço
Os lassos membros repousado tinham,
Quando movendo a leve fantasia
Mil confusas imagens, me apresenta
Um galhardo mancebo, que librado
Sobre pintadas plumas, cruza o vento.
Na cabeça trazia por turbante
De ricas pedras tauxiado búzio,
No qual apavonada borboleta
A miúdo batendo as subtis asas,
Em vez de airão, servia de remate.
Uma gorjeira de esmaltadas penas
O colo lhe cercava, e nela em partes
De prata, de ouro, e cobre cem medalhas
De famosos heróis pendentes tinha,
Numa das mãos trazia um grande molho
De várias ervas, de diversas flores:
Noutra um fruteiro de metais diferentes
Todo lavrado, pois ao mesmo tempo
Entre o ferro, entre o chumbo, estanho, e cobre
Em vistosos florões ali brilhavam
Com soberbo relevo a prata e o ouro.
Em seu seio mostrava em larga cópia
Peixes, conchas, corais, troncos, e ossos
Em duras pedras todos convertidos.
Antigos camafeus de ouro cercados
Os dedos lhe cobriam, e a cintura
De grossa pele de manchada cobra
Lhe apertava em mil voltas larga faixa.
Em vez de áureo coturno, finas peles
De estranhos animais calçava airoso,
Que em mil diversas flores recamavam

De ricas perlas preciosos fios.
 Admirado da grande formosura,
 Que no rosto lhe brilha, e sobretudo
 Da pompa estranha, que em seu trajo via,
 Atónito fiquei por largo espaço:
 Quando, soltando a voz, assim me fala
 O mancebo gentil: Se pelo rosto,
 Pelo gesto, figura, pompa e trajo,
 Ó rústico mortal, me não conheces,
 Ouve, e sabe quem sou. Eu sou o Génio,
 Que sobre o teu Museu atento vela,
 Que invisível o cerca, que o protege,
 Que cuida em aumentá-lo e enriquecê-lo.
 Para este fim rompendo a densa nuvem,
 Que a teus olhos me cerra, a advertir-te
 De teus descuidos vigilante venho.
 Como esperas, Elpino, que ele creça
 Nas ricas produções da Natureza,
 Ou nas que destra mão de antigo mestre
 Subtilmente lavrou, que o tempo esconde
 Da madre Terra no profundo seio,
 E que a mão favorável do Destino
 Mil vezes aos mortais descobre e mostra,
 Se ingrato aos benefícios, os esqueces?
 Ricas medalhas, esquisitas conchas
 Mão liberal te envia, e tu não curas
 Nem ao menos sequer de agradecê-las!
 Aqui chegava, quando um grão ruído
 De meus olhos espanta o leve sono;
 Mas impressa me fica na lembrança
 Do gracioso sonho toda a história.
 Doutíssimo Sachetti, tu que o tempo
 *Em contínuas vigílias sobre os livros
 Utilmente gastando, tanta fama
 A teu nome tens dado no alto estudo,
 Que eterniza de Cós a antiga glória;
 Que aos míseros mortais da fraca vida
 Ou estendes o fio, afugentando
 De seus membros a pálida Doença,
 Ou de seus males a tirana força
 Suavemente moderas, tu bem sabes
 Que dos sonhos o albergue caprichoso
 Duas tem entre si diversas portas,²⁴
 *Diversas na matéria e serventia:
 Que de branco marfim uma é talhada,
 Outra da curva ponta, que guarnece
 Ao roubador de Europa a turva frente:²⁵

²⁴ Alusão ao lugar de Virgílio (*imitado de Homero*):
 Sunt geminae somni portae, etc.
Aeneid. L. 6. v. 893, e seg. (Nota do Autor).

Que pela córnea saem os verdadeiros,
Se pela ebúrnea vêm os fabulosos.
Pela córnea os Céus, creio, me mandaram
Este que acabo agora de pintar-te:
Para pagar-te, para agradecer-te,
Inda que tarde, os dons que me enviaste.
Mas com que pode um mísero Poeta
Benefícios pagar, senão com versos?
Versos pois te remeto: e tu que as plantas
Longe da estrada do ignorante vulgo
Estampas felizmente, recebê-los
Com rosto alegre deves; pois conheces
Dos versos todo o preço, e que só eles
Dos vórtices do Letes salvar podem
Nos séculos futuros nossos nomes.

²⁵ Zeus transformou-se em touro para se aproximar de Europa por quem se tinha apaixonado.

CARTA

Do Padre Manuel de Macedo ao Autor

Esta carta e a sua Resposta vêm na segunda e terceira Colecção

Dinis, meu bom Dinis, da vil lisonja
Nunca achacou meu ânimo. A Verdade
Unicamente é o Ídolo, que adora
Um coração nutrido com os dogmas
Da sã Filosofia. O meu incenso
Só do Merecimento nos altares
Com mão pródiga queimo. De que pejo
Manchadas não veria as minhas faces,
Se o sórdido interesse um louvor falso
Da boca me arrancasse? As almas nobres
Nada torcê-las pode. Do ar corrupto,
Que a descarada adulação respira,
Com pé ligeiro fogem. Tu o sabes:
Por exp'riência o sabes. Que me importam
De Anselmo as riquezas? Se nadando
No seio das delícias passa a vida,
Da risonha fortuna se entre os braços
A sono solto dorme, revolvendo
Sobre fofos colchões de brandas penas
O regalado corpo: por ventura
Não conhecemos nós que a contingência
A que sujeito está, dos bens, que goza,
Diminui o valor? Da curva roda
O curso desandando, tem seus ombros
Robustas forças para sustentarem,
Sem que curvados gemam, sem que estalem
C'o peso da desgraça? Contundido
Na poeira, que levanta o grão Colosso,
As ruas com estrondo estremecendo,
Das douradas berlindas, como os fumos
Da vaidosa cabeça dissipados
De repente verá! Cedros mais altos
Do solto vento ao ímpeto cedendo²⁶
Não caíram por terra? Sábia Mestra,
Que do mundo os sucessos nos ensinas
Para nossa cautela, de que exemplos
Longa série nos teces? Quem agora
A belicosa frente guarneceida
De verdes louros traz, o grilhão torpe,
Do vencedor atado ao carro ilustre,
Não arrastou depois? Sem que voemos

²⁶ *Falta este verso na terceira Colecção. (Nota do 1º Editor).*

Por estranhas regiões, dentro da Pátria
De que feias catástrofes não temos,
Não só cheia a memória, os olhos cheios?
Feliz tu, que trilhando outra vereda,
Dos Mirandas a par, a par dos Britos,
Dos Camões, dos Bernardes, dos Ferreiras,
(Honrados apelidos, que do Tempo
Devorador triunfaram) largo campo
De te imortalizares tens achado!
Não é debaixo de estucados tectos
Que te recolhes: pavilhões soberbos,
Preciosas baixelas não possuis:
Mesquinha foi contigo a cega Deusa
Que a seu arbítrio os cabedais reparte.
Mas um engenho dando-te aquilino
A fértil Natureza, que das ciências
Os mistérios recônditos penetra
Com rápido progresso, de que espécies
Te não enriqueceu? Ao casto peito
Das nove Irmãs criado, com que brio
O brado engrossas de teu nome amável,
Que por diversos climas leva a Fama
Nas transparentes asas? Pátria ingrata,
Se envolto em lençol pobre repousaram
Do Épico Cantor as nobres cinzas
Em rasa sepultura, quem da infâmia
Remir-te poderá? Do mendigado
Pão de que se nutria, quem se lembra
Que de lágrimas ternas não arrase
Os magoados olhos? Nova estátua
Ao seu merecimento levantando
Do Ganges e do Tejo sobre a crespia
Superfície soando a tuba de ouro,
Que dos Lusos a glória eternizara.
Tu que os grandes vestígios tens seguido,
O passo não afrouxes na carreira.
Um património tens que da injustiça
E da inveja não teme o voraz dente:
Todos te estimam: entre todos tenho
Um distinto lugar para aplaudir-te.
Da tua boca pendo quando te ouço:
Quisera ouvir-te sempre. As Graças belas,
De seu poder o encanto refinando,
Na tua língua habitam. Bens caducos
Como do bom Dinis ocupar podem
O espírito divino? De outra classe
São os dons, que Minerva te prepara
No santo cume do farpado monte.
Para a glória trabalha: a glória é tua.

RESPOSTA

Do Autor a Macedo

Se a sã Filosofia, que o engenho
Com seus raios te ilustra, esclarecesse
De todos os mortais a cega mente,
Quanto, caro Macedo, mais ditosa
Seria a raça humana! Aos pés do Vício
Jazer não se veria indignamente
A mesquinha Inocência: A santa Astreia,
Na dourada balança equilibrando
Merecimento e prémio, culpa e pena,
De c'roas ornaria os virtuosos;
E a máscara rasgando à vil lisonja,
Por terra lhe abatera o torpe vulto,
Que sem vergonha ou medo audaz levanta;
Só se amara a Virtude e se seguira.
Mas se este dom dos Céus a poucas almas,
Almas só como a tua, eles oferecem;
Se do mundo nem Eu, nem Tu podemos
Os achaques curar inveterados,
Deixemos que o grosseiro vulgo corra
A incensar os altares da Riqueza;
E das Musas o templo majestoso,
Da Paz e da Inteireza em companhia,
Com Estóica firmeza procuremos.
Esperavas acaso que Lisboa
Mais que Atenas e Roma fosse justa?
Pois se o Lácio já viu, se viu a Grécia
Sem horror condenados e proscritos
Sócrates, Focion, Cícero e Bruto,
Que muito sem asilo hoje me vejas
Oprimido do peso da Fortuna?
Mas que pode fazer-me a caprichosa,
Que a constância me altere e me perturbe?²⁷
Negar-me o seu favor? Em paz lho soffro.
Diógenes na tina recostado
Do vencedor da Pérsia o fausto insulta.
Camões, o grão Camões, desamparado,
Mendigando o sustento, mas na frente
Cingindo o louro, que colheu no Pindo,
Oh! quanto aos olhos meus, quanto mais brilha
Que todas as riquezas de Anselmo!
No regaço do Luxo e da Preguiça
Beba (pois que risonha encontra a sorte)
Por cristais de Alemanha em lauta mesa

²⁷ *Falta este verso na terceira Colecção. (Nota do 1º Editor).*

O suave licor que o Reno nutre:
Em brilhantes carrinhos tremer faça
As populosas ruas de Lisboa:
Nem assombro me causa, nem inveja.
Do bom cisne Dirceu os altos voos,
Com que cantando às nuvens se remonta;
O sonoro clarim do Luso Homero;
E a tua fácil, doce, e branda veia
Só, Macedo, cobiço, só invejo.
No meio pois da Corte solitário,
Sem conhecer os ricos, nem os Grandes,
Dos Grandes e dos ricos desprezado,
Passo em serena paz as horas leves,
As vezes contemplando as várias obras
Da mão da natureza; às vezes lendo
As famosas acções que noutra idade
Obrou o Luso braço. Então minha alma,
D'alto Nume inspirada, se transporta.
Vejo as cruéis batalhas, vejo a Guerra
Vestida de diamante pelos campos,
De sangue e de ruínas tapizados,
Membros inda fumantes devorando:
Vejo Lima, Furtado e o grão Botelho,
Ao lado da Vitória eternizando
Com sua espada a Lusitana glória.
Então a Lira tomo, e em seu aplauso
As cordas pulso do Cantor Tebano:
E seguindo seu rasto luminoso,
No templo da Memória os grandes nomes
Indeléveis gravar ousado emprendo.
Então com rosto inteiro e sossegado,
Ouço que o vão Alcandro, porque cinge
Na calva frente a respeitável Mitra,
De poeta me nota, e de ocioso,
Enquanto nas pomposas assembleias
Entre tortas, brilhantes serpentinas,
Jogando passa o Whist a noite inteira.
Mas a morte voraz, que a longos passos,
Alçada a curva foice, o vai seguindo,
Vingará sem piedade o grande insulto
Feito em mim, feito em ti às Santas Musas.
Vibrando o fero inevitável golpe,
Seu nome lançará n'horror do Letes;
Sem que as Honras lhe valham, nem os Trunfos
Nem todo o resplendor da hierarquia:
Enquanto o teu de fama coroadado
Aos confins voará da eternidade,
Da inveja vencedor, do tempo e morte.
Quantos a Alceu iguais no grande império
Em seu trono adorou a antiga Lesbos?

Pois quem deste salvou o grande nome
De entre as garras cruéis do Esquecimento,
Enquanto que para sempre sepultada
Nas letárgicas ondas a memória
Dos outros jaz? acaso foi, Macedo,
O Real sangue, a púrpura brilhante,
A riqueza, o poder? Ah! tu bem sabes
Que nada disto foi. A doce Lira,
Que nas mãos lhe entregou benigno Apolo,
E cujos ecos, apesar dos anos,
Inda nossos ouvidos adormentam,
No mundo eternizou a sua fama.
Que a cítara sonora é só quem pode
Segurar-nos da póstuma memória.
Nestes dogmas há muito instituído,
Animado por ti, por teu exemplo,
A virtude fiel sacrificando,
A estrada seguirei do excelso Pindo,
Estrada que primeiro tu pisaste;
E talvez que em seu cume inda algum dia
De altos louros me vejam coroados.

ELEGIAS

I

Sobre o Terramoto de Lisboa

Esta Elegia no Original de Coimbra consta de 313 versos; na terceira Coleção é que o Poeta a encurtou e corrigiu da forma por que agora se imprime.

Ai que funesto objecto, e que horroroso
Estão aos tristes olhos ofrecendo
As ruínas, que observo lagrimoso!

Que enorme confusão! que estrago horrendo!
Onde a ideia esmorece, e duvidando
Quase fica do mesmo, que está vendo.

Será este, que absorto estou notando,
O mísero destroço de Corinto,
Ou de Numância o estrago miserando?

Das ruínas no imenso labirinto
Do que foram os lúgubres fragmentos
Um sinal vejo apenas mal distinto.

Batidos do furor dos elementos
Por terra, e em terra vil jazem tornados
Os Palácios, Teatros, e Conventos.

Os montes de si mesmo despenhados
Dobram o espanto, dobram os temores,
Em montes de ruínas transformados.

A parte, que do incêndio, dos tremores
Resistiu aos impulsos, debruçada
Ameaçando está novos horrores.

Em tão feio espectáculo tornada,
Quem pode conhecer-te, ó populosa
Do Luso Império Corte celebrada!

Ai! de que te valeu o ser famosa
Desde o Atlântico mar ao mar da Aurora,
E por tantos triunfos gloriosa?

Que de tantas Nações o ser senhora?
Se num ponto por terra derrocada
Esqueleto de horror jazes agora.

Das entranhas da terra a fronte irada
O sulfúreo vapor súbito alçando,
Num ponto só te reduziu a nada.

Ai que cena de horror! que aspecto infando
A consternada ideia me apresenta
Esse instante fatal e miserando!

De horror me cubro, quando a voz intenta
O estrago memorar, quando contemplo
Da grão Lisboa a destruição violenta.

Caiem os Altares, cai o Santo Templo,
Deixando nas ruínas sepultados
O povo e Sacerdotes: triste exemplo!

Os que escapam do estrago, desmandados
Pelas ruas errando, ficam nelas,
Uns vivos, outros mortos, enterrados.

A cada passo tímidas Donzelas,
Até das que ao Senhor são consagradas,
Ferem com altos brados sol e estrelas.

Qual a banda das pombas, que espantadas
Alçam sem tino o voo temeroso,
Sem tino errando vão descabeladas.

Junto da cara Esposa cai o Esposo;
O filho junto ao Pai, a quem corria
De entre as ruínas a salvar piedoso.

Mas ai que a maior mal o mal subia!
Pois duma parte as ondas, doutra o fogo
Dobram dos infelizes a agonia.

No horror de tantos males desafogo
Ao consternado povo lhe não resta,
Mais que clamar ao Céu com pranto e rogo.

Qual de deserto monte na floresta
A pequena fâisca desprezada,
Que c'o vento se acende, e o mato cresta;

E dum tronco saltando acelerada,
Noutro tronco redobra a veemência,
'Té em cinzas deixá-la transformada;

Tal na infeliz Cidade com violência
Dum edificio noutro ia saltando

O incêndio assolador sem resistência.

Entanto de seu seio o mar roncando,
Em serras sobre as praias se lançava,
A muitos nas entranhas sepultando.

Em toda a parte o estrago se aumentava,
Em toda a parte o susto, em toda o espanto
Em mil formas a morte apresentava.

Mas ai que ao recordar destroço tanto
O sangue se me gela, e palpitante
Me sinto sufocar em largo pranto.

Tu que passas veloz, ó caminhante,
Cheio de piedoso sentimento,
Detém os passos por um breve instante.

Repara neste estrago, e observa atento
Essas ruínas, que em silêncio triste
Cada uma te está dando um escarmento.

Se em tempo mais feliz acaso viste
Da opulenta Lisboa a majestade;
Vê de tanta grandeza o que hoje existe.

Apenas restam da infeliz Cidade
Umhas leves relíquias, que ficaram
Para dar desenganos à vaidade.

Os Templos, e Palácios que custaram
Tanto estudo, e primor à Architectura,
Vê como em pó, em nada se tornaram.

Olha bem, e comigo conjectura
Que se até falta aos mármorez firmeza,²⁸
Que firmeza terá mortal ventura.

Assim por terra cai toda a grandeza,
Sem que a livrá-la baste esforço ou arte
Da lei comum da frágil natureza.
Pois viste o grão destroço, chora e parte.²⁹

²⁸ *O Autor escreveu:* a firmeza. (Nota do 1º Editor).

²⁹ *O Autor escreveu:* E pois viste, etc. (Nota do 1º Editor).

II

Acha-se no Original de Coimbra no meio de uma obra, que o Autor havia começado a escrever em prosa e verso, à semelhança da Lusitânia Transformada, e a que pôs por título Jornadas.

Lá onde o rio Lima sossegado,
Cortando os campos cheios de verdura,
Corre a pagar tributo ao mar salgado,

Um bosque se levanta, onde se apura
A sábia Natureza em seus primores,
Que dos Elísios Campos é figura.

Ali se vem nascer entre outras flores
O vaidoso Narciso, que inda agora
Em as águas contempla os seus amores.

O Jacinto infeliz, que Febo adora,
Clicie, que a luz do sol segue constante,
E o moço, por quem Vénus inda chora.

Junto da madressilva tão fragrante,
Do roxo cravo, da purpúrea rosa,
Que a Citereia deve a cor brilhante,

Crecendo a murta está verde e cheirosa,
Que à bela Mãe de Anteros consagrada
A c'roa lhe teceu da mais formosa.

O amor-perfeito, flor que tanto agrada,
Entre os martírios nasce, entre os azares,
Que inda em flor deles crece rodeada:

Andam na selva os pássaros aos pares,
Voando dum raminho a outro raminho,
De suave harmonia enchendo os ares.

Enquanto o simples tordo tece o ninho
Para os implumes filhos, o sustento
O negro melro leva no biquinho.

Ali em brandas queixas rompe o vento
A doce Filomena, que inda sente
Do bárbaro Tereu o atrevimento.

O níveo cisne junto da corrente
De seus cantos se apura na cadência,
Para a morte esperar suavemente.

Do vário pintassilgo em competência
A casta rola sente lastimada
Do roubado consorte a dura ausência.

No ramo duma faia levantada
Em doces giros com arrulho brando
Busca o parceiro a pomba namorada.

A melífera abelha sussurrando
Colhe das lindas flores o rocío,
Que vai em doces favos transformando.

Dos verdes montes a buscar o rio
Descem muitos regatos de água pura
No Inverno ou primavera, Outono ou estio.

Na grata solidão desta espessura
Lorino fui pastor de manso gado,
Enquanto o permitiu a sorte escura.

Tanto das belas Ninfas celebrado
Quando a harmoniosa Cítara tangia,
Como dos Pegureiros invejado.

Em sossego feliz, feliz vivia
Logrando em paz a dita verdadeira,
Porque inda as leis do Amor não conhecia.

Ou no baile, ou na luta, ou na carreira
De tal sorte os cuidados empregava,
Que a todos levei sempre a dianteira.

Enquanto nesta vida me empregava,³⁰
Nos olhos da belíssima Liceia
As ruínas Cupido me traçava.

Colhendo um dia conchas dentre a areia,
Quando o sol se escondia no Ocidente,
Este prodígio vi da nossa aldeia.

Abrasado de amor em continente
A vida lhe rendi, e a liberdade
Envolta da alma num suspiro ardente.

Viu a Ninfa o meu mal, e a piedade
De meus extremos e ânsias comovida,
Jurou de minha ser sua vontade.

³⁰ *O Poeta não reparou na repetição viciosa da palavra empregava.* (Nota do 1º Editor).

Tão fortemente uma alma a outra unida
Ficou, que em nós parece se não dava
Mais do que uma alma só, uma só vida.

Dela nem um instante me apartava,
Que nem o Deus frecheiro o consentia,
Nem a vida sem vê-la me agradava.

Apenas o almo Sol aparecia
Com seus raios dourando o horizonte,
Quando um do outro buscava a companhia.

Levávamos o gado para o monte,
Até que por passar a ardente sesta
Buscávamos alguma clara fonte.

Ali com a Pastora em doce festa
Lograva venturoso aquelas glórias,
Que Amor aos seus súbditos empresta.

Ali (mas ai de mim! que estas memórias
Em meu dano as conserva o pensamento
Porque me matem ditas transitórias),

Ali me repetia o juramento
De minha ser, enquanto conservasse
De vida tão gostosa o doce alento.

E porque a mais a glória se elevasse,
Outras vezes com ânsia me pedia
Que sobre o branco peito me encostasse.

Quantas vezes suspenso no que via,
Receei que as venturas, que lograva,
Fossem só ilusão da fantasia!

Com menos ânsia a vida se enlaçava
No verde olmo apertando os fortes laços,
Com que no amado tronco se enredava;

Do que nós em suavíssimos abraços
Entre alternadas ânsias e suspiros
Formámos a prisão de nossos braços.

Oh quantas vezes em amantes giros
De nossa glória as aves invejosas
Alternaram de Amor os doces tiros!

Oh quem contar pudera as amorosas

Palavras, as lisonjas, a ternura,
Que o nosso puro amor fez tão gostosas!

Contempla tu, Pastor, se por ventura
Poderá idear a fantasia
Uma vida mais cheia de doçura.

Era tudo prazer, tudo alegria
Enquanto se empregava o pensamento,
Sem sombra de pesar, ou agonia.

Quando a sorte mudando o movimento
A roda, converteu tiranamente
Tanta dita em tão áspero tormento.

Selvágio, pastor rústico e inclemente,
Que aprendera dos montes a dureza,
Onde o gado guardava antigamente;

De Liceia admirando a gentileza,
Deixava de seguir o mesmo gado,
Somente por seguir sua beleza.

Mas vendo os seus serviços desprezado,
Como cruel mudou de pensamento,
Em ódio todo o afecto transformado.

Um dia quando o sol seu luzimento
Começava a esconder, e a noite escura
De nuvens vinha enchendo o firmamento;

Eu e a minha Pastora da espessura
O gado recolhíamos contentes,
A Amor rendendo graças e à ventura.

Quando dentre uns penhascos eminentes,
Que faziam sombrio o doce prado
Com os ramos das árvores pendentes,

Vejo sair um vulto todo armado,
Que em direita a nós vinha correndo,
De quatro ou cinco mais acompanhado:

E com a bela Ninfa arremetendo,
Agarrando-a veloz entre os seus braços,
Se foi por entre as penhas escondendo.

Qual o tigre feroz, que em duros laços
Lutando o filho vê, que em vão se cansa
Por desfazer da rede os embaraços:

Impaciente bramindo não descansa,
'Té que pelo livrar, com ânsia forte
Entre as mesmas prisões cego se lança;

Nas quais exp'rimentando a mesma sorte,
Se não pode evitar-lhe o cruel dano,
O acompanha fiel na triste morte:

Assim eu vendo presa dum tirano
A prenda, que meu peito tanto amava,
Invisto aos companheiros cego e insano.

Mas de balde o cajado manejava,
Pois das flechas fiquei todo ferido,
Que cada um contra mim arremessava.

Até que de vigor destituído
Pela cópia de sangue que vertia,
Caí na verde relva sem sentido.

Quando a rosada Aurora aparecia,
(Oxalá consentira o duro Fado
Mais não tornasse a ver a luz do dia!)

Tornando a respirar, me vi deitado
Na minha pobre choça, dos Pastores
De todo aquele vale acompanhado.

Contaram-me ali, como os guardadores
Me encontraram na selva sem alento,
Regando com meu sangue as brancas flores.

Disseram-me também (oh que tormento!
Oh como agora aviva a fantasia
As imagens cruéis do sentimento!)

Que nem da bela Ninfa se sabia,
Nem de Selvágio, e só alguns cuidavam
Que com ela a outros campos fugiria.

Se minha alma estas novas trespassavam,
Tu, gracioso Pastor, o considera,
Pois sabes quanto elas me tocavam.

Quantas vezes pedi à Morte fera
Que eternamente os olhos me cerrasse!
Mas em vão o que anda um triste espera.

Oh, quantas desejei que se tornasse

Em veneno mortal a medicina,
Porque esta infeliz vida se acabasse!

Mas como a dura sorte determina,
Conservar-me uma vida, que não quero,
Para desgraça maior, maior mofina;

Tanto o mal abrandou o impulso fero,
Que as feridas em breve se cerraram
Com as ervas do Mágico Sincero.

Mas tão impressas na alma me ficaram
As memórias do bem por quem morria,
Que a buscar outras selvas me obrigaram.

Dos Pastores deixei a companhia,
E o rebanho perdido na montanha,
Dos lobos todo entregue à fúria impia.

Não há monte, nem bosque, nem campanha,
Que não tenha confuso discorrido,
Por ver se acho meu bem em terra estranha.

Mas de nada até aqui me tem servido
Mais do que andar a relva alimentando
C'o pranto, que os meus olhos têm vertido.

Vou por montes e vales suspirando,
Qual anda pela serra a rês perdida,
Com mugidos as penhas abalando.

E como vive já destituída
Minha alma de esperanças desta sorte,
Só busco onde acabar a amarga vida,
Se é que há para infelizes também morte.

AS METAMORFOSES

In noua fert animus mutatas dicere formas Corpora.

Ovid. I. Metamorph.

Estas Metamorfozes são desconhecidas em todas as antigas Coleções, excepto a II que vem na Vimieirense. O Senhor Marechal de Campo Matias José Dias Azedo foi o primeiro que nos Comunicou de todas elas uma cópia bastante imperfeita e errada, a qual depois corrigimos à vista do próprio original do Autor que conserva o Exmo. Senhor Luís Beltrão de Gouveia. Também nos Apontamentos originais, que já algumas vezes temos mencionado, se acham as doze Metamorfozes e ainda que a sua lição seja mais antiga, e menos apurada, que a do último Original, não deixámos de a seguir nalguns lugares, em que evidentemente ela se devia preferir.

A TIJUCA

METAMORFOSE I

Ao Senhor Luís de Figueiredo

Entre os soberbos montes, que formando
Em seu ameno dilatado seio
Do Rio a graciosíssima baía,
Do mar, que em vagas muge, a fúria quebram,
Numa densa floresta, que se eleva
De alcantilada serra sobre o cume
As altas nuvens, tinha seu albergue
Tijuca, do Brasil formosa ninfa.
Desde a primeira idade desprezando
De Minerva os estudos, suas artes,
Suas delícias eram pelas selvas
Seguir as montarazes brutas feras.
De mil graças em vão, de mil encantos
Seu gentil rosto, seu airoso talho
Ornara liberal a Natureza:
Em vão ante seus olhos, sacudindo
As luminosas teias, em mil giros,
Voa o casto Himeneu, Cupido voa,
De extremosos amantes os suspiros
A seus pés ofertando; que Tijuca
Em seus feros prazeres embebida,
Da caça à ambição tudo pospunha.
Na estendida Comarca não existe,
Nem em seus arredores agra serra,
Ou fechada floresta, impenetrável
De seus fragueiros pés a ligeireza:
Os ares não cruzava veloz ave,
Ou o mato intrincado brava fera

Segura de seu arco aos prontos tiros,
Por mais que a Natureza em vão a armasse
De agudas presas, de ligeiras penas:
De seu valor e sua formosura
Em breve pelos circunstantes bosques
A fama se espalhou, e não havia
Algum habitador daqueles matos,
Que os despojos render-lhe não viesse,
Como a Deidade tutelar das selvas,
Das mortas aves, das rendidas feras.
Diana em tanto, que invejosa olhava
Suas aras sem culto, sem ofrendas,
Contra Tijuca de cruenta sanha
Vingativa se armou. Ah como cabem
Nos ânimos celestes tantas iras!
Um dia pois que a Ninfa trabalhada
De render a seus pés aves e feras,
Dum cristalino córrego nas margens
Ao som de suas águas adormece;
A um fauno hirsuto manda, que lhe furte,
Enquanto ela dormia, setas e arco
Dum ramo onde pendentes as deixara.
Então vendo-a sem armas, do mais denso
Da intrincada floresta prontamente
Contra a inocente, descuidada Ninfa
Um faminto, açodado Tigre envia;
Que sobre a preia fita a acesa vista,
A devorá-la corre, e com a fúria
Estalar faz os troncos, que encontrava.
Ao ruído assustada acorda a Ninfa;
E ao ver a voraz fera, a mão estende
Ao ramo onde seu arco pendurara.
Mas qual seu pasmo foi, quando o não acha!
Outro meio então vendo lhe não resta
Para a vida salvar, mais do que a fuga,
De seus pés se encomenda à ligeireza.
Corria tão veloz que o leve vento
Mal pudera igualar sua carreira.
Já grande espaço a famulenta fera
Deixava atrás de si, e já se cria
Livre de seu furor, quando na borda
De improviso se vê duma alta rocha,
Que num vale profundo se despenha,
Toda talhada a pique. Nesse instante
Quem poderá dizer qual de Tijuca
Foi a grande aflição, foi o desmaio!
Duma parte vibrando as curvas garras
Já quase sobre si o Tigre via;
Ante seus olhos da outra contemplava
Num cego abismo aberta a sepultura:

Não há a quem se acorra mais que aos Deuses,
E aos Deuses se volvia: fita a vista
No Céu, aos Céus as palmas estendendo,
Entre tristes soluços assim clama:
Se a vós, imortais Numes, algum dia
Chegou de minhas vítimas o cheiro,
Apiedai-vos de mim, Numes, valei-me.
Disse, e subitamente de seus olhos
Em borbulhões rebentam duas fontes:
Pelo nevado colo gotejando
Os seus soltos cabelos se convertem
De cristalino humor em longos fios:
Dos estendidos torneados dedos
Ao mesmo tempo aos livres ares pulam,
Borrifando de em torno as verdes plantas,
Outros tantos esguichos de água clara:
E em dois ferventes jorros pouco a pouco
Resvalando lhe vão os pés formosos.
Enfim, qual da alta serra a branca neve
Com os raios do Sol cai derretida,
Despenhando se vai pela agra serra
Toda em água Tijuca transmudada;
Que junta lá no vale, o Rio forma,
Que da Ninfa inda tem o antigo nome;
E girando qual serpe tortuosa
Por entre o denso mato, está mostrando
O grande amor, que viva às selvas tinha.

Esta, meu caro Lísio, é da Tijuca
A famosa Cascata. Se tu queres,
Enquanto em paz de Némesis descansa
A balança fiel, ali podemos
Das Musas na suave companhia
Alguns dias passar em útil ócio.

O CRISTAL E O TOPÁZIO

METAMORFOSE II

Ao Senhor José Antônio da Silva, Assistente na Capitania de Pernambuco.

Inda no seio da espumosa Tétis
As atrevidas proas se ocultava
Da madre Terra a quarta parte nova;
Quando em seus campos graciosa Ninfa,
Seguindo as feras, fatigava os bosques.
Cristália era o seu nome, e a mais formosa
Que até hoje pisou o novo mundo.
Mais alvos do que a neve, que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada boca
Dos cravos e das rosas a cor viva,
Dos olhos doce encanto, lhe brilhava:
E sobre o colo de alabastro fino
Em crespos fios de ouro lhe ondeava
O comprido cabelo solto ao vento.
Amor travesso, que em seus olhos mora,
Tão vivas chamadas deles despedia,
Que neles sem alívio se abrasavam
Os tristes corações de mil amantes.
Enfim era Cristália tão formosa,
Que inveja à Mãe de Amor fazer podia.

Um dia, que de agudo dardo armada
Com seus cães denodada perseguia
Um mosqueado Tigre na floresta,
A viu passar um rústico Silvano,
(Quanto melhor lhe fora, se a não vira!)
Que habitava o horror daqueles matos.
Topázio se chamava, e era tido
Entre os Silvestres Deuses do contorno
Pelo mais sábio em grande acatamento.
Viu-a, e vê-la e adorá-la foi o mesmo.
Desde este ponto o triste um só instante
Não deixou de seguir suas pisadas.
Em vão tentou com lágrimas e rogos,
Em vão com tristes dons mover o peito
Da dura Ninfa, mais que os montes dura.
Em bravíssima costa alto rochedo
Tão firme não resiste às duras vagas
Do mar, que em flor rebenta em suas abas,
Como a fragueira Ninfa resistia
As tristes mágoas, ao contínuo pranto
Do importuno Topázio. Quantas vezes

Dos mortais invejou o triste a sorte,
Desejando acabar a infeliz vida!
Mas a lei dura pelo Fado escrita
Em rígido diamante, lhe embargava
Este mísero alívio. Quantas vezes
Ao Amor se queixou da ingrata Ninfa!
Mas o travesso Deus, que por deleite
Os corações amantes atormenta,
Que de pranto e de sangue se não farta,
Outras tantas se riu de suas queixas.
Desenganado enfim de achar remédio,
Servindo e suspirando, a seu tormento,
Tentar manhoso a força determina.
Ah rústico Topázio, a que te arrojás!
Tem-te, insano, suspende a dura força!
Suspende! que infeliz te precipitas!
Ternos suspiros, lágrimas ardentes,
Brandos rogos, invicto sofrimento
As fortes armas são, que só sujeitam
Rebeldes corações de ingratas Ninfas.
Ai! que se elas não bastam, nada basta.

Junto de um claro rio, que corria
Bordando com mil giros a campanha
De fragrantas boninas, se elevava
Um frio bosque de árvores sombrias,
Onde os campestres Deuses, na alta noite
Com os Faunos foliões tecer costumam
Ligeiras, graciosíssimas coreias.
Aqui as verdes folhas encrespando
Serena viração c'o fresco bafo,
Aqui cantando nos confusos ramos
Mil pássaros de mil diversas cores,
Doce paz, doce sono derramavam.
Aqui pois uma sesta, fatigada
De seguir pelo mato as bravas feras,
De suor e de sangue salpicada,
A repousar Cristália se retira.
Num ramo dependura o ebúrneo arco,
Noutro o buído dardo, e sobre a aljava,
Inocente do mal, que ali a espera,
O lindo rosto mansamente inclina.
Em breve espaço lisonjeiro sono
Os membros lhe ocupou. Então Topázio,
Que idónea ocasião anda espiando
Para suas traições há longo tempo,
Com ela arremeteu, e os tenros braços
Com seguras cadeias, que tecera³¹

³¹ *Falta este verso no último Original.* (Nota do 1º Editor).

De floridas vergôntas, manso, manso
A uma árvore vizinha lhe prendia.
Seguro da vitória, em voraz fogo,
Que as entranhas lhe corre, todo ardendo,
O Silvano insofrido se dispunha
De seus desejos a tocar a meta;
Quando a Ninfa acordou, e ao ver-se presa,
Do lascivo Topázio ao ver a fúria,
Desbotadas do rosto as vivas rosas,
Palpita, e semiviva aos Céus levanta
Os belos olhos, porque as mãos não pode;
E com cortada voz assim exclama:
Ó Deuses! Se entre vós algum assiste,
Que dos tristes mortais cuidado tenha,
Duma inocente mova-vos a sorte,³²
A virginal pureza defendei-me.
Disse, e subitamente (caso estranho!)
Os delicados membros se lhe gelam,
E em transparente pedra se convertem,
Sem que da antiga alvura nada percam.
E qual cândido jaspe, a quem deu vida
De Policleto, ou Fídias, a mão destra,
Tal fica a bela Ninfa. Largo espaço
Espantado do súbito prodígio,
Imóvel fica o mísero Topázio;
Mas logo que em si torna, sobre o colo
Do adorado Cristal se precipita:
Com terno pranto o rega, e ardentes beijos
Na fria pedra suspirando imprime.
Logo em cruéis imprecações horrendas
Se volve contra Amor; dum tigre Hircano,
De uma Marpésia rocha filho o chama:
O seu arco detesta e suas frechas.
Depois ao Céu se torna, e em seus delírios
De quando em quando repetir se ouvia
Com ternas vozes de Cristália o nome.
Enfim tais coisas fez, tais coisas disse,
Que os Deuses, lastimados de seus males,
A dar-lhe algum remédio se moveram.
Louco, sem tino à pedra se voltava,
E os pés endurecidos se lhe travam.
Os braços a abraçá-la aflito estende,
E os braços estendidos se endurecem.
Frio gelo lhe corre pelas veias,
E o sangue pouco a pouco lhe coalha.
Cristália quer chamar, e a fria língua
Dobrar não pode. Enfim desta maneira
Ficou também o mísero Topázio

³² *Falta este verso no último Original.* (Nota do 1º Editor).

Todo em pedra tornado, que inda guarda
Na cor a palidez do aflito rosto:
E junto de um penedo outro penedo.

Graciosíssimo Sílvio, tu, que habitas
Os ricos campos, que pisaram vivos
A bela Ninfa, e o desgraçado amante;
Onde ainda depois de tantos anos
Em finas pedras convertidos brotam:
Se do pobre Museu do teu Elpino
Inda cuidado tens; ah! tu com elas
Cuida, amigo, também de enriquecê-lo.
Que as Ninfas de Permesse, que mil vezes
De entrar em meu albergue se não pejam,
Ao som da minha Lira descantando
Levarão às Estrelas o teu nome.

A MARIPOSA

METAMORFOSE III

A Marília

Houve nos priscos tempos uma Ninfa
Sem igual na beleza e na esquivança;
Mariposa seu nome, e seus costumes
Eram o desprezar do Amor a chama,
Ainda que Himeneu em suas aras
Inocente a tornasse; disto alarde,
E disto se jactava a crua Ninfa.
Um dia, que no templo de Diana
A casta Deusa oferta em sacrificio
De castas açucenas um cestinho,
Acaso ali a viu um gentil moço,
E desde este momento não ocupam
Seu terno coração mais que a beleza,
Mais que as graças da linda Mariposa.
Os dias sem repouso consumia
Ou vendo a Ninfa, ou vê-la procurando:
E as noites contemplando desvelado
De seu mimoso rosto nos encantos:
Ou se acaso dormia, a sua imagem
Em ledos vendo mentirosos sonhos.
Desta arte longo tempo o triste passa,
Seu fogo alimentando na esperança
De poder inda um dia ser ditoso.
Mas oh, quanto se engana! que esse monstro,
Que Amor os mortais chamam, que tirano
Por arte e natureza se deleita
Dos tormentos que atura quem o abriga
Dentro em seu coração; ferindo injusto
Seu peito com a seta de ouro fino,
O da Ninfa feriu com a de chumbo,
A inata esquivança acrescentando
O rancor, que nas almas ela gera.
Que excessos neste tempo o terno amante
Não obrou! Que promessas, e que rogos
Não fez e não jurou! Que dons mimosos,
Que lágrimas aos pés da ingrata Ninfa
Não ofertou constante! Mas de balde,
Que a cruel Mariposa endurecida,
Seus rogos e seus prantos escutava
Qual ouve bronca penha em brava costa
Roncar do irado mar as altas vagas.
De sua infausta estrela conhecendo
Então o influxo, e enfim desesperado

De poder amolgar da moça esquiva
O duro peito, mais que o aço duro;
Nas mãos de uma mortal melancolia
Lentamente se entrega, e pouco e pouco
Seus membros e seu rosto, que excediam
Na viveza da cor as vivas cores
Da branca flor de alfena e das papoilas,
Da cor se cobrem, que os junquinhos cobre.
As carnes se lhe mirram e se encrespam,
Os olhos se lhe encovam, e lentamente
Deste modo o infeliz se foi finando
Até que finalmente aflito entrega
Nas mãos do fero Amor a mesta vida,
Sendo da Ninfa o nome a voz extrema
Que sair se lhe ouviu da boca fria.
A triste nova do fatal sucesso
Que faria a tirana? Por ventura
De terna compaixão algumas mostras
Deu o seu coração, deram seus olhos?
Não: antes de cruel vaidade cheia,
A gozar se dispôs c'os próprios olhos
Do lúgubre trofeu, que Amor alçava
A sua formosura, aos seus rigores.
A ver pois do mancebo desditoso
A pompa funeral insana parte.
Mas Némesis severa, que vigia
Dos mortais as acções justas e injustas,
E que jamais sem pena, ou prémio deixa
Merecimento e culpa, a Amor incita
Que crueza tão feia enfim castigue;
Que as setas despedindo, o peito fira
Da esquiva moça com a ponta de ouro.
Já sobre a pira o féretro se via,
Quando a Ninfa chegou; e ao pôr os olhos
No miserando corpo, a derreter-se
A neve entrou, que o coração lhe gela.
Alguns surdos suspiros quase à força
Do fundo de seu peito lhe rebentam.
Em vão quer sufocá-los, que sua alma
Tardo arrependimento já ocupa.
Quantas vezes então a dura Ninfa
Consigo mesma seu rigor detesta!
Quantas a própria vida dar deseja
Por tornar outra vez às vitais auras
O mesquinho, que tanto maltratara!
Treme, soluça, e em mil vários affectos
Seu coração ondeia; porém, quando
À pira se lançou o voraz fogo,
E a crescer principia a labareda;
Quem poderá dizer qual sua angústia,

Qual sua fúria foi? perdido o pejo,
E às fúrias de um amor desesperado
Toda entregue, de em torno à grão fogueira
Corre ululando, e em lúgubres gemidos
De si, de Amor, dos Céus, e de seus fados,
Mas sem fruto, se queixa. Finalmente
Delirante, frenética, a lançar-se
Entre as chamas corria. Mas Diana,
Cujas aras a Ninfa frequentara,
De seu grande furor compadecida,
Desce do Olimpo, e a socorrê-la voa.
Já quase sobre a pira se lançava,
Quando subitamente se lhe encolhem,
Alçando-Se da terra, os pés e pernas:
Os braços, que no ar abertos leva
Para o corpo abraçar do caro amante,
Encurtando se vão, e a antiga forma
Num momento perdendo, se lhe tornam
Em curtas leves asas. O seu rosto,
O seu formoso rosto, onde outra hora
Os Encantos moraram, se lhe some,
E mal perceber deixa os Vivos olhos,
Mal a engraçada boca: Enfim desta arte
Em subtil borboleta ficou toda
Num ponto Mariposa transformada;
Borboleta, que o nome inda conserva,
Entre muitos, da isenta Mariposa;
E que a antiga paixão inda nutrindo,
As claras luzes gira, e alimenta
De abrasar-se nas chamas o desejo.
Belíssima Marília, que tirana
Ouves meus ais, e os meus ais desprezas,³³
De Mariposa na funesta sorte
Toma, insensível Ninfa, toma exemplo.

³³ *O Poeta escreveu:* Ouves os meus ais, etc. (Nota da 1ª Editor).

O CAUÍ

METAMORFOSE IV

Ao Senhor Luís Botelho

Junto das verdes margens, que talhando
O Paraíba vai com suas águas,
Um mancebo vivia o mais famoso,
Entre os outros daqueles arredores,
Em brandir com destreza o curvo arco.
Cauí era o seu nome; e as suas manhas,
Seu valor e seu brio de mil Ninfas
Eram doce atractivo; mas de todas
As que dentro no peito mais sentiam
Lavar este cuidado, uma Itaubira
Por nome tinha, e a outra era Itaúna.
Eram ambas iguais na formosura,
Ambas no amor iguais, iguais na idade.
Mas o frecheiro Deus, que a seu capricho
Os que amam faz felizes e infelizes;
Quis que Itaubira então fosse a ditosa,
De seus olhos vibrando a seta ardente,
Que de Cauí feriu o isento peito.
De um e de outro lado os quebrados ternos olhos
De suas almas foram os primeiros
Intérpretes subtis, que declararam
O vivo incêndio, em que elas se abrasavam.
Mas depois que ao amor cedeu o pejo,
E que ousaram falar-se, que ternuras
Vós solitários montes, não lhes ouvistes!
Entre trespassos mil e mil carícias
Pelos raios do Sol ambos juraram
De se amarem fiéis até à morte;
E à promessa fiéis, até à morte
Com o mesmo fervor ambos se amaram.
Desta arte longo tempo venturosos
Em doce paz, em doce amor viveram;
Até que o vil ciúme cruelmente
Sua doce afeição perturbar veio.
Quanto, ó infame monstro, mais ditosa
Sobre a terra seria a raça humana,
E quanto de invejar a feliz sorte
Dos que amam, e igualmente são amados
Se não foras na terra conhecido!
Junto das praias, que Hele fez famosas,
Numa escabrosa furna, onde morada
A fria Noite tem, se alberga o monstro;
A quem assobiando horrendamente

Em feia confusão cerúleas cobras
Guarnecem a cabeça, e no pescoço
E descarnados braços se lhe enroscam,
E o triste coração está roendo.
Por entre as cegas, carregadas sombras,
Que a caverna, qual denso fumo inundam,
Mal se distinguem sem cessar voando
Espantosas Visões, cruéis Cuidados:
De cem partes soar ao mesmo tempo
Tristes queixas se escutam, tristes prantos,
E contra Amor imprecações horríveis;
Que as naturais abóbadas ferindo,
Retumbam tristemente, enchendo os peitos
De espanto e de pavor. Feras Suspeitas,
Vãos Receios, falazes Aparências,
E às vezes vis Traições, feios Enganos
Os seus Ministros são, suas espias,
Por quem o quanto na terra passa
Entre os amantes sabe, e por quem soube
A sincera união, a paz gostosa,
Em que os dias passavam, desfrutando
Dum recíproco amor todas as glórias,
Itaubira e Cauí. Então disposto
A turbar dos felizes o descanso,³⁴
Um dos duros Ministros, que o rodeiam,
Raivoso chama, e chamejando intima,
Que as asas despregando veloz parta,
E da terna Itaubira o brando peito
Com uma fria cobra, que impaciente
Arranca da cabeça, o peito fira.
Voa a fera Suspeita, e invisível
O que o monstro lhe manda fiel cumpre.
Itaúna, que bem que desprezada,
De seu peito lançar Amor não pode,
Escapar não deixava vigilante
Uma só ocasião de apresentar-se
Sempre louçã do amado moço aos olhos:
E posto que Cauí, como quem tinha
A formosa Itaubira a alma entregue,
E com ela as potências e sentidos,
Em tal não atentava; a Ninfa bela,
A quem o coração ferido havia
A bárbara Suspeita, estimulada
Pelo excesso, que observa em Itaúna,
Começou a temer dentro em seu peito
Da rival a beleza, e do mancebo,
Posto que sem motivo, a inconstância;
E desde este momento principia

³⁴ *O Poeta escreveu: dos infelizes. (Nota da 1º Editor).*

(Ah funesto momento!) as acções todas
De Cauí a espiar atentamente.
Um dia pois que o descuidado moço
Na selva a caçar foi, como soía,
Ela por entre o mato o foi seguindo.
Cauí, depois de haver veloz cansado
As mais ligeiras feras na carreira,
Com seu sangue manchando ervas e flores,
Do calor e do excesso fatigado,
A respirar um pouco se retira
Numa sombria lapa, que se esconde
No mais denso da selva; onde rebenta,
Com suave murmúrio borbulhando,
Um grande jorro de água cristalina.
Itaubira, que o doce amante vira
Embrenhar-se na selva, dentro na alma
Crecer sente a suspeita, que lhe finge,
Que Itaúna a Cauí ali aguarda:
E para ver se é certo o que receia,
Para aquele lugar dirige os passos.
A sua turbacão, sua impaciência,
A pressa, com que corre, lhe não deixam
No ruído atentar, de que era causa,
Movendo impetuosa as bastas ramas
Da intrincada floresta, Neste tempo
O mesquinho Cauí alborotado
Do súbito rumor, e presumindo
Que dele origem era alguma fera,
Das armas lança mão. Ah cego moço!
Quanto melhor te fora, se essas setas
Nunca houvesse tão destro arremessado!
Mas quem pode fugir de seu destino!
Toma o arco Cauí, e nele a seta
Prontamente embebendo, o tiro aponta
Para onde o grão rumor alçar-se ouvia.
Veloz a seta voa, e em continente
Os ouvidos lhe fere um ai piedoso,
Que de Itaubira ser se lhe figura.
Então largando as setas, pronto corre
Ao lugar donde a triste voz saíra.
Mas qual seu espanto foi, quando passada
Da desastrada frecha a Ninfa encontra!
Sobre a terra jazia rociando
As árvores e flores, que a rodeiam,
De seu sangue com as roxas espadanas;
E entre crebros soluços exalando
Da triste vida os últimos respiros.
Itaubira, Cauí lhe brada aflito,
E a Ninfa à força abrindo os turvos olhos,
Que da Morte a pesada mão cerrava,

Nele por um pequeno espaço os fita,
E a cerrá-los eternamente volve.
Coado, frio, e qual Marpésia caute,
Fica imóvel Cauí por algum tempo;
Mas em tornando em si, desesperado
Corre a arrancar do peito de Itaubira
A despiedosa frecha; porque acabe,
Com ela o coração atravessando,
Junto da amada Ninfa a amarga vida:
Mas ao tirá-la, viu (coisa espantosa!)
Que o sangue, que do peito lhe corria,
Em cristalino humor se transformava:
Viu que a pálida Ninfa pouco a pouco
Se ia derretendo, e em claro arroio
Toda se convertia. Então absorto
Primeiro que de todo o lindo corpo
A antiga forma perca, a abraçá-lo
Pela postrema vez chorando corre:
Mas já entre seus braços não aperta
Mais que o cristal, que entre eles lhe escorrega.
Então em pé se alçou, e reflectindo,
Que dos Deuses era obra este portento,
Aos Deuses roga que jamais permitam
Que do amado cristal ele se aparte.
Anuíram os Numes aos seus votos;
Pois os ligeiros pés subitamente
A terra se lhe pegam, e na terra
Profundamente se lhe vão cravando,
Em torcidas raízes convertidos;
Os braços se lhe estendem, e se mudam
Em retorcidos ramos, que de folhas
Em ramos vestem suas mãos tornadas.
Os cabelos se eriçam, e em vergôntees
Da mesma folha ornadas se convertem.
Asp'ra cortiça lhe envolve o corpo;
E de Itaubira ao repetir o nome
A boca lhe tapou, e a língua trava.
Desta sorte Cauí ficou tornado
Em árvore frondosa, que inda agora
Conserva de Cauí o antigo nome;
E sob a nova forma inda parece,
Que da antiga paixão se não esquece;
Pois se a par da água brota, sobre a mesma,
Como para abraçá-la, os ramos curva.

Tu, ó caro Botelho, que soltando
A fantasia as asas, vivamente
Com o subtil pincel imitar sabes
Da bela Natureza as várias obras;
Tu podes, se te praz, com mais viveza

Tecer em rico quadro a triste história.
Eterno assim faremos nosso nome;
Tu com as tintas poetizando aos olhos,
Eu pintando aos ouvidos com palavras:
Tu com teus pincéis, eu com meus versos.

O MANACÁ E O BEIJA-FLOR

METAMORFOSE V

A Isménia

Num dos largos sertões, que em si encerra
Do Brasil o opulento e vasto Império,
Viviam uma Ninfa e um mancebo,
Na idade iguais, iguais na gentileza.
Das Ninfas, que habitavam o contorno,
Ela era a mais formosa, e o mais jeitoso
De todos os mancebos da comarca
Era o moço gentil. A linda Ninfa
Manacá se chamava, e do mancebo
Colomim era o nome. Desde a infância
Ambos juntos em doce companhia
As selvas frequentavam, ora às aves
Armando subtis laços, ora aos peixes
Com mentirosas iscas enganando.
O génio, o gosto, o trato, a semelhança
Entre ambos tal amor gerado havia,
Que um sem outro um minuto, um só instante
Respirar não podia: par mais belo
Nunca com seus grilhões Amor atara.
Um dia, que da caça fatigados,
A sombra de um coqueiro corpulento
Em doce paz repousam; de entre o mato³⁵
Com grão rumor rangendo os rijos dentes,
Escumando e grunhindo sai furioso
Cerdoso javali, que a eles cone.
Colomim velozmente se levanta,
E ao arco se lançou: mas ai! que enquanto
A voadora seta nele aponta,
E o tiro despediu, a cruel fera
Em Manacá o curvo dente emprega.
Cai morto o javali, e juntamente
Cai Manacá por Colomim chamando.
Em vão em seu socorro o triste corre,
Que a sombra triste da espantosa Morte
Já seus olhos eclipsa, e nos seus braços
Exala a Ninfa os últimos alentos.
Mofino Colomim, que fria ponta
De buído punhal neste momento
Teu peito trespassou? Pálido, exangue,
A quem então o visse parecera
Mais que um vivente, de amarelo buxo

³⁵ *O Autor escreveu: repousavam.* (Nota do 1º Editor).

Alguma estátua imóvel: mas tornando
Pouco depois em si de seu trespasso,
Quem poderá dizer qual sua angústia,
Quais suas ânsias foram! Derretido
Em dor o coração, dos turvos olhos
Duas fontes rebentam, e rebentam
Do fundo de sua alma, oh que suspiros!
Então a Ninfa nos seus braços toma,
E sobre o frio rosto derramando
De copioso pranto uma torrente,
Entre soluços mil, que o sufocavam,
Manacá, Manacá, sem tino brada.
Desenganado enfim de sua morte,
Mesquinho a si, mesquinhos os seus fados,
Cruéis os Céus, cruéis os Deuses chama.
E a Manacá volvendo, entre seus braços
O frio corpo ternamente aperta;
E no pálido rosto, e mãos mimosas³⁶
Ardentes beijos sem cessar imprime.
Quando subitamente à dura terra
Da morta Ninfa as delicadas plantas
Tenazes se arreigaram, e entre os braços
Do aflito Colomim em pé se eleva,
Em linda flor tornada; flor que guarda
Em suas roxas e singelas folhas
Da Ninfa a singeleza e o roxo sangue,
E dela tem de Manacá o nome.
Não muda Colomim de sentimento,
Inda que em flor fragrante convertida
A amada Ninfa veja, antes se conta
Que três dias inteiros, e três noites
Do sustento esquecido ali passara,
Regando a nova flor com terno pranto,
E fazendo soar com seus gemidos
A calada floresta; em tantas mágoas
Não tendo mais alívio, que a miúdo
Beijar a flor mimosa: até que os Deuses,
De seu mal condoídos, o convertem
Em leve passarinho, pois num ponto
A grandeza perdendo, se lhe cobre
O atenuado corpo de mil penas,
Que de cores diversas esmaltadas,
São dos olhos, que o vêem, gostoso encanto.
As pernas igualmente se lhe encolhem;
E nos pés diminuindo-se-lhe os dedos,
Rebentam logo retorcidas unhas,
Os braços se lhe tornam leves cotos,
Que cobrindo-se vão de subtis plumas,

³⁶ *O Autor escreveu: e as mãos mimosas. (Nota do 1º Editor).*

E da boca lhe sai um córneo bico.
Desta arte ficou todo transformado
O infeliz Colomim; mas nesta forma
De beijar não deixou a flor mimosa;
Costume, que conserva inda agora,
Pois as trémulas asas sacudindo
Desce ligeiro sobre as lindas flores,
E a miúdo uma e outra vez as beija,
Donde de Beija-flor tomou o nome.

Formosíssima Isménia, tu que deixas
Pelos desertos montes a Cidade,
E há tanto neles retirada vives!
Contempla o triste caso; e reflectindo
Que não há na Cidade estes desastres,
Vem com teus belos olhos alegrar-nos.

O BEM-TE-VI E MACAÉ

METAMORFOSE VI

Numa serra de crespa penedia,
Que no Mar vem beber de Cabo Frio,
Vivia Macaé formosa Ninfa;
E vivia também na mesma serra
Um gracioso moço, a quem o Tempo
O nome submergiu em suas trevas.
Era esta Macaé única filha³⁷
De um bárbaro Cacique, que regia
As comarcãs Aldeias, e por isso,
E por sua beleza para esposa
Era dos principais de todas elas
Com extremoso excesso requestada.
Mas daquele mancebo quis a sorte
Que nos olhos da Ninfa achasse a graça,
Que os mais em vão buscavam. Da fortuna
A inigual condição com a aspereza
Do protervo Cacique foram causa
De que ele por consorte a não tomasse:
Mas em segredo amante venturoso
De um terno e mútuo amor gozava os frutos.
Dos dois amantes pois todo o cuidado,
Todo o afã e empenho era do recato
Com as sombras cobrir os seus amores.
No mais cerrado das vizinhas selvas
Jazia um raso, mas pequeno campo,
A quem robustas árvores de em torno
Com os troncos cingiam. Os seus ramos
Uns com os outros todos enlaçados,
De toldo em grande parte lhes serviam.
Um manso arroio de água cristalina
Pelo meio o cortava, alimentando
A verde erva, que o chão todo tapiza.
As flores, que o juncavam, o doce canto
Das namoradas aves, que inquietas
Por entre a rama saltam, o sussurro,
Com que o Zéfiro encrespa as leves folhas
Das buliçosas plantas, tudo torna
Este ameno lugar mais aprazível;
Lugar que parecia haver formado
A vária e destra mão da Natureza
P'ra nele se entreterem os Amores.
Seguindo um dia um fugitivo cervo,
Por acaso o Mancebo nele entrara;

³⁷ O Autor escreveu por engano: Era Macaé única filha. (Nota do 1º Editor).

E lembrado da sua formosura,
E de que era o mais próprio a seus desenhos,
Por ser ao humano trato o mais fechado,
A Ninfa o aprazou, para no mesmo
Tratarem mais secretos seus amores.
Ali pois a esperar a Ninfa vinha,
Ali a bela Ninfa vinha a vê-lo;
E em doces passatempos namorados
Largas horas passavam satisfeitos.
Longo tempo durou este comércio
Sem que fosse das gentes pesquisado.
Mas que haverá, que o tempo não descubra,
Por mais que em vão se afane humana astúcia
Aos olhos dos mortais em escondê-lo!
Por mofina quiseram as Estrelas
Que a par de Macaé na mesma Aldeia
Uma moça vivesse, Ita chamada,
A qual por génio tinha, e por costume
Espiar quanto nela se passava;
E não contente disto, soltamente
A todos publicava quanto vira.
Esta gárrula moça, reparando
No quanto Macaé frequenta a selva,
Um dia a foi seguindo, e escondida
Da floresta entre a rama, esteve vendo
Quanto c'o terno amante a Ninfa passa.
De haver esta aventura descoberto
A aldeia alvoraçada Ita se volve:
Segundo o génio seu a quantos topa³⁸
Destes amores o mistério narra,
A todos té ali impenetrável.
De boca em boca voando ocultamente
Cone o surdo rumor, até que chega,
Aos ouvidos do bárbaro Cacique,
Que cheio de furor pelo Sol jura
Vingar nos dois amantes seu agravo.
Mas a sanha no peito dissimula,
Até que chegue o desastrado instante
De dar à execução os seus desenhos.
Macaé, que vivia sem suspeita
De que sua afeição pública fosse,
Num aprazado dia a buscar parte
Ao lugar destinado o doce amante.
Mas o tirano Pai por entre o mato
Os passos seus de longe foi seguindo,
De um buído punhal a mão armada.
Chegou a Ninfa ao suspirado campo,
E mal a respirar principiava

³⁸ *No Original lê-se: E ali segundo o génio seu, etc. (Nota do 1º Editor).*

Nos ternos braços do querido amante,
Que impaciente e saudoso a aguardava;
Quando dentre a floresta furioso
Rebenta o cruel Pai, que sem piedade
No coração lhe enterra o duro feno.
Caiu por terra a desgraçada moça
Lançando um grão gemido, que pudera
A lástima mover as duras rochas.
Mas do Cacique o coração ferino,
De sangue insaciável, nada toca:
Antes com mais furor no infeliz moço
Seus golpes a empregar bramando corre.
Mas seu rigor os Deuses preveniram,
Pois o punhal ao trespassar-lhe o peito
Num monte, sem saber o como, crava:
A aguda dor, que dentro na sua alma
Ao ver de Macaé a cruel morte
O mancebo sentira, lhe coalha
Nas veias todo o sangue, e de repente
Pelo favor dos Numes se converte
Em levantado cerro, que da Ninfa,
Tomando então o nome, ainda agora
De Macaé o monte se apelida.
Entanto, por mercê dos mesmos Deuses,
O sangue que esparzia a gentil Ninfa,
E a mesma Ninfa toda se transforma
Em cristalino rio, que conserva
De Macaé o nome, e no mar entra
Junto do amado monte, a quem as fraldas
Co'as namoradas águas cerca e beija.
Não deixaram também os justos Deuses
Ita e o cruel Cacique sem castigo;
Pois em sanhudo tigre converteram
O bárbaro Cacique, e a loquaz Ninfa
Em ave voadora, que conserva
Sob a nova figura o génio antigo;
Que sem descanso nos desertos campos
Em altas vozes solitária brada,
Bem-te-vi, bem-te-vi, e em vão pretende
O resto articular; porque dos Numes
A cólera lho embarga, por vingança
De haver com a palreira língua sido
De tanto mal a ocasião primeira,
Daqui perdendo de Ita o velho nome,
De todos Bem-te-vi hoje é chamada.

O DIAMANTE E O JACINTO

METAMORFOSE VII

Entre as ásperas serras, que rodeiam
O Cerro, que do frio o nome toma,
Arapira nasceu, Ninfa a mais bela,
Que viram em seu seio aquelas selvas.
Desde os primeiros anos costumada
A montar as feras pelas brenhas,
Tal dureza no peito contraíra,
Que à mais gente intratável, só nos montes,
Só nos bosques vivia. A morte e o sangue
Das feras, que seguia sem descanso,
Eram só seu prazer, suas delícias.
Com ódio e com espanto olhava os homens;
E o falar-lhe em amor era delito,
Que jamais perdoava. Mil amantes
Fizeram por seu mal esta exp'riência.
Mas Itaubi que um dia acaso a vira,
Seguindo denodada um feroz tigre;
E que ao vê-la, sentiu passar-lhe o peito
De Amor a aguda seta; nem por isso
De abrandá-la perdeu as esperanças.
Era Itaubi de todos conhecido
Pelo moço mais belo do contorno,
E juntamente pelo mais manhoso.
Na flor da idade estava, pois apenas
A barba lhe apontava. Em seu semblante
Uma gentil fereza se lhe via,
Que amável o fazia e respeitado.
Da fortuna gozava em larga cópia
Os bens, que muitas vezes seu capricho
As cegas, e com larga mão reparte.
Unidos em si tendo desta sorte
Da natureza os bens e os da fortuna,
Por esposo em extremo cobiçado
De muitas Ninfas era; mas seu livre
E altivo coração todas enjeita.
Até que por mofina de Arapira
Viu a rara beleza. Então sua alma
De Amor a conhecer entra o veneno,
Que calando-lhe as veias, pouco a pouco
As entranhas lhe abrasa e lhe consome.
Desde aqui a seguir a esquiva Ninfa
Impaciente começa; ante seus olhos
Em as selvas mil vezes se apresenta,³⁹

³⁹ *O Autor escreveu: Nas selvas, etc. (Nota do 1º Editor).*

Mil vezes seu amor entra a pintar-lhe;
Mas a Ninfa cruel lhe atalha as vozes,
Fugindo mais veloz, que veloz nuvem
Pelo Noto nos ares açoutada.
Em vão lhe brada o triste, em vão a chama,
Em vão chora e suspira, que a seus prantos
Só respondem as selvas circunstantes.
Para abrandar enfim seu duro peito
Ricos presentes sem cessar lhe envia:
Arapira porém que em mais estima
De um morto tigre a mosqueada pele,
Que do moço infeliz toda a riqueza,
Como suas palavras, igualmente
As suas ricas dádivas despreza.
Vendo o triste Itaubi, que seus suspiros,
Seus rogos, e seus dons nada aproveitam
Para o peito amolgar da fera moça,
Tomar outra vereda determina.
Um dia pois que a topa na floresta,
A seus pés se lançou, e a persuadi-la
Com brandos rogos entra, que piedade
De seu tormento sinta: mas apenas
A falar começou, a crua Ninfa
As costas lhe volveu, como costuma.
Itaubi sem acordo a foi seguindo:
O que vendo Arapira, pelo campo
A fugir começou mais levemente
Que fugaz cervo dos lebreus seguido.
Corre Itaubi após ela ligeiro,
E enquanto corre, vós, erguidos montes,
Dizei as ternas queixas, que lhe ouvistes!
Ah Ninfa! de quem foges? por ventura
Sou um Tigre feroz? sou brava Onça,
Que a fartar em teu sangue a sede corra?
Quem te adora não sou, e quem daria
Por piedosa te ver contente a vida?
Os suspiros, que em vão me saem do peito,
E que há tanto exalar, cruel, me escutas,
O pranto, que após ti meus olhos vertem,
(Ah, que eles uma rocha abrandariam!)
Não são dum puro amor prova constante,
Não bastam a abrandar teu duro peito?
Ah cruel! que de algum duro penedo
Ou carniceiro tigre certamente
Gerada foste, e não de sangue humano.
Pára, fragueira Ninfa! Ah não ofendam
Teus delicados pés as duras pedras!
Pára, amada Itaubira! olha que pode
Entre a relva jazer oculta cobra!
Estas e outras palavras semelhantes,

Seguindo a esquiva moça, ao vento espalha
O mesquinho Itaubi, enquanto a mesma,
Sem descansar movendo as leves plantas,
Já quase que a seus olhos se escondia.
Então com mais fervor Itaubi corre,
Amor para seu mal lhe empresta as asas;
Pois em espaço breve a Ninfa alcança.
Já de Itaubi a sombra sobre a terra,
Pelo Sol que nas costas os feria,
Estendida, antes seus ligeiros passos
Arapira assombrada correr via;
E já seu bocejar de quando em quando
Levemente os cabelos lhe encrespava;
Quando a Ninfa cruel entre si vendo,
Que escapar do insofrido cego amante
Aos furiosos desejos não podia;
De repente se volta, e com a seta,
Que levava na mão, lhe crava o peito.
Cai o moço infeliz na dura terra,
E vendo a fria morte já vizinha,
Em pó, em sangue envolto, estas extremas
Palavras arrancou do fundo da alma:
Já, cruel Arapira, a tua sanha
Satisfeita está; vem, a sede apaga,
Que o coração te abrasa, de meu sangue
Na copiosa corrente. Eu morro, e morro
Em parte satisfeito; porque creio,
Que só morrendo posso contentar-te.
Mas já sinto que a vista se me turba,
Densa treva me esconde a luz do dia,
As vozes se me prendem na garganta,
Já sinto... e aqui dando um grande arranco,
O derradeiro alento o triste exala.
Amor! cruel Amor! quem teus arcanos,
Penetrar poderá? quem tuas obras?
Arapira, essa mesma, que tirana
Vivo tanto Itaubi aborrecera,
Que com as próprias mãos lhe deu a morte;
Apenas o viu morto, derreter-se
Co' amor e compaixão sua alma sente.⁴⁰
Sobre ele se lançou; com terno pranto
A ferida lhe banha e o frio rosto:
Por ele uma e outra vez, mas em vão, chama.
De cem fúrias então toda agitada,
Depois do arco quebrar e as duras setas,
A si própria se torna, e delirante
Os cabelos arranca, o peito fere,
E contra os Céus exclama: finalmente

⁴⁰ *O Autor escreveu: Em amor. (Nota do 1º Editor).*

Arrancando do peito ao terno amante
A seta, que ela mesma lhe cravara,
No próprio coração toda a enterra,
E junto ao triste amante exala a vida.
Amor então, mas tarde, condoído
Do desastrado fim dos dois amantes,
E por memória eterna deste caso,
Ambos converte em preciosas pedras:
Arapira em diamante, que em dureza
E em se abrandar c'o sangue ainda mostra⁴¹
Qual foi o coração da ingrata Ninfa:
E Itaubi em Jacinto; cujo nome
Da voz final tomou, que o triste moço
Ao finar-se exalou; gema, que ostenta
No amarelo e sanguíneo a cor e o sangue,
Que ao fugir-lhe o espírito, o cobria.

Belíssima Melisa, tu que o colo
E torneados braços adereças,
Destas brilhantes pedras, que desprezas
Os ternos corações, que mil amantes
Suspirando te ofertam: considera
Que Arapira, qual tu, foi Ninfa bela,
E que seu coração a Amor esquivo
A tornou nessas gemas, que em ti brilham;
Tarde de não amar arrependida.

⁴¹ Adamantem... infragilem omni caetera ui et inuictum, sanguine hircino rumpente. Plin. lib. 20, in proemio. *Talvez que o Poeta tivesse em vista este lugar de Plínio, quando no seu Original pôs sinal para Nota.* (Nota do 1º Editor).

A ROSA DO MATO

METAMORFOSE VIII.

Ao Senhor Lourenço José Vieira Soto.

Araciba e Guassu ambos viviam
Numa famosa aldeia juntamente:
Araciba era dela a mais formosa,
E Guassu o mais destro e mais robusto.
Amor com seus grilhões ambos prendera,
E ambos mutuamente se adoravam.
Em doce paz gozando os seus amores,
Os mais felizes dos mortais se criam.
Quando à ementa guerra abrindo as portas
A ferina Discórdia, às armas correm
As vizinhas nações, Guassu da sua
Por mais destro entre todos e valente,
Caudilho eleito foi para mandá-la.
Que faria Guassu no duro transe?
Duma parte o amor lhe não consente
De Araciba apartar-se um só instante:
Doutra parte da Pátria a fama, a glória,
E seu próprio valor o estimulavam
O emprego a aceitar, que lhe of'reciam.
Entre tão encontrados pensamentos
Grão tempo titubeou; não de outra sorte
Que empegado baixel, a quem o vento
Dum rumo o pano enfuna, e doutra parte
As contrárias correntes não consentem
Que avante surda só um curto espaço.
Enfim, depois de haver por alguns dias
Com opostos affectos combatido,
Ora de amor vencido, ora da glória,
A tomar se abalança o duro mando
Das guerreiras esquadras, que a cobrir-se
De alta glória aspiravam nesta guerra.
Chegou enfim o desgraçado instante
De deixar Araciba: neste ponto
Dos dois amantes quais foram as ânsias,
As queixas, os lamentos, os trespassos,
Os suspiros, os prantos, as promessas,
As truncadas palavras, referi-lo
De lástima não pode a triste Lira.
Vós, brandos corações de Amor feridos,
Que em transe igual vos vistes, vós julgai-o.
Deixa Guassu cem vezes resoluto
A esmorecida Ninfa, e outras tantas
Entre seus braços a apertá-la volve.

Dos bárbaros guerreiros instrumentos
Finalmente chamado, a Ninfa larga,
E a embarcar-se correu: pequeno espaço
Da Aldeia se alongava então o porto.
Araciba vertendo amargo pranto,
Os seus passos seguiu, e ao embarcar-se,
C'os olhos, pois co'a língua não podia,
O extremo adeus lhe deu; e com os olhos
A equipada canoa foi seguindo
Até um anco⁴², que estendia a terra
Do rio sobre a límpida corrente;
Passado o qual, o leve agudo⁴³ lenho
Se esconde à sua vista para sempre.
Que faria Guassu neste intervalo?
Sobre a entalhada popa debruçado,
Parece que deixar queria os olhos,
Os olhos em que as lágrimas borbulham,
No porto em que também a alma deixara.
Já dos erguidos montes pouco a pouco
Caindo vinham as cerradas sombras,
Que a Noite do regaço derramava,
E no fechado mato tristemente
Entravam a piar nocturnas aves,
Quando a mesquinha Ninfa pranteando
Para a Aldeia se torna. Os tristes dias
Em triste solidão ali passava,
Sendo as contínuas lágrimas, que chora
De noite e dia, quase o seu sustento:
E não era uma Lua bem passada,
Quando um mesto boato pela Aldeia
Vagamente se espalha, de que rotos
Pelos contrários foram seus guerreiros;
Que Guassu bravamente combatendo
Na refrega morrera, e os mais valentes;
Que o resto se salvara com a fuga,
E nos matos disperso andava errante.
Crece o surdo rumor, até que chega
A mofina Araciba mas apenas
Os ouvidos lhe fere a infausta nova,
Sem sentidos caiu na dura terra;
Onde por largo espaço dos que a viram
Por morta foi julgada: mas tornando
A cobrar por seu mal o sentimento,
Que ó súbito trespasso lhe roubara,⁴⁴
A carpir-se começa em altos brados
Com despiedosas vozes, que truncavam

⁴² Anco, isto é, cotovelo, deriva-se do Grego. Desta palavra usa Barros, Dec. I, Livr 8, Cap. 4.
(Nota do Autor).

⁴³ *O Autor escreveu o veloz.* (Nota do 1º Editor).

⁴⁴ *Este verso falta no último Original.* (Nota do 1º Editor).

Uns após outros mil ternos soluços.
O Sol brilhante acusa, acusa os Astros
Do triste fim do desgraçado amante,
Da aguda dor, que o peito lhe trespassa.
Enfunada⁴⁵ logo às soltas tranças
Sem piedade se volve, e às mãos cheias
Os cabelos arranca, e fere o peito.
Enfim nestes extremos passa o resto
Do amargurado dia, e na alta noite
No mais vivo da dor se lhe figura
Ver a Guassu, em sangue e pó envolto,
Dentre um montão de mortos levantar-se
E por ela chamar com mestas vozes.
A triste vista do fatal espectro
De seu amor e mágoa transportada,
À vã sombra, gemendo, assim responde:
Sim, querido Guassu, em breve esta alma
A tua seguirá. Isto dizendo,
Num profundo silêncio sumergida,
Da noite o resto passa: porém logo
Que a assomar começa a roxa Aurora,
Do coldre uma seta arrebatando,
Pálida e furiosa sai da Aldeia;
Ao porto se endereça, e ali chegando,
Depois de um curto espaço estar suspensa,
Desta sorte exclamou: Guassu amado,
Este foi o lugar onde tão triste
A extrema vez te vi, e onde mais triste
Nas mãos da saudade me deixaste;
Daqui foi que meus fados rigorosos
A meus mesquinhos olhos te arrancaram,
E para sempre deles te esconderam.
Daqui também será, donde minha alma
Parta a buscar a tua. Então alçando,
Para o peito cravar, o braço e a seta,
Sem o poder dobrar, no ar lhe fica
Alçado o braço, e nele a dura seta.
As plantas quer mover, e as leves plantas
Pesadas se lhe tornam, e se enterram
Na fria terra; o corpo se adelgaça,
E em viçoso arbusto enfim se torna,
De folhas e alvas flores guarnecido.
Quatro vezes o Sol no roxo oriente

⁴⁵ Enfunada vale o mesmo, que cheia de fúria. Desta palavra usa Luís Pereira na Elegiad. Cant. II.

E qual Ericto teme enfunada
Ver os Farsálios campos, etc. (Nota do Autor).

E também no Cant. 5.

Correndo qual Ménade enfunada. (Nota do 1º Editor).

Mostrado havia a luminosa face,
E outras tantas nas águas do Oceano
Os fogosos cavalos refrescado,
Depois deste estupendo e mesto caso,
Quando Guassu dos batalhões na frente
Na alvoraçada Aldeia entra triunfante.
Ao vê-lo e a ver de seu ilustre braço
O triunfo, os cativos, e os despojos
Concorre O povo todo, e em ledas vozes
Leva às Estrelas seu famoso nome.
Ele, a quem mais que os louros da vitória,
De ver a amada Ninfa as esperanças
Satisfeito traziam; e em seus braços,
Deles mais digno com o seu triunfo,
Sem sustos repousar já se fingia;
Quando ali a não vê, absorto fica.
Feitas enfim as costumadas salvas,
E licenciada a tropa, pensativo
O seu albergue busca, e apenas nele
Entrou, por Araciba aos seus pergunta;
E deles soube da extremosa Ninfa
O portentoso fim, e a causa dele.
Qual se lhe fosse da cruel Medusa
A tremenda cabeça então mostrada,
Por largo espaço o triste imóvel fica:
Até que a si tornando, impaciente
Ao porto se encaminha, e ali vendo
O tenro e novo arbusto, assim lhe fala:
Que duro engano, desgraçada Ninfa,
A ti e a mim perdeu? que furor cego
Ambos precipitou num só momento
Nos profundos abismos da desgraça?
Nisto a parar vieram as esp'ranças,
Que tão ledos e contente me traziam?
Minha... ah! minha não, pois os meus fados
Assim o querem: mísera Araciba!
Mais queria dizer, mas de seus olhos
De pranto uma torrente rebentando
As vozes lhe sufoca e a língua trava.
Então ao tenro arbusto se arremessa,
E com seus braços ternamente o aperta
Ali com tristes lágrimas o rega,
E entre suspiros mil as suas folhas,
Suas mimosas flores cego beija.
Elas que até ali a branca neve
Na alvura imitavam, de repente
(Coisa digna de espanto ao repetir-se)
Vermelhas se tornaram; dando mostras
De que inda em nova forma convertida
Araciba com vê-lo, e seus extremos,

Se alegre, folga, e dentro em suas fibras
De amor o antigo fogo nutre e sente.
Guassu então as matizadas plumas,
Que a cabeça lhe arreiam, dela arroja;
E das folhas e flores, que brotava
O seu querido arbusto, entretecendo
Uma coroa, a põe em lugar delas;
E a seu albergue suspirando torna.
Dizem que Guassu desde este dia
A uma mortal tristeza todo entregue,⁴⁶
Pouco a pouco se fora consumindo,
Até que em breve exalara a vida:
Mas que enquanto vivera, não deixara
De vir todos os dias desvelado
Ver e regar com pranto o amado arbusto;
E que as mimosas flores, que o cobriam,
No mesmo instante, que ele aparecia,
A branca cor em carmesim mudavam:
Costume que inda tem; pois à mesma hora
A alvura vão perdendo, e pouco a pouco
De vermelho se vão todas cobrindo.

Esta, caro Vieira, é toda a história
Da linda flor, que tu mui bem conheces,
A quem o vulgo, que outro nome ignora,
Rosa do mato chama, e que chamar-se
Com razão Araciba poderia,
Da transformada Ninfa com o nome.

⁴⁶ *Lê-se no Original:* A uma profunda tristeza, etc. (Nota do 1º Editor).

O ITAMBÉ.

METAMORFOSE IX

Não longe das Ribeiras, que bordando
Vai o Guanhaãs de árvores sombrias,
Aribá e Guamu ambos viviam.
Ele nas perfeições vencia a Adónis,
E ela a Mãe de Amor na formosura.
Inda a luz da razão em suas almas
Seus raios esparzidos não havia,
Quando em seus corações já chamejava
De um mútuo amor o fogo. No Oriente
Apenas roxeava a fresca Aurora,
Aribá a buscar veloz corria
O inocente Guamu; e a encontrá-lo
Saía Aribá de prazer cheia.
Nos montes e na silva o dia inteiro
Em inocentes jogos consumiam;
E só quando dos montes resvalando
Vinham as densas sombras sobre os campos,
Tristes, e a seu pesar se separavam.
Amor não conheciam, e em extremo,
Sem ambos o saber, ambos se amavam.
Nesta doce união foram crescendo,
E o amor, que até ali só fora instinto,
Foi do conhecimento a par crescendo:
Seriam os mais felizes dos amantes,
Se tão linda não fosse a linda moça.
Habitava naqueles arredores
Um tirano mancebo, na estatura
E feições tão disforme, que de todos
Por Gigante era tido: os seus costumes
Ao gesto se moldavam na estranheza:
Itambé se chamava; o azar um dia
Fez que ele a Ninfa visse, e Amor travesso,
Que de domar os corações mais feros
Costuma blasonar, lhe ateia logo
No peito desabrido as suas chamas
Da formosa Aribá c'os negros olhos.
Itambé que sentia o vivo fogo⁴⁷
Qu'as medulas lhe abrasa, impaciente
A Aribá propõe logo os seus desejos.
Mas a Ninfa igualmente horrorizada
De seu amor e figura, e que rendida
Ao mimoso Guamu tinha a vontade,
Apenas em amor falar lhe escuta,

⁴⁷ *O Poeta escreveu:* Itambé sentindo o vivo fogo. (Nota do 1º Editor).

Que irada de seus olhos se retira.
Desse fero desdém da esquiva Ninfa
Irritado Itambé, em feroz sanha
Arder todo se sente, e arrastado
De seu génio cruel pela violência
Vingar-se determina. Era notório
A todos os vizinhos do contorno,
Que Aribá a Guamu há muito amava;
Itambé o sabia, e presumindo
Que da isenção, que a Ninfa lhe mostrara,
Esta só era a causa; se resolve
Em tirar a Guamu a doce vida,
Consigo discorrendo, que apartado
Este estorvo fatal a seus intentos,
Facilmente traria a seus amores
Da Ninfa o coração. Neste suposto,
A esperar se dispõe tempo oportuno
A raiva a saciar, que a alma lhe prue.
Havia no interior daquelas silvas
Um espaçoso campo, que de um lado
Um arroio fechava de água pura,
E doutro uns altos montes que formavam
Uma encurvada lua, cujas pontas
Vinham beber no arroio cristalino.
A sombra destes montes e arvoredos,
Que as fraldas e cumes lhes toldava,
Quase por todo o dia defendia
Dos ardores do Sol o prado ameno,
E mil diversas aves abrigava,
Que em seus módulos cantos não cessavam,
Já adejando sobre a tenra ervinha,
Já correndo a banhar-se na água fria.
A este fresco retiro costumavam
Vir às vezes passar os dois amantes
Os mais calmosos dias. Num dos montes,
Que mais se debruçava sobre o campo,
Se embrenhou Itambé, e ali espera
O incauto Guamu. Não tardou muito
A ocasião, que aguardava; pois o tempo
Sempre para os desastres veloz corre.
Um dia pois que o Sol c'os vivos raios
Parecia que abrasar queria a terra,⁴⁸
Aribá e Guamu no campo entraram,
Do desastrado fim bem descuidados,
Que a ambos tinha ali o Fado urdido.
Aribá afrontada do caminho,
Apenas ali chega, tira o arco,
E num tronco vizinho o dependura:

⁴⁸ *Será precisa ler Par'cia, ou escrever Parece. O mesmo se torna a encontrar na Metamorfose XII.*
(Nota do 1º Editor).

Guamu no seu as setas embebendo,
A ferir começou as várias aves,
Que os montes povoavam, enquanto a Ninfa
Pelo gramíneo prado as belas flores,
Talvez para tecer-lhe uma grinalda,
Solícita escolhia. Neste instante
O protervo Itambé um grande canto
Da montanha arrancando co'as mãos ambas,
Sobre o incauto Guamu cair o deixa.
Então se não viu mais que de improviso
Por debaixo da laje uma torrente
Sair de quente sangue, que tingindo
De vermelho do campo as alvas flores,
Escumando a meter-se foi no arroio:
Mas apenas ali chega, as suas águas
Todas vermelhas torna, e deste dia
O nome de Vermelho, que inda dura,
Tomou sua corrente. A triste moça,
Que entretida em colher as lindas flores,
Pelo prado vagava, ao grande estrondo
Que excitou ao tombar o grosso canto,
As flores, que já tinha no regaço,
Sobre a terra cair deixa assustada,
E os olhos revolvendo a aquela parte,
Guamu não vendo, e vendo o largo jorro
De fumegante sangue, que brotava
Debaixo do rochedo, os olhos alça,
E Itambé vê no monte, que batia
As cruéis mãos por sacudir a terra,
Que do canto ao sacar nelas ficara;
Então de furor cheia, assim lhe exclama:
Bárbaro Itambé, pois me tiraste
De minha doce vida a melhor parte,
Tira o resto, cruel! Mas observando
Que ele do monte desce pressuroso,
Talvez para colher entre seus braços
Da pérfida vitória o doce fruto,
Aos Céus se volve, e aflita assim lhes brada:
Deuses, tirai-me a vida, e dum tirano,
Se sois justos, vingai-me. Os Céus ouviram
Os seus ferventes rogos pois num ponto
Em árvore⁴⁹ se tornou a Ninfa bela,
Que inda Aribá se chama, e no seu tronco
A rubicunda cor das faces belas
Da sem ventura moça à vista ostenta:
E o brutal Itambé em duro monte,
Do duro coração justo castigo.

⁴⁹ *Será preciso ler árv're, ou árvor.* (Nota do 1º Editor).

O SAÍ

METAMORFOSE X.

Saí, fragueira Ninfa, que seguia
Por génio e por costume as bravas feras
Nos Sertões do Brasil, com mil extremos
Por sua formosura e suas graças
Dos mais gentis mancebos da Comarca
Era continuamente requestada:
Mas ela, que empregados os sentidos
Nos montes e na caça só trazia
Em muito maior preço e conta tinha
O render a seus pés uma só fera,
Que os ternos corações de mil amantes.
Picado Amor de tanta fragueirice,
Vingar-se determina; porém vendo
Que quantas setas no invencível arco
A seu peito cruel endereçara,
Todas, quais se em vão dessem num penhasco,
Caiem por terra amolgadas, outra via
A vingança buscou; e pois que a Ninfa
A seu fogo insensível se mostrava,
Por força submetê-la determina.
Corria torneando aqueles montes
Um fresco arroio de água cristalina,
Que Andraí (do Ribeiro este era o nome)
Recostado sobre a urna, manso, manso
Com um rouco sussurro derramava.
Um dia que mais vivo o Sol brandia
Os incendidos raios sobre a terra,
Toda anelante, e de suor banhada
Desceu Saí do monte, e na ribeira
Do fresco arroio de um Cauí à sombra
Sobre a viçosa relva se reclina,
Encostando a cabeça na áurea aljava.
Largo espaço gozando assim esteve
Da subtil viração o fresco bafo,
Que as folhas encrespando do arvoredado,
Com um lento sussurro murmurava,
Que só de quando em quando interrompia
Dos pássaros o canto: até que tendo
De todo repousado, a grande calma
E do sereno rio as vítreas águas
Nelas a se banhar a convidaram.
Prontamente se alçou e prontamente
Espindo a subtil roupa, a dependura
Nos ramos do Cauí e na água salta,
Sem saber que seu dano assim traçava.

Então do fundo bosque a espreitá-la
Os Sátiros correram, e estendendo
Por entre os ramos a galhuda fronte
Com insaciáveis olhos, que belezas,
'Té ali nunca vistas, não olharam!
Da plácida corrente as puras águas
A seu sabor gozar lhes consentiam
As mais ocultas graças, que encobertas
Da mesma água julgava a esquiva Ninfa.
Não de outra sorte, que um cristal consente
Gozar aos olhos dos morados lírios,
Ou brancos mogarins, que em si encerra.
O ruído que faz, rasgando as águas,
A lasciva Saí, a paz altera
Do quieto Andraí, que em sua gruta
Em verter suas águas se ocupava:
E querendo saber do estrondo a causa,
A gruta deixa, e lança fora de água
A metade do corpo. Então Cupido
Que a seus fins oportuno ensejo vira,
De seu arco despede a seta ardente,
Com que veloz o coração lhe passa.
Viu Andraí a Ninfa, e ao mesmo tempo
Sentindo nas entranhas o veneno,
Que nelas a cruel seta espalhara,
Ardendo em vivo fogo, deste modo
A descuidada Ninfa amante fala:
Ó tu! quem quer que sejas, Ninfa ou Deusa,
(Em que Deusa me faz crer-te a beleza)
Tem de mim compaixão; e pois mitigas
A calma, que te afronta, em minhas águas;
Piedosa também tempera o fogo,
Em que por ti o coração se inflama.
Disse: e os braços abrindo impaciente,
A Ninfa se enviava, qual dos ares
Se envia a caudal água sobre a cobra,
Que do Sol ao calor vê estendendo
Em verde prado as escamosas costas.
Saí, ao ouvi-lo e vê-lo, fora de água
Assustada saltou, e a correr entra
Assim como se achava (pois que a pressa
Os vestidos tomar lhe não consente)
Pela floresta de Andraí seguida.
Não foge tão veloz tímida pomba
Das curvas garras do falcão ardido,
Que a empolgá-la se avança impetuoso;
Como a Ninfa fugia temerosa
Do ligeiro Andraí; porém de balde,
Que Amor, que dele a par voa ligeiro,
A rápida carreira o estimulava,

Picando-lhe a miúdo o terno peito
Do dourado farpão co'a fina ponta.
Largo espaço correram um e outro,
Té que a Ninfa sem forças, sem alento,
E por instantes vendo-se entre os braços
De Andraí, cujo anélito apressado
Já de si junto ouvia, os mestos olhos
Aos Céus endereçando, assim exclama:
Ó tu, argêntea Lua, se é verdade
Que a pudicícia estimas e proteges;
Tu, pois que minhas forças já falecem,
Deste ávido inimigo, que me segue,
Propícia me defende: dá-me asas
Com que possa escapar a seus desejos.
Ouviram as Deidades compassivas
Seus fervorosos rogos; porque logo
De brandas verdes plumas se lhe arriam
O níveo peito, os braços, e a cabeça.
A mesma branda, mas dourada pluma
As espaldas lhe cobre, e os lindos lábios
Se lhe estendem, e tornam curto bico.
Enfim desta arte em menos dum instante
Em gentil passarinho se transforma;
Que iguala na beleza a formosura
Que antes de mudada Saí tinha,
E que inda de Saí conserva o nome.
Então batendo leda as soltas penas,
Baldando de Andraí os vãos desejos,
Se remonta veloz pelo ar delgado.
Andraí que vê de entre os seus braços
Desta sorte escapar-lhe a linda presa,
Que segura julgava; furioso,
Confuso, envergonhado, a mergulhar-se
Para sempre correu em suas águas.

OS PINGOS DA ÁGUA E O CRISOPRASO
OU O PEQUI E GUARARÁ

METAMORFOSE XI

Pequi, uma das Ninfas mais formosas
Que em seus vastos Sertões o Brasil vira,
Do Piauí vivia nas ribeiras:
Amava a Guarará, e por extremo
Era de Guarará também amada;
Guarará, um garção robusto e destro,
Que nas mesmas ribeiras habitava.
Um dia, que deixando a fria urna
A seu prazer correr na branca areia,
Piauí com as Naiades dançava,
A viu passar de Guarará seguida.
Amor travesso, que da Ninfa em torno
Brincando esvoaçava, a alma lhe fere
Com um raio da sua formosura,
Desde esse ponto nunca mais sossego
Teve o mísero Rio. Na lembrança
De Pequi conservando a viva imagem,
Que Amor profundamente ali gravara,
Mais do que em derramar da fria urna
As cristalinas águas, se entretinha
Longas horas, e só, na opaca gruta
Em contemplar da Ninfa as lindas graças:
E sem o pressentir, desta maneira
Ao fogo, que as entranhas lhe devora,
Ele mesmo aumentava as cruéis chamas.
Tal vez tornando em si de seus transportes,
Da caverna saía, e fora de água,
Por ver se acaso a via, em suas margens
A cabeça lançava; a seu arbítrio
Correr tal vez deixando as frescas águas,
Por longo tempo na florida beira
Passeando se via pensativo.
Ali a contemplar se punha atento⁵⁰
O lugar onde a vez primeira a vira
Tão bela, tão airosa, que pudera
À Deusa das florestas dar inveja.
A viva fantasia lhe pintava
Ora os longos cabelos, que esparzidos
Em gratas ondas encrespava o vento;
Ora a vermelha boca, os alvos dentes;
Ora os travessos olhos, que o feriram.
Desta arte consumia longas horas

⁵⁰ *O Poeta escreveu por engano atentamente.* (Nota do 1º Editor).

O triste Piauí, e se se azava
Por acaso topar co'a Ninfa bela,
A seus pés se prostrava. Então que rogos,
Que namoradas queixas, com inveja
As Driades, que espreitam curiosas
Dos troncos debruçadas, não lhe ouviram!
Que protestos de fé, que juramentos,
Que promessas não fez! conchas e pedras,
Toda quanta riqueza em suas águas
Aos olhos dos mortais avaro esconde,
Tudo a Pequi oferta, mas de balde;
Porque a constante Ninfa, que em mais preza
De Guarará um só terno suspiro,
Que tudo quanto dar-lhe o Rio possa;
Tudo por Guarará, tudo despreza.
Cansado de rogar enfim sem fruto
O triste Piauí, desesperado
As ciladas se volve, e uma sesta
Que em sua linfa a Ninfa se lavava,
Por debaixo das águas manso, manso
Se foi chegando a ela, e de repente
A lia estreitamente entre seus braços.
A incauta Ninfa ao ver-se assim travada,
Em altos brados rompe, e em vão lutando
Por fugir e desliar-se se afanava.
Guarará, que a Pequi acompanhara,
E na vizinha silva se entretinha,
Enquanto ela no rio se lavava,
A seus gritos acode alboratado;
E de Piauí vendo o feio insulto,
Com ele cego investe, e denodado
Das mãos lhe arranca a consternada moça.
Piauí com a dor, que na alma sente,
Vendo de entre seus braços arrancada
A Ninfa que por sua já julgava,
A Guarará se envia, e furioso
A cabeça dobrando, o forte peito
C'uma das pontas, que lhe brotam nela,
Num momento lhe passa. Sobre a terra
Cai morto Guarará e desmaiada
Cai a bela Pequi; então depondo
Piauí (que tomou deste sucesso
De bravo o apelido) a brutal raiva,
A linda Ninfa acode, e nos seus braços
A toma compassivo. Largo espaço
Sem sentimento esteve a infeliz moça,
Porém tornando em si, apenas sente
Que do Rio nos braços repousava,
Qual rápido fuzil deles se arranca;
E cheia de furor, Piauí cobre

De um chuveiro de afrontas: porém ele
De sua inútil fúria não curando,
Ligeiro se levanta, e a prender volve
Entre os braços a inconsolável Ninfa.⁵¹
Vendo-se a triste então em tanta afronta,
Aos Numes exclamou: Numes Sagrados!
Pois consentistes, que infeliz perdesse
Em Guarará o bem que possuía;
Não consentais que eu fique por despojo
Em poder de seu bárbaro homicida:
Se sois justos, tirai-me a triste vida.
Inda a Ninfa acabado bem não tinha,
Quando o Rio em lugar da amada Ninfa,
Abraçado se viu a um duro tronco
Em que subitamente se tornara;
Que inda hoje vegeta com o nome
Da mesquinha Pequi e logo observa
Que as lágrimas piedosas, que chorara
Em sua dor delirante a Ninfa,
Em cintilantes pedras se tornaram,
Que na cor e figura representam
Da água os brilhantes pingos, e de que hoje
Inda a sua ribeira tanto abunda.
Então volvendo a Guarará os olhos,
Viu que o mesmo também se convertera
Em transparente pedra, que imitava
Na cor amarelada e rubras manchas
Do morto Guarará a cor e o sangue:
E de tantos portentos aterrado,
De seu infausto amor a adversa sorte,
E o triste fim da malograda Ninfa
A carpir se meteu na umbrosa gruta.

⁵¹ *O Poeta escreveu por engano* Entre seus braços, etc. *Pode-se neste lugar preferir a lição de outro Original:*

Ligeiro se levanta, e nos seus braços
Torna a prender a delirante Ninfa.

(Nota do 1º Editor).

O TIÉ

METAMORFOSE XII

Tié, Jovem gentil, airoso e bravo,
Que outro tempo vivia nas ribeiras,
Que de em torno coroam a baía,
Que de Rio hoje tem o impróprio nome,
De mil formosas Ninfas era amado,
E mil formosas Ninfas desprezava
Por montear na selva as feras onças;
Até que Amor puniu sua esquivança.
Noutra Aldeia, que ali fica vizinha,
Assistia Magé, formosa moça,
Que tanto na beleza as mais vencia,
Quanto ele na destreza e na figura
Os mais gabados moços da Comarca.
Um dia, que a vitória celebravam
Que sobre seus contrários alcançaram
Os da vizinha Aldeia, convidado
Nela se achou Tié, e a Ninfa bela
Nela suspenso viu. Amor, que há muito
Em seus brilhantes olhos o esperava,
Lhe crava em continente o duro peito
Co' a seta de ouro, que brandiu do arco.
Entrou Tié nos jogos, mas em todos,
Ou já fosse em tirar a veloz seta,
Ou em prostrar na luta o seu contrário,
Ou em passar aos outros na carreira;
Ele a palma levou, já por destreza,
Já que Amor, por prender a gentil moça,
Ajudá-lo quisesse então benigno.
Finda a festa, Tié logo procura
Saber quem era a Ninfa, e logo soube
Que Magé se chamava, e que consorte
Era de Caboré, daquela Aldeia
Um dos Índios mais nobres e valentes.
Perturbou-se Tié com esta nova,
Mas não perde a corage, antes procura
O modo de fazer participante
Magé de seu amor. Na mesma Aldeia
Outra moça habitava (era o seu nome
Seriba) esta nascera, e se criara
Do namorado Tié na própria Aldeia,
Onde então fora dele conhecida:
Esta pois procurou o gentil moço,
E de seu terno amor faz confidente;
Com rogos e com lágrimas lhe implora
Que à formosa Magé por ele fale,

Que seu amor e ternura lhe encareça.⁵²
De bom grado aceitou Senha o encargo,
Pois quis sua fortuna que ela fosse
Da linda moça amiga e companheira.
Não passou longo tempo, sem que à Ninfa
Seriba não contasse o amor e as ânsias
Do extremoso Tié, e lhe rogasse
Para ele a compaixão, que merecia.
Magé que tinha impressos na lembrança
De Tié o valor e galhardia,
Tão contente ficou com esta nova,
Como quem, sem o crer, se vê na posse
Do que muito suspira, e não espera.
Mas vendo que era estorvo a seus desejos
De Caboré a forçosa companhia,
Com Seriba ajustou, que numa gruta
(E a gruta lhe apontou), que ali vizinha
A natureza abriu num denso bosque,
A Tié falaria, quando ausente
E longe Caboré da Aldeia fosse.
Com tão grata resposta satisfeita,
A buscar a Tié corre Seriba,
A quem de tudo informa; e juntamente
O bosque e mais a gruta foi mostrar-lhe.
Alvoraçado Tié com esta nova,
A esperar se dispõe o feliz prazo;
Mas enquanto tardou, com que impaciência
Os instantes e horas não contava!
Parecia-lhe que o Sol mais lentamente
A diurna carreira completasse,
Que eram sem fim as noites; suspirava,
E a Amor se queixava da demora.
E enquanto assim se queixa, finalmente
Raiou o suspirado feliz dia;
Pois Caboré com outros se partira
A uma geral caçada, que distante,
Daqueles arredores se fazia.
Voa o gentil Tié à feliz gruta,
E nela achou Magé; o que passaram,
Vós belas Ninfas da sombria lapa,⁵³
E circunstantes selvas, que invejosas
Vistes e ouvistes seus ternos suspiros,
Suas doces palavras, seus extremos,
Vós o sabeis; que eu só referir posso,
Que os dois amantes ledos se tornaram,
Cada um a procurar sua morada.

⁵² *A sinalefa necessária para este verso ficar certo, posto que seja dura, não deixa de ter exemplos. O mesmo Poeta a tem feito outras vezes, ainda que raramente, por exemplo na Metamorfose IX. De seu amor e figura, e que rendê-la. (Nota do 1º Editor).*

⁵³ *Lê-se nos dois Originais: Vós ó Ninfas, etc. (Nota do 1º Editor).*

Longo tempo durou este comércio;
Pois que no mesmo sítio a ver-se vinham
O mancebo gentil e a Ninfa bela,
Todas as vezes que a caçar saía
Caboré, como tinha por usança.
Até que a murmurar se entrou na Aldeia
Das idas que Magé fazia ao bosque,
Sempre que o consorte ausente estava.⁵⁴
De Caboré chegou confusamente
Esta voz aos ouvidos; e querendo
Dela espiar a origem e a certeza,
Uma caçada para longes terras
Ardiloso fingiu. Saiu da Aldeia,
E por outra vereda mal trilhada
Ao bosque se endereça. Além do arco,
Das setas e carcás, levava pronta
Uma curta bipene, a quem servia
Um buído cristal de duro ferro.
Apenas chega ao bosque, logo enxerga
Tié que abrindo vinha pressuroso
O caminho por entre o denso mato.
Trazia o gentil moço na cabeça
Um diadema de encarnadas penas;
Das mesmas penas lhe cingia o colo
Uma crespá gorjeira, e delas era
Guarnecido o fraldão, que airoso traja.
Finalmente das mesmas penas tinha
Braços e pernas todos guarnecidos.
Caboré mal o vê, pronto se abaixa,
E oculto com a rama, por entre ela
O vê seguro entrar na fresca lapa.
Ali como afrontado do caminho,
Do ombro tira Tié prestes o coldre,
E como quem de nada se arreceia,
As frechas e arco tudo põe de parte;
E num grande cristal, que parecia
Que a mão da Natureza ali formara
Para servir de assento, se reclina.
E enquanto a Ninfa tarda, impaciente
Pela Ninfa a bradar assim começa:
Vem, amada Magé, ah! vem ligeira
Uma alma a consolar, que em cruéis penas
Sem ti vive, e sem ver-te submergida,
Vem... e no mesmo instante entra na gruta
Risonha a linda moça. Ó dos humanos
Infeliz condição! ó cega mente!
Que mal pensa Magé, mal Tié pensa,
Que no mesmo lugar onde esperavam

⁵⁴ *Melhor* Sempre que seu consorte, etc. (Nota do 1º Editor).

Achar o seu descanso, encontrariam
O desastrado fim de seus amores.
Caboré, que na gruta os tem seguros,
Dentre a silva rebenta furioso,
E no punho a bipene levantando,
A Tié se arremessa, que sem armas
Vítima fora então de seus furores,
Se Amor lhe não valera; pois no ponto
Em que o golpe caía, d'improviso
Se lhe pegam ao corpo as rubras penas,
De que loução se arreia, e se transforma
Em vermelha Avezinha, que inda hoje
De Tié pelo nome é conhecida;
E segura pelo ar se foi voando.
Caboré não podendo a sua fúria
Em Tié empregar, em raiva ardendo,
A Magé se voltou (que entretanto
Que ele a Tié investe, pressurosa
Da gruta se saíra, e pela selva
Sem alento e sem cor veloz fugia,
Pedindo ao Céu amparo), e após ela
A correr se lançou. Fugia a Ninfa
Mais veloz, do que foge a veloz lebre
Em raso campo ao galgo, que a persegue:
Mas como poderia a infeliz moça,
Débil e delicada, a cruel sanha
Fugir de Caboré, sem o socorro
Dos Numes, a quem aflita implora!
Já quase Caboré as mãos lhe lança,
Quando toda Magé cobrir-se sente
De um gélido suor, o corpo todo
Em grossas bolhas d'água lhe rebenta.
De seus soltos cabelos um chuva
A cair começou de fino orvalho,
E em os passos, que dá, na terra deixa⁵⁵
De água uma grande poça; assim fugindo
Toda em cândido humor se vai tornando;
De maneira que quando havê-la presa
Caboré presumia, ante seus passos,
Com pasmo vê correr um largo rio,
Que fugindo veloz por entre a selva,
Vai meter-se no mar na grão baía;
Sem perder de Magé 'té hoje o nome.
Furioso por não poder vingar-se,
Caboré roga aos Céus que ali o mudem
Também em veloz ave, porque possa
Em Tié, inda em pássaro tornado,
Seu agravo vingar como deseja.

⁵⁵ *O Autor escreveu:* E em cada passo que dá, etc. (Nota do 1º Editor).

Não foram vãos seus rogos; pois que logo
Em ave se tornou, que o nome guarda
Do fero Caboré, e que ligeira
Persegue sem piedade as tenras aves,
Só por ver se entre elas Tié topa.

CANTIGA

Tirada dos Apontamentos Originais do Autor.

Agora que o Céu
De nuvens se cobre,
E a Noite descobre
O seu negro véu;

Agora que o prado
Se veste de horrores,
E vão os Pastores
Recolhendo o gado:

Deixa, Nise impia,
Do monte os abrolhos,
E vem com teus olhos
A suprir o dia.

Vem, não te demores,
Pastora querida;
Vem a dar-me vida
Com os teus favores:

Vem, não te reporte
Teu feno rigor;
Dê-me vida Amor,
Se Amor me dá morte.

Das flores do monte
Trago uma Capela;
Vem, Ninfa, e com ela
C'roarás a frente.

Os tenros filhinhos,
As aves furtados,
Para ti guardados
Trago inda nos ninhos.

Se a ver-me vieres,
Terás maior palma,
Terás a minha alma,
Se acaso a quiseres.

Não fujas, ingrata,
De ouvir meu clamor;
Vê que o teu rigor
Sem razão me mata.

A meus tristes olhos
Sem teus resplendores
Se tornam as flores
Em secos abrolhos.

As rosas do prado,
As frutas do monte,
O correr da fonte,
O balar do gado,

Nada me contenta,
Nise, sem te ver;
E qualquer prazer
Cruel me atormenta.

Vem, ó Nise impia,
A ver meus desmaios,
Vem com os teus raios
A suprir o dia.

ROMANCE

Foi feito por ocasião da festa do Jordão, que se celebrou no Mosteiro de Almoester.

Tirado do Original de Coimbra.

Pastores, que nas campinas,
Que o sagrado Jordão banha,
Numa ditosa inocência
Guardais as vossas manadas:

Vós, que do celeste Empíreo
Apeteceis a morada,
Deixai o rebanho, e vinde
Ao cristal de suas águas.

Que de Deus pelo Cordeiro,
Que do mundo a culpa arranca,
Entre músicas celestes
Hoje estão santificadas.

Maior prodígio que quando
Ao leve toque das plantas
Dos Levitas, de improviso
Os seus cristais se rasgaram.

E num transparente monte
Suas águas levantadas
Virão cheias de respeito
Passar do Testamento a arca;

Hoje contemplou suspensa
A sua corrente clara,
Quando do filho de Deus
Tocou as plantas sagradas.

Viu o Anjo do Senhor,
Que o mesmo Senhor mandara
Do suspirado Messias
A preparar as estradas:

João, a quem o Eterno
Mais que Profeta declara,
E por maior entre os filhos
Das mulheres assinala;

Quando dentro em seus cristais
Reverente o baptizava,
Abrir-se do claro Céu

A superfície azulada,

E descer veloz sobre ele
Por entre as nuvens douradas
O espírito do Senhor
Batendo as cândidas asas.

Ao mesmo tempo dos ares
Pela região dilatada
Soa uma divina voz
Ao som de Angélicas harpas.

A cujos ecos os cumes
Os altos montes levantam,
E suspensas dos rochedos
Dos rios ficam as águas.

Este é meu filho amado,
Diz a música sagrada,
De que eternamente a minha
Sabedoria se agrada.

Ó correntes do Jordão,
Águas do Senhor amadas,
Sempre vossas margens bordem
Altos cedros, verdes palmas.

Sempre sejam vossas selvas
De boninas esmaltadas,
Cujos aromas perfumem
Dos Céus as campinas largas.

Ah, vinde, Pastores, vinde
A lavar em suas águas
Dos espíritos impuros
Todas as terrenas manchas.

E para o Céu renascidos
Voarão purificadas
Vossas almas a gozar
Com Deus da celeste pátria.

O FALSO HEROÍSMO

COMÉDIA DE ELPINO NONACRIENSE

Composta em Janeiro de 1775.

Esta Comédia, omitida em todas as Coleções originais, imprime-se segunda uma cópia que foi comunicada ao Editor; e posto que nesta cópia se encontrassem muitos erros, eles foram quase todos emendados à vista dos Apontamentos originais do Autor, onde se acham muitos fragmentos desta Comédia.

PESSOAS

D. LANÇAROTE GODINS

LÚCIO

D. TADEU DE MONTALTO, homem presumido de Fidalgo, e pouco instruído.

LISUARTE MALAFAIA, mancebo virtuoso.

LOPES, criado de D. Tadeu.

D. PETRONILHA, filha de Lançarote.

CARMOSINA, criada de D. Petronilha.

RODRIGO PAPA-FERRO, valentão.

Um laçao de Lançarote.

Dois ou três homens companheiros de Papa-ferro.

A Cena representa uma Praça, na qual se verão as Casas de Lançarote e de D. Tadeu, que constituem o lugar da acção.

ACTO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

Sala em Casa de D. LANÇAROTE com mesa de chá, que PETRONILHA estará servindo; LISUARTE e D. TADEU ao pé de Petronilha; CARMOSINA em pé, e um Lacaio.

D. TADEU

Que primoroso Chá! o cheiro, o gosto
Não mentem; logo mostram, que é da Rússia.
Amigo Lisuarte, eu nestas coisas
Bem posso decidir magistralmente;
Sem jactância dizer, que não se encontra
Daqui às portas da famosa Roma,
Quem entenda melhor destas bebidas.
Não é assim?

LISUARTE

Depois de o decidires,
Fora muito incivil se o duvidara.

D. TADEU

Amigo Lançarote, onde o compraste?
Quanto custa o arrátel? porque quero
Fazer dele um regalo a certo Grande.

D. LANÇAROTE

Eu, Senhor Dom Tadeu, sou homem liso,
Nem me valho do engano dos amigos,
Como talvez costumam os bazófiás,
Para fazer valer as minhas coisas:
Este Chá não é raro, é do que trouxe
Essa nau, que da China há pouco veio.

D. TADEU

Com que entendestes que eu falava sério?
Enganar-se Tadeu nestas matérias
Não o creiais, Amigo Lançarote:
Apenas se lançou o Chá no Bule,
Que a Haison me cheirou: não quis dizê-lo
Porque quis, escusai-me, exp'rimentar-vos;

Porém dobrando nesta parte a folha,
Em tudo, Lançarote, sois magnífico:
Gosto muito de vós, porque no trato
Um cavalheiro pareceis da gema.

D. LANÇAROTE

Desejo obsequiar a quem nos honra.

LISUARTE

O Senhor Lançarote é muito honrado.

D. TADEU

Honrado, dizeis vós? Isso não basta:
E César, é Catão, é Tito Lívio.

LISUARTE

Perdoai-me; julgava que em chamar-lhe
Honrado, muito mais o elogiava.

D. TADEU

Esta gente vilã há-de enfunar-se,
Que assim melhor a lã cardar-se deixa.
(À parte para Lisuarte)

LISUARTE

Deve o homem de bem falar sincero.
(À parte para D. Tadeu)

D. TADEU

Filosofia temos: forte seca! *(À parte)*

CENA II

OS DITOS E LÚCIO

LÚCIO

Bons dias, meus Senhores.

LANÇAROTE

Senhor Lúcio,

Bem vindo; traze, Silva, uma cadeira,
Carmosina, a buscar corre uma xic'ra.

LÚCIO

Sem incómodo.

PETRONILHA

Aqui o Senhor Lúcio
Tem um lugar, se for do seu agrado.

LÚCIO

Tão distinto favor vaidoso aceito.
(Senta-se ao pé de Petronilha.)

D. TADEU

Aborrece-me este homem, mais que as moscas. *(À parte)*
Senhora Petronilha, estais tão bela,
Que à vista desses olhos matadores
Não precisa Cupido de outras setas.

PETRONILHA

Agradeço, Senhor, tanta lisonja. *(Com severidade)*

LANÇAROTE

Tardáveis hoje tanto, Amigo Lúcio,
Que julguei, que sem ver-vos passaria.

LÚCIO

Deteve-me um negócio; mas enquanto
Não vinha receber as vossas ordens
Voava o coração a obedecer-vos.

PETRONILHA

Quereis mais leite?

LÚCIO

Não, minha Senhora.

D. TADEU

Lançarote, quereis do meu tabaco? *(Abrindo a caixa)*

LANÇAROTE

Por ora não.

D. TADEU

Olhai que é excelente,
É Macubá legítimo, não desse
Que no Jardim se faz, que de cem léguas
Já cheira a Português: não sei que encontro
Nas coisas dos Países estrangeiros,
Que só delas me pago, e me contento.

LISUARTE

Muito a preocupação sobre nós pode!

D. TADEU

Pois paciência.

LANÇAROTE

Senhor, o que vos gabo
É a caixa.

D. TADEU

Isto é jóia muito rara,
É de uma preciosa Cornalina,
Deixou-ma por cabeça de Morgado
O Senhor Dom Hermigo de Montalto,
Meu undécimo Avô por varonia,
Que na Lide se achou de Agua de Maias.

LANÇAROTE

Tendes muita razão para estimá-la.

D. TADEU

Amigo Lúcio, estais muito sisudo;
Deixai melancolias por agora.
Dizei-me, fostes ontem ao Bairro Alto
A ver a Op'ra?

LÚCIO

Não.

D. TADEU

Pois certamente
Que perdestes, Amigo, um grande Drama.
Oh que Drama! oh que Drama! oh que espavento!
Que gosto ver a gente pelos ares
Voar uma Cidade com seus muros,
Sem que uma velha chaminé lhe caia!
E no mesmo lugar, e ao mesmo tempo
Ver o mar coalhado de baleias,
Ouvir uma medonha trovoada,
Que as cenas cobre de uma espessa nuvem
De fumo, e de terror os circunstantes,
Ver saltando pelo ar uma cabeça,
Que fala enquanto canta outra figura!
Isto, Senhores, sim, que alegra o olho,
E não essas insípidas Comédias
Sem enredo, sem lances, e sem vistas.

LÚCIO

A boa imitação da Natureza
Me entretém muito mais, que tudo isso.

D. TADEU

Também vós sois, Amigo, dessa escola
Dos que alegam, sem nunca tê-los lido,
E muitos, o que é mais, sem entendê-los,
Com Gregos e Latinos? esse gosto
Se foi bom, só o foi em Grécia e Roma:
O gosto Português é de outra laia.

LÚCIO

Segundo isso a razão e a natureza
Não é a mesma sempre em toda a parte?

D. TADEU

Não, Senhor: nós vivemos em Lisboa,
Aonde há bons Doutores e Poetas,
Sem nunca terem lido esses Autores;
Devemos imitá-los e segui-los;
Devemos imitar os nossos velhos,
Sem querer saber mais, que eles souberam.

LANÇAROTE

Eu disse nada entendo; mas confesso,
Que me agrada, Senhor, o vosso voto:
Que excelente Comédia foi aquela,
Que vi representar na minha infância,
Tambien en el abismo se ama, creio
Que por título tinha: oh que tramóias!
Oh que vistas! encheu-se todo o pátio
Da melhor gente, que em Lisboa havia:
O Teatro ganhou muito dinheiro.

D. TADEU

Isso, meu Lançarote, não tem dúvida:
Mas hoje, que miséria! tem-se alçado
Um enxame de moscas, ou Poetas
De Grego e de Latim enlambuzados,
Que intentam saber mais, que tantos sábios;
Mas coitados! mais pena lhes não quero,
Que deixá-los com suas frioleiras,
E com seu verso solto, que tem pilhas.

LISUARTE

Falemos, Dom Tadeu, noutra matéria.

D. TADEU

Acho que dizeis bem, não disputemos:
Vistes já, Lançarote, o meu carrinho?

LANÇAROTE

Inda não.

D. TADEU

Pois bem posso segurar-vos,
Que em Lisboa não roda outro mais rico.
Senhora Petronilha, um monte é de ouro.

PETRONILHA

Estimo.

D. TADEU

Pois os machos, oh que brutos!
São os melhores que criou a Mancha:
É gosto sem igual ver como trotam,
Borrifando de lama, atropelando

A miserável gente pelas ruas.
Se quiseres sair um dia nele,
A grande honra o terei: tereis a glória
De que ninguém vos leve a dianteira.

PETRONILHA

Mil vezes obrigada, eu nunca tive
Esse bom gosto de pisar a gente. *(Para D. Tadeu)*
Aqui está, meu Pai, a sua xic'ra
(Pegando na xícara para a dar a Lançarote)

LÚCIO

Aqui estou eu. *(Levantando-se a tomar a xícara)*

D. TADEU

Eu estou primeiro. *(Levantando-se também a tomar a xícara)*

PETRONILHA

Senhor, não se incomode: o Senhor Lúcio
A bondade terá... *(Dá a xícara a Lúcio)*

LÚCIO

Terei a glória.
(Toma a xícara e a dá a Lançarote)

D. TADEU

*(Que é o que vejo! A Lúcio a preferência!
A um Fidalgo, como eu, tamanha afronta!
Não são por certo vãos os meus receios,
Ah, cruel! ah, tirana! estou ardendo;
Mas eu me vingarei desta insolência.) (À parte)*

PETRONILHA

Quereis mais, Dom Tadeu?

D. TADEU

Nada mais quero.
(com rosto carregado, tira pelo relógio.)
Que o meu Procurador me espera em casa,
Para conta me dar do grão litígio,
Que trago c'o Senhor da Raposeira
Sobre o prazo de Alcoens: às vossas ordens. *(Vai-se)*

LISUARTE

Esperai, que eu também vos acompanho:
Liberdade, Senhores, vosso servo. *(Vai-se)*

LANÇAROTE

Eu também me retiro: Petronilha,
Entretendo ficai o Senhor Lúcio. *(Vai-se)*

CENA III

PETRONILHA, LÚCIO E CARMOSINA

PETRONILHA

Ah inocente Pai! a que perigo
Expões minha virtude, sem sabê-lo! *(À parte)*

LÚCIO

E será certo, amada Petronilha,
Que pode o coração lisonjear-se,
Sem temer Dom Tadeu, nem seus empenhos,
De encontrar em teus olhos a piedade,
Aquela piedade, que merece
Servindo e padecendo há tantos anos?

PETRONILHA

Por compaixão, Senhor, em paz deixai-me:
Que mais quereis de uma mulher honrada,
Que o combate cruel, que na alma sente,
De encontradas paixões por vossa causa?
A minha confusão, o meu silêncio,
E a meu pesar talvez que os meus olhos,
Do que quereis saber assaz vos dizem.

LÚCIO

Nada mais quero, amada Petronilha;
Deixai pois que prostrado às vossas plantas,
Beije mil vezes essa mão de neve,
Sinal da vassalagem, que te juro.
(Ajoelhando para beijar a mão.)

PETRONILHA

Que fazeis? Estais louco? Por ventura
Não sabeis, que falais com Petronilha?
Assim um homem, que se diz honrado,
Da confiança abusa, que outro homem,
Também, como ele, honrado lhe permite?
Antes pois que a paixão vos precipite,
Da vossa vista quero retirar-me. (*Partindo*)

CENA IV

LÚCIO E CARMOSINA

LÚCIO

Espera, Petronilha, não te ausentes,
Que me matas, cruel, que não te ofendo;
Carmosina, estou louco!

CARMOSINA

Que desgraça! (*Fingindo que se vai.*)

LÚCIO

Onde vais?

CARMOSINA

A mandar que sem demora
Vão buscar do Hospital a cadeirinha.

Lúcio

Ah, minha Carmosina! não me insultes!
Não te ponhas da parte de uma ingrata!

CARMOSINA

Ingrata lhe chamais?

LÚCIO

Pois não merece
Este nome a cruel? Ah! tu não viste
Como veloz fugiu de meus agrados,
De meus ternos e puros rendimentos?
Com que rigor fugiu d'ante meus olhos,
Destes meus olhos, que sem vê-la cegam?

CARMOSINA

Que havia de fazer a pobrezinha,
Se vós mesmo dizeis, que estais sem tino?
Querias que esperasse as vossas fúrias?

LÚCIO

Oh, não zombes de mim! não o merece
Um coração amante, e desprezado:
Que dizes? Que farei? Que me aconselhas?

CARMOSINA

Que hei-de dizer-vos? Que tendes juízo.
Petronilha, Senhor, não é ingrata;
Conhece que a amais e em vão pretende
Encobrir que vos ama: vós a ouvistes,
Acesas de vergonha as gentis faces,
Dizer-vos muito mais do que quisera;
Mas temos todos nós nossa mania;
A sua é ser honrada: neste caso
Não deveis acusá-la, nem queixar-vos,
Quando tendes na mão fácil remédio.

LÚCIO

Remédio, e fácil! Dize, Carmosina,
Qual é?

CARMOSINA

O Matrimónio.

LÚCIO

Falas sério?
Por ventura crês tu, que Petronilha
Escutará com gosto esta proposta?

CARMOSINA

Que bonita pergunta na verdade! (*Rindo-se*)
Não presumia que éreis tão anjinho.
Inda agora sabeis, que o Matrimónio
E para nos caçar o melhor visco?
Minha Ama não vê com indiferença
A vossa inclinação: o pejo, a honra
Os negros cocos são, de que se espanta,
Que bem a seu pesar de vós a apartam:

Ora vendo por terra derribados
Estes vãos espantalhos, como pode
Resistir à prisão, que ela apetece?

LÚCIO

Facilmente se abraçam os conselhos
Quando à vontade são de quem os pede;
Entro pois sem demora, Carmosina,
Por esposa a pedi-la a Lançarote. *(Querendo entrar)*

CARMOSINA

Venha cá; onde vai? Agora vejo,
Que faz o cego amor loucos varridos.
Não viu sair há pouco desta casa
O Senhor Lançarote?

LÚCIO

Uma alma amante,
Que entre sustos flutua, entre esperanças,
Merece compaixão, se talvez erra.
Correrei a buscá-lo a toda a parte,
Que o coração no peito não sossega,
Enquanto incerto está do seu destino. *(Vai-se)*

CARMOSINA

Vá nas horas de Deus, estrela boa
O leve em paz ao porto desejado.
Eu também deste ajuste a Petronilha
A dar parte me vou, que de contente
Há-de ficar bailando as tripecinhas.

CENA V

Vista de Praça, cujo fundo ocupará o frontispício das Casas de D. Lançarote, e a um lado se verão as Casas de D. Tadeu.

D. TADEU E LISUARTE

LISUARTE

Dom Tadeu, vindes muito pensativo:
Que tendes, que vos dá tanto cuidado?
Falai, sou vosso Amigo verdadeiro;
Em todo o transe me achareis disposto
A ajudar-vos com braço e com conselho.

D. TADEU

Que célebre pergunta! agora entendo
Quanto a Filosofia nos distrai:
Ora dizei-me, Amigo, e é possível,
Que na afronta cruel não reparastes,
Que neste instante de sofrer acabo,
Em casa do vilão de Lançarote?

LISUARTE

Afronta, Dom Tadeu! dizei, que afronta,
E vereis como corro a despicar-vos.

D. TADEU

Já sei, não vistes como Petronilha,
Presumida talvez de haver rendido
Um Fidalgo, como eu, às suas graças,
Lúcio me preferiu, dando-lhe a chávena?

LISUARTE

Ora acabai com isso; na verdade
Que foi injúria atroz. (*Rindo-se*)

D. TADEU

Pois quê! vós ride-vos?
Com que é coisa de brinco ver-se um homem,
Um homem, qual eu sou, que o melhor sangue
Nas veias tem de toda a Beira e Minho,
Pela dama, a quem serve, preferido,
Preferido, e por quem? por um mecânico?
Ora ide-vos, cuidei que éreis mais lido,
Que sabíeis melhor do ponto de honra:
Isto sempre foi caso de duelo;
Ide, lede as Comédias Castelhanas.

LISUARTE

Bons textos me alegais e bons Doutores.

D. TADEU

Que dizeis? que dizeis? com que não prestam
Salazar, Calderon, Matos, e Vega?
Moreto e Montalvan são peixes podres?

LISUARTE

Foram homens de engenho, mas erraram
A verdadeira estrada em suas obras.
Por não falar em pontos mais escuros,
Quase sempre se vê triunfar o vício,
Trajando falsas, agradáveis cores,
Mil danosas sentenças semearam;
E dourando o veneno, corromperam
O coração da incauta mocidade.

D. TADEU

Nunca tal coisa ouvi, antes os tenho
Visto gabar por bons a muita gente,
Pregadores, Teólogos, Juristas.
O meu Letrado, que é dos bons da Corte,
Já com um alegou em certo pleito.

LISUARTE

Que terminante lei! aposto, Amigo,
Que venceu a demanda? *(Com ironia)*

D. TADEU

Boa dúvida:
Mas sejam bons, ou maus esses Autores,
Com isso nada tenho, nem me importa:
Meus Avós, que nos campos Africanos
Encheram de terror, a lança em punho,
Mequines, Tetuão, Fez e Marrocos,
Por muito menos que isso costumavam
Açoitar, esfolar, cortar orelhas.

LISUARTE

Amigo Dom Tadeu, nossos maiores
Enquanto pela Lei e Pátria a vida
Ao mar, aos inimigos expuseram,
São dignos de louvor, foram honrados.
Nestas e nas mais virtudes, que os ilustram,
É certo que devemos imitá-los;
Mas se erraram, tiveram seus defeitos,
Pensam da corrompida natureza,
Não é razão que neles os sigamos.

D. TADEU

Não tendes que cansar-vos, eu conheço

Tanto ou melhor, que vós, o que me cumpre;
Sei que estou afrontado, sei que devo
A mim, e ao meu sangue ilustre, que me anima,
Dar público castigo a quem me ofende.
Não serei Dom Tadeu, se neste caso
Meu brio não fizer uma falada.

LISUARTE

Já vejo que quereis assim fazer-vos
A fábula do povo, publicando
Essa fraqueza vossa, que esconder-se
Deve aos olhos do mundo por decência.

D. TADEU

Não sei, sei só, que devo, e que pretendo
Vingar a minha injúria. Sois servido
De entrar?

LISUARTE

Por ora haveis de desculpar-me.

D. TADEU

Pois ficai-vos em paz. *(Entrando para casa)*

LISUARTE

Adeus, Amigo.

CENA VI

LISUARTE *só*

Parece-me, que em vão trabalho, e estudo
Por trazê-lo à razão; a falsa ideia
Da nobreza bebida desde o berço,
A má educação, e de alguns livros
As máximas erradas pervertido
Lhe têm o coração, mais o discurso.
Mas que devo fazer? sou seu Amigo,
E vê-lo não quisera arruinado;
Erro grande faria, se o deixasse
Entregue ao grão furor que o desatina,
E aos ruins conselheiros que o rodeiam;
Convém pois esperar, que se modere
A primeira paixão, que os bons conselhos

Numa alma perturbada são perdidos. (*Vai-se*)

CENA VII

Gabinete em casa de D. Tadeu.

D. TADEU, LOPES

D. TADEU

Lopes. (*Dando o espadim e o chapéu a Lopes*)

LOPES

Fidalgo.

D. TADEU

Amigo, venho ardendo.

LOPES

Pois que te sucedeu?

D. TADEU

O maior caso, Que até'gora tem acontecido
À famosa linhagem dos Montalvos.

LOPES

Tremendo estou: que foi, acaba, dize?

D. TADEU

A cruel Petronilha...

LOPES

Eu o dissera,
Que daí é que vinha a tosse ao gato;
Mas vamos adiante. Petronilha [...]

D. TADEU

Não só despreza, cheia de vaidade,
Meus amantes obséquios,

LOPES

Nessa parte
Hei dela compaixão, pois não conhece
A honra, que lhe fazes em amá-la.

D. TADEU

Pois sem reparo algum ousa antepor-me...

LOPES

Quem, Senhor?

D. TADEU

Um vilão de sua estofa.

LOPES

Cáspite!

D. TADEU

Esta manhã o chá tomando,
Quis ao dar duma chávena servi-la;
Ao mesmo tempo Lúcio se atravessa:
E ela sem olhar quem ofendia,
E sem caso fazer do meu obséquio,
A xícara lhe deu toda risonha.

LOPES

Forte insolência! e tu, Senhor, que obraste?
Nesse instante fatal de meio a meio,
Tal qual uma pescada, não o abriste?

D. TADEU

Essa é boa! com que eu manchar havia
A minha espada de um vilão no sangue?

LOPES

Ó alma de Fidalgo, ó alma grande!
(Sempre dos fracos foi esta a rodela) (*À parte*)
Perdoa-me, se em tal não reparava;
Nós outros os mecânicos tão alto
Tão sabemos pensar como os Fidalgos.

D. TADEU

Ah meu bom Ferramonte! quanta falta
Neste caso me fazes! se ao meu lado
Eu agora te visse, afoitamente
Podia segurar minha vingança.

LOPES

Não me dirás que Ferramonte é esse,
Que te merece tantas saudades?

D. TADEU

Foi um fiel criado, que já tive,
Uma jóia, um modelo de criados:
Enquanto me serviu, oh que respeito
Nesta cidade conseguiu meu nome!
Ninguém a alçar direitos se atrevia
Os olhos para mim.

LOPES

Ó que criado!

D. TADEU

Entre muitas, que fez, quero contar-te
Uma história, que é digna certamente
De ser em todo o tempo celebrada:
Servia eu certa Dama, e uma tarde
Estando juntos a tomar o fresco
Numa janela, passa um desses moços,
Que trazem escarpins, e não sapatos,
E relógio, qual macho de liteira
Com muita franja, e muita campainha;
O cabelo era coisa façanhosa:
A rapariga ao vê-lo, ou fosse graça,
Ou fosse porque assim lhe parecia,
Belo cabelo, diz, leva esse moço.
Enchi-me de paixão; porém calei-me.
Chegado a casa, digo a Ferramonte,
Que por maior afronta à minha vista,
E à vista da moçoila sem falência
Devia tosquiar o tal galante.
Dito, e feito: ao outro dia às mesmas horas
Torna a passear o tal Pintalegrete
Todo pós e pomada, todo almíscar
C'um topete mais alto, que uma torre.

LOPES

Que lindo que viria o Marmelo!
(Com que de mais a mais este é daqueles,
Que são lince em ver no olho alheio
O argueiro, e no seu não vê a tranca?) (*À parte*)

D. TADEU

O bom de Ferramonte soltamente
A ele se arremessa, e agarrando-o
Pelo honrado grossíssimo chicote,
À vista de nós ambos rés lho corta.

LOPES

Oh que galante coisa! oh que criado! (*Rindo-se*)
Nunca por tal acção as mãos te doam.

D. TADEU

Ainda aqui não pára a tal história.
O maior chiste está, amigo Lopes,
Em que o feroz Atleta triunfando,
Como despojo da cruel batalha
Nos veio apresentar o grão chicote.
A cauda de um Bachá não faz mais vulto,
Porém que muito, se indo a examiná-lo,
Entre quatro farripas lhe encontramos.

LOPES

O quê, Senhor?

D. TADEU

O Quê? vê se adivinhas.

LOPES

Deixa-me discorrer: talvez seria
De cabelo de bode algum crecente?

D. TADEU

Qual crecente?

LOPES

Não? pois então aposto,

Que foi de grossa estopa alguma estriga.

D. TADEU

Qual estriga?

LOPES

Pois já que não acerto
Dize tu o que foi, pois por sabê-lo
Rebentando estou.

D. TADEU

Coisa nunca vista!
De grosso zambujeiro um grande taco,
O qual eu desde então tenho guardado
Com cuidado maior, que o com que guarda
Concha esquisita sôfrego antiquário:
Queres vê-lo?

LOPES

Pois não? coisa tão rara
Merece ser por todos admirada.

D. TADEU

Pois abre essa gaveta, e dela o saca.
(Abre Lopes a gaveta e tira um grosso taco de pau.)

LOPES

Nome de Deus! e pôde haver cabeça
Que sustentasse tão disforme peso?
Certamente, Senhor, que o Franchinote
Devia de o trazer por penitência:
Tu lhe fizeste grande benefício,
Pois não podia ter maior castigo,
Que o trazer essa tranca sobre as costas.

D. TADEU

Que pasmas? pois, meu Lopes, saber deves,
Que estes grandes chicotes, que hoje campam,
Todos como esse têm igual miolo.

LOPES

Tão leves devem ser essas cabeças,

Que para não voarem com o vento
Precisam de trazerem contrapeso;
Mas tornemos, Fidalgo, a Ferramonte;
Um moço de tais manhas certamente
Que havia de medrar muito contigo.

D. TADEU

Oh se medrou! porém fez tantas destas,
Que sem poder valer-lhe mo prenderam.

LOPES

Sempre pelo mais fraco quebra a corda. (*À parte.*)

D. TADEU

E por fim o mandaram para Angola.

LOPES

Grande despacho teve! Não lho invejo.

D. TADEU

Desde então fiquei manco, pois com ele
O meu braço direito me cortaram;
Tu, meu Lopes, não és para estas coisas.

LOPES

A falar a verdade, eu sempre fujo
De meter-me em camisas de onze varas;
Não folgo de ver sangue, nem pendências:
Amo o descanso e a paz, e os meus talentos
São mais de Gabinete, que de Campo;
Sobre tudo receio, que mos moam,
Ou que me dêem c'os ossos em Angola,
Como esse meu Colega Ferramonte;
Porém se tu quiseres, eu conheço
Um Amigo capaz dessas façanhas.

D. TADEU

Ó meu Lopes, que dizes? esse Amigo
Entendes que é capaz de despicar-me?

LOPES

Como? não só capaz, mas capacíssimo:

É um homem de todos os diabos,
Um corisco, um trovão, uma centelha.

D. TADEU

Belo, belo!

LOPES

Tem dez mortes às costas.

D. TADEU

Excelente!

LOPES

Três vezes degredado
Tem sido para a Índia.

D. TADEU

Excelentíssimo!
Meu Lopes, sem demora rebolindo
Esse homem vai chamar-me; olha que a paga
Segura em mim a tens.

LOPES

Não haja falta
Da sua parte, que eu não sei da minha
Faltar ao que prometo. (*Vai-se.*)

D. TADEU

Já minha alma
Começa a descansar: terei o gosto
De ver moer os ossos a um maroto,
Que sem ver a ralé, de que procede,
Com um Fidalgo a competir se atreve. (*Vai-se*)

CENA VIII

Praça

LANÇAROTE E LÚCIO

LANÇAROTE

Senhor Lúcio, agradeço quanto é justo
A eleição, que fazeis de minha filha
Para vossa mulher; mas eu, Amigo,
Sou Pai, não sou tirano: a Petronilha
Ternissimamente amo: seus honestos
Costumes, o respeito, a obediência,
Que sempre me mostrou, tudo merecem:
Vê-la feliz desejo, e se a casasse
Contra seu gosto, em vão o desejara;
Uma união violenta, amigo Lúcio,
Não é suave laço, é cativoiro.
Antes pois que vos dê final resposta,
Pretendo consultar sua vontade.

LÚCIO

Obrais como é razão, nem eu intento
Constranger a Senhora Petronilha.

LANÇAROTE

Entro pois a falar-lhe, e vós entanto
Podeis certo ficar, que se a proposta
A Petronilha apraz, da minha parte
A vossa escolha aprovarei gostoso.
Ficai com Deus. *(Vai-se.)*

LÚCIO

O Céu, Senhor, vos guie.
Meu coração, que tens? de que palpitas?
Tremes talvez ao ver que veloz corre
O momento fatal, de que pendendo
O teu destino está? Ah! não, não tremas,
Que nos olhos da bela Petronilha,
Naqueles olhos, dos Amores centro,
Sinais tens visto já de que te estima. *(Vai-se.)*

ACTO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

Praça

LOPES E PAPA-FERRO

LOPES

Como te vou contando, este meu amo
E bazófia de todos os costados;
Arrota de Fidalgo, e a toda a hora
Na boca lhe acharão seus Avoengos.

RODRIGO

Desses conheço, Lopes, mais de um cento:
Se os creres os terás por descendentes
Do Almirante Balão em linha recta,
E bem sabemos nós que avós tiveram.
Tudo provam com certos cartapácios,
Que eles mesmo fizeram a seu gosto;
Mas deixemo-los já com sua teima,
Pois não somos de loucos enfermeiros,
E vamos prosseguindo a nossa prática.

LOPES

Este meu amo pois tem a vaidade
De querer imitá-los; mas coitado!
E somente no mau, que no bom, nada.
Galanteia uma Dama, que o despreza;
E tem-se-lhe antojado, que um Casquilho
Lha tirava do lanço, e que cumpria
Ao pundonor, às leis de Cavalheiro
Castigar, como diz, tão grande afronta;
Mas como o coração o não ajuda,
Quer um homem capaz de desempenho.
Eu que jamais me esqueço dos amigos
Em lances de proveito, em continente
A Sua Senhoria por mais bravo
Que Roldão te inculquei, e que Oliveiros.
Pegou-me da palavra, e logo, logo
A chamar-te me envia: este é o caso.
Agora que na rede a presa temos,
Lancemos dela mão, e prontamente

Entremos sem piedade a depená-la.

RODRIGO

Em boas mãos caiu, deixa-o comigo.

LOPES

Arremete-te a ele, com patranhas
As orelhas lhe quebra; em ferro e fogo,
Sangue e mortes só fala.

RODRIGO

Com bom bicho
Se meteu o pobrete: tu bem sabes
Que tenho o cabedal todo em palavras,
Que não sou, quando importa, dele avaro:
Tais coisas lhe direi, tais valentias,
Que o pobre ficará co'a boca aberta.

LOPES

Pois então mãos à obra; adeus, que em casa
Vou esperar por ti, não tardes muito.

RODRIGO

Sossega, que daqui a um quarto de hora
Lá contigo serei.

CENA II

RODRIGO *só*

Ora bem dizem,
Que sempre Deus se lembra da pobreza;
Eis-me aqui, que apesar das minhas traças
Posto estava na espinha, andava às moscas,
Quebrando essas esquinas, senão quando
Esta tolã a sorte me depara;
Enquanto ela durar, que boa feira
Farão os Taberneiros! eu prometo
Que mais não há-de haver parente pobre;
Beberei, jogarei, e em se acabando,
O Céu acudirá; que nunca a sorte
Fecha uma porta, sem que outra logo abra. (*Vai-se.*)

CENA III

Gabinete em Casa de Lançarote

PETRONILHA *ao cravo*, e CARMOSINA *em pé*.

PETRONILHA

Carmosina.

CARMOSINA

Senhora.

PETRONILHA

Dá-me essa Ária.

CARMOSINA

Qual delas?

PETRONILHA

A que tem a fita verde.

CARMOSINA

Creio, Senhora, que te deu no goto,
Pois que cantá-la tantas vezes te ouço.

PETRONILHA

Conforma-se melhor com meus cuidados.

CARMOSINA

Cuidados? ora deixa que me ria;

Pois tu também padeces esse achaque?

PETRONILHA

Sim, e são muitos mais do que presumes. *(Canta.)*

ÁRIA

Qual baixei de opostos ventos
Em mar bravo combatido,
Que das ondas impelido

Vai correndo a naufragar:

Tal de cem e cem affectos
Salteada esta alma amante,
Em um mar de mil cuidados
 Flutuante
Se vê quase soçobrar.

(Ao repetir parará de repente, dando um grande suspiro; e Carmosina correrá a ela, como assustada.)

CARMOSINA

Que tens, Senhora? deu-te alguma coisa?
Vou depressa a fazer-te uma fumaça;
Não, melhor será a água de Melisa.

PETRONILHA

Que hei-de ter, Carmosina? ah! tu não sabes
Deste meu coração qual é o estado,
E quantos por amor tormentos passa!

CARMOSINA

Graças aos Céus! cuidei que era outra coisa:
Inda tremendo estou: que forte susto
Me fizeste rapar!

PETRONILHA

Pois achas pouco
O ver-me a todo o instante combatida
De paixões tão contrárias, tão violentas,
Como são as do amor, e honestidade?

CARMOSINA

Que loucura! Ora dize-me, Senhora,
Não amas com extremo o Senhor Lúcio?

PETRONILHA

Prouvera ao Céu, que tanto o não amara.

CARMOSINA

Não és c'o mesmo extremo dele amada?

PETRONILHA

Seus olhos, seus excessos, e palavras
Tão temas, tão mimosas, seus suspiros,
Que parecem sair do fundo da alma,
Assim mo fazem crer.

CARMOSINA

E não te disse,
Que ele daqui saiu há poucas horas,
A teu Pai a pedir-te por esposa?

PETRONILHA

Disseste.

CARMOSINA

Pois então por que motivo
Te pões a suspirar? de que te queixas?
Dá com a mão na boca, olha que falas
De farta, e pode o fado castigar-te.

PETRONILHA

Ah minha Carmosina! que não sabes,
Que uma alma, que o seu bem espera ansiosa,
Quanto mais perto está de consegui-lo,
Tanto mais teme, tanto mais receia.

CARMOSINA

Que tens tu que temer? temes acaso,
Que teu Pai não consinta no negócio?

PETRONILHA

E isso é pouco?

CARMOSINA

Enquanto a mim é nada:
Tu, Senhora, e não ele, é quem se casa;
Basta, se ele o não quer, que tu o queiras.

PETRONILHA

Estás louca? presumes que eu seria
Capaz de tal fazer?

CARMOSINA

Eu tenho ouvido,
Que somente a vontade dos que casam
Neste caso se quer, que os pais não devem
Contra seu gosto aos filhos dar estado.

PETRONILHA

Eu não sei, se os Pais podem justamente
Os filhos violentar nesta matéria;
Sei só, que uma mulher honesta, honrada
Sem sua aprovação casar não deve;
Que ao amor, aos cuidados que tiveram
Na sua educação, na sua infância
Injusta paga dera assim obrando.
Ah, Carmosina! se meu fado ordena, (*Levantando-se.*)
Que a meu constante amor meu Pai se oponha,
Primeiro me verás perder a vida,
Que faltar ao respeito que lhe devo. (*Vai-se.*)

CENA IV

CARMOSINA, e depois LANÇAROTE

CARMOSINA

Coitada, como és parva! dó me causas.
Eu matar-me por outrem! forte asneira.

LANÇAROTE

Onde está Petronilha?

CARMOSINA

Neste instante
Daqui se retirou, queres que a chame?

LANÇAROTE

Não, antes tenho que falar contigo.

CARMOSINA

Pois eu aqui estou; que mais aguardas?

LANÇAROTE

Saberás, Carmosina, que eu desejo
Casar a minha filha.

CARMOSINA

Bom desejo.

LANÇAROTE

Estou crecido em anos, e quisera
Vê-la, antes que morresse, afortunada,
E casada c'um homem que soubesse
Esses bens granjear, que hei-de deixar-lhe.

CARMOSINA

É justo; porque nós as raparigas
Somos vidro, quebramos facilmente,
Se nos não põem com tempo a bom recado.
(Já por aqui andou o Senhor Lúcio.) (*A parte.*)

LANÇAROTE

Mas como entre os Mancebos deste tempo
Tudo são jogos, danças, e banquetes;
Não era assim na minha mocidade,
O concerto, a modéstia, a sisudeza,
O respeito aos mais velhos, a prudência
Tudo neles trocado tem os anos;
Hoje são desenvoltos e palreiros,
Retóricos, Poetas, e sem terem
Das cãs a experiência riem e mofam
Da sua compostura e seus costumes;
Todo o cuidado põem em certas modas
De vestir e calçar, e com que aos olhos
De homens sérios, ridículos se tornam;
Mas deixando estas coisas, Carmosina,
Que não são para ti.

CARMOSINA

Muito bem fazes,
Que a mim só me contenta o que se usa:
Comer ao paladar, vestir ao uso,
Diz o rifão, com ele me acomodo.

LANÇAROTE

Como é difícil, digo, achar entre eles

Um que tenha juízo e madureza,
Estive longo tempo irresoluto;
Porém hoje a fortuna me depara
Um que, se não me engano, é dos melhores.

CARMOSINA

Se é da tua eleição, será um brinco.

LANÇAROTE

É mancebo sisudo, e bem criado,
Boa figura, e mais que tudo é rico.

CARMOSINA

Isso e ouro sobre azul é tudo o mesmo.

LANÇAROTE

Agora de ti quero, que me digas,
Se Petronilha levará a gosto
Esta minha eleição, pois não pretendo
Violentar-lhe a vontade.

CARMOSINA

Andas discreto:
Oh! se todos os Pais assim fizessem,
Não veríamos tantas desgraçadas;
Noivos ricos, porém contra vontade,
São em pratos de prata preciosa
De sangue escarros.

LANÇAROTE

Dize-me, tua Ama
Abraçará contente um tal ajuste?

CARMOSINA

Quem eu, Senhor?

LANÇAROTE

Sim, tu, que saber deves
De sua alma os segredos, é quem pode
Neste ponto aclarar-me, e eu que temo
Que o respeito de filha a mova e obrigue
Contra sua vontade a obedecer-me,

Neste ponto falar-lhe não pretendo,
Sem primeiro espiar qual é seu gosto.

CARMOSINA

Olhe, Senhor... eu... nunca lambareira
Fui... mas...

LANÇAROTE

Mas quê?

CARMOSINA

De sorte...

LANÇAROTE

Acaba, dize.

CARMOSINA

Temo...

LANÇAROTE

Que temes?

CARMOSINA

Pode...

LANÇAROTE

Não me faças
Perder a paciência: minha filha
Olhará com bons olhos um marido?

CARMOSINA

Se for o Senhor Lúcio...

LANÇAROTE

Que me dizes?
Se for com Lúcio ficará contente?

CARMOSINA

Contentíssima.

LANÇAROTE

Logo Petronilha
Dele está namorada?

CARMOSINA

Deus me acuda!
Namorada, isso não, gosta de vê-lo.

LANÇAROTE

Percebo: vai-te e vê que a Petronilha
Do que aqui praticaste nada digas.

CARMOSINA

Não mo encomende, em pontos de segredo
Ninguém se me avanta. (Vou correndo
A meter-lho no bico: como é simples!
Deixar eu de falar não é possível.) (*À parte e vai-se.*)

CENA V

LANÇAROTE *só*

Quão gostoso me deixa de uma parte
Saber, que Petronilha se conforma
Com a minha vontade neste ajuste,
Tão sentido me deixa o ver da outra
Desvanecido aquele bom conceito,
Que fazia da sua gravidade:
Ah pobre Lançarote! Presumias,
Que um tesouro, um modelo tinhas nela
De mulheres honestas e sisudas,
E no cabo te vens a achar logrado!
Inda quis a fortuna se inclinasse
A um moço tal, qual Lúcio me parece;
E como outras não foi que se namoram
De uns certos mochachins, com que se casam
Com afronta dos seus, e que são causa
De serem toda a vida desgraçadas.
Fiai-vos em mulheres; nada, nada,
E fazenda de fácil avaria;
Convém pô-las com dono, logo, logo:
Inda esta noite quero, que se faça
Este seu casamento; mais depressa
Me livro de cuidados. Ó costumes!

Ó tempo! oh como, oh quanto estais mudados!

CENA VI

*Gabinete em Casa de D. TADEU. O mesmo tendo um grande livro de linhagens.
LOPES saindo.*

LOPES

Basta, Senhor, de ler: com tanto estudo
Que pretendes? queimar tuas pestanas?

D. TADEU

Estou-me deleitando em ver, meu Lopes,
As armas e os varões assinalados
Da claríssima estirpe dos Montaltos.

LOPES

Isso há-de ser um mar de sangue ilustre.

D. TADEU

Que dizes tu? um mar? é muitos mares.
Chega cá, vês aqui este colchete?

LOPES

Onde está o colchete? eu nada vejo,
Mais que duas rabiscas, e umas letras.

D. TADEU

Isso mesmo; pois este em si encerra
O Senhor Dom Gosendo de Montalto,
Que é meu sétimo Avô por varonia.

LOPES

Segundo o que discorro, certamente
Que o Senhor Dom Gosendo de Montalto
Foi em seu tempo grande Cavalheiro.

D. TADEU

Ó lá se foi! serviu uma Comenda
Sendo Fronteiro em Africa com lanças,

Com homem e cavalo à sua custa.
Dali passou à Índia, e achou-se em Diu
No forte de Badur c'o grande Cunha.

LOPES

Oh, que homem! oh, que herói! oh, que Fidalgo!

D. TADEU

Foi em primeiras núpcias recebido
Com a Senhora Dona Urraca Calva,
Herdeira do solar dos Alcarrazes
Do ilustríssimo sangue dos Peraltas.

LOPES

Desses há hoje muita descendência.

D. TADEU

Por esta parte prendo c'os Magudos
Serrasins de Lanhoso Carpinteiros,
C'os Girões, c'os de Riba de Rizela,
C'os de Caimbra.

LOPES

Esses tinham mau achaque.

D. TADEU

Aqui tens o Senhor Dom Egas Fafes,
De quem por minha Avó, a muito ilustre
Senhora Dona Elvira Esgarafanha,
Décimo Neto sou, que foi cadete.

LOPES

Em algum Regimento lá do Minho?

D. TADEU

Não, homem, não é isso. (Oh que trabalho
Tem em falar com gente mal criada
Um homem, que é polido!) Esta palavra
Quer dizer, que não foi o primogénito;
Porém nós, os que somos instruídos,
Usamos dela, e de outras semelhantes,
Por afectar nas grandes companhias

Que também do Francês temos dois dedos:
Este, como dizia, foi cadete
Da Casa solarenga de Brunhudos;
Achou-se na Batalha de Trancoso,
E nela recebeu vinte feridas,
Que do seu brio foram vinte línguas.

LOPES

Oh, que homem! oh, que herói! oh, que Fidalgo!

D. TADEU

Por ele tenho a honra de entroncar-me
C'os Barrocos, c'os Ambias, c'os Ansures.

LOPES

Estou tonto!

D. TADEU

Quê? pasmas? pois espera.

LOPES

(Triste de mim! em boa estou metido:
Desta feita me estafa sem piedade,
Com a sua estudada parentela.) (*À parte.*)

D. TADEU

Vês estoutro cá?

LOPES

Muito bem.

D. TADEU

Pois este
E o Senhor Dom Mendo de Montalto,
Meu Trisavô, que foi Mestre de Campo
De um Terço Auxiliar de Trás-os-Montes:
Achou-se na batalha de Montijo,
E nas do Ameixial, e Linhas de Elvas,
No assalto de Valença, e sítio de Évora:

LOPES

Oh, que homem! oh, que herói! oh, que Fidalgo!

D. TADEU

Casou com a Senhora Dona Aldonsa
Sarrazza Gandarei, Pintalha Parda,
Que destes apelidos tinha o sangue,
E mais o dos Pichéis, e dos Asnares.

LOPES

Essa não me parece a melhor raça. (*À parte.*)

D. TADEU

Que dizes?

LOPES

Que direi? que agora acabo
De conhecer quem és.

D. TADEU

Pois que cuidavas?
Que era algum escudeiro, ou Fidalgote
De três ou quatro Avós? por este lado
Aparento c'os Piscos Sadorninhos.

LOPES

(Santa Bárbara seja em minha ajuda,
Que a grande trovoada ainda dura!) (*À parte.*)

D. TADEU

C'os da Maia, e Cabrera, c'os Quartelas;
Porém, ah cão de mim! de que me serve
O sangue ilustre, que nas veias tenho,
Se ofendido me vejo? se não corro
No vil sangue a lavar de quem me afronta
A minha injúria? Lopes!

LOPES

Meu Fidalgo.

D. TADEU

Falaste ao teu amigo?

LOPES

Essa é bonita!
Eu sou homem capaz de descuidar-me
Das coisas de teu gosto? menos de hora
Haverá que estivemos ambos juntos:
Prometeu-me, que dentro em pouco tempo

A buscar-te viria; porém como
Seu préstimo é de muitos conhecido,
Não tem mãos a medir com encomendas
Semelhantes à tua; e desculpá-lo
E justo, porque julgo que não tarda.

D. TADEU

Está bem; vai buscar-me chocolate,
E toma a paga desse teu trabalho.
(Abre a bolsa e dá dinheiro a Lopes.)

LOPES

Venha, e depois trarei o chocolate.
(Ó lá! duas moedas! não há coisa
Como servir um destes namorados;
De esmola não darão nem um ceutil;
Porém para pagar a quem os serve
Em coisas de seu gosto, sem reparo
A camisa darão que têm no corpo.) *(À parte, e vai-se.)*

CENA VII

D. TADEU só, e depois LOPES

D. TADEU

Almas de meus Avós, almas Fidalgas,
Que deixar não soubestes sem castigo
O menor desacato ao vosso sangue,
A paz de que gozais não vos perturbe
O ver um Neto vosso hoje ultrajado;
Que em breve mostrarei, como seguindo
Os ilustres exemplos, que deixastes,
Castigo quem se atreve ao meu respeito.

LOPES

Aqui, Fidalgo, tens o chocolate. *(Batem dentro.)*

D. TADEU

Dá cá; parece, Lopes, que bateram.

LOPES

Vou ver, Senhor, quem é. *(Vai-se)*

D. TADEU

Vai. Oh, se fosse
Esse amigo de Lopes! que não pode
Descanso ter um coração fidalgo
Sem ver suas ofensas castigadas. *(Sai Lopes alvoraçado.)*

LOPES

Senhor!

D. TADEU Que é isso, Lopes?

LOPES

Temos o homem.

D. TADEU

Que entre já sem demora: vai correndo! *(Vai-se Lopes)*
Graças aos Céus! a respirar começo.

CENA VIII

D. TADEU, LOPES E RODRIGO

RODRIGO

Sou criado de Vossa Senhoria.

D. TADEU

Chegai-vos para cá; que nome tendes?

RODRIGO

Rodrigo Papa-ferro, às vossas ordens.

D. TADEU

Papa-ferro! é alcunha, ou apelido?

RODRIGO

É um nome, que na Índia me puseram
Os que as façanhas viram do meu braço.

D. TADEU

Ora dissei, bom homem, tereis ânimo
De espancar esta noite certo amigo?

RODRIGO

Que é ter ânimo? nunca... por Santelmo
(Em furor; e deixa cair D. Tadeu a xícara com medo.)
Que se não fora... em cólera me abraso.

LOPES

Senhor, que é isso? tens alguma coisa?

D. TADEU

Foi uma convulsão, que de repente
Neste braço me deu.

LOPES

(E foi de medo) (À parte.)

RODRIGO

Para ouvir esta injúria me chamaste? *(Para Lopes.)*

D. TADEU

Rodrigo, sossegai-vos, não duvido.

RODRIGO

Que é sossegar? Isto não se sofre.
Tereis ânimo? A mim, que em mil empresas
Tenho em sangue ensopado a minha espada?
Que na frente me achei dos granadeiros
Na escalada de Alorna, onde em fanicos
Fiz de duros Sipaios um grande Troço?

D. TADEU Rodrigo!

RODRIGO

Que Rodrigo, ou que Diabo?
Animo a mim, que em dando-me na birra,
Sou capaz de brigar comigo mesmo?
Animo a mim! que em Terracol o fogo
Lancei do Bonsoló à grande armada?

D. TADEU

Meu Rodrigo, escutai...

RODRIGO

Não ouço nada.
Animo a mim, que aceso em fogo e ira
No choque de Rarim quase agarrado
Tive o negro Desai pelas orelhas?
Que matei, que assolei, que fiz em cacos...

D. TADEU

Nunca tal homem vi, Amigo Lopes,
Não me entendo com ele, tu o amansa.

LOPES

É um Diabo vivo: Papa-ferro,
O Senhor D. Tadeu não entra em dúvida
Da tua valentia; o perguntar-te
Se terias alento, foi maneira
De falar.

RODRIGO

Isso agora é outra coisa;
Mas podia falar doutra maneira,
E bem mostra, que não conhece o homem;
Porém porque outra vez assim não fale,
Uma das minhas hei-de relatar-lhe.
Ia uma tarde pelos Remolares
Na paz de Deus sozinho passeando,
Quando se lança a mim para prender-me
Certo beliguinaz de grande nome:
Fiz pé atrás, e saco pelo molho,
Logo aos primeiros talhos uma orelha
Cerce lhe decepei; então o pobre
Aqui d'El Rei bradou, e logo acode
Todo o poder do mundo em sua ajuda;
Choviam sobre mim de toda a parte

Espadas, espadins, chuços e pedras;
Mas eu no recto posto, caras, braços,
E narizes cortava: toda a rua
Nadava em sangue, até que finalmente
Já ferindo de ponta, já de talho,
Dei com tudo em pantana, e são e salvo
Prossegui, como dantes, meu passeio.

LOPES

Que façanhoso feito! outro como esse
Não obrou Ferrabrás de Alexandria.

RODRIGO

Nem Ferrabrás, nem inda os doze Pares!

D. TADEU

Pasmado estou! Rodrigo é um corisco:
Amigo, conheceis um peralvilho,
Que mora nessa rua à mão esquerda,
Chamado Lúcio?

RODRIGO

Quem, Senhor, o filho
Dum Doutor, que juntou muito dinheiro
À conta dos enfermos, que matava?

D. TADEU

Sim, esse marotete.

RODRIGO

Oh, se conheço!
E por sinal, que dizem que namora
Dum Fulano Godins a gentil filha.

D. TADEU

Basta, não digas mais; toma esta bolsa.

RODRIGO

Seja por caridade.

D. TADEU

Pois, Amigo,
Esta noite hás-de dar-lhe uma maçada,
Por minha conta.

RODRIGO

Queres que lhe corte
Um braço? que a cabeça lhe decepe?

D. TADEU

Não, amigo.

RODRIGO

Pois se isto não te agrada,
Queres que vivo num espeto to asse,
Que to frija em azeite, que to esfole?
Que em mil postas to faça, ou que to ponha
A Santa Unção?

D. TADEU

Não; muito menos que isso
Por ora bastará; quero que uns dias
Fique de cama.

RODRIGO

Adeus.

D. TADEU

Com tanta pressa,
Onde vais?

RODRIGO

Onde irei? a obedecer-te:
Desta sorte costuma Papa-ferro
Aos Senhores servir, que o favorecem. (*Partindo.*)

LOPES

Rodrigo.

RODRIGO

Que me queres?

LOPES

Que te acordes

De que partilha me hás-de dar na bolsa.

RODRIGO

Podes dormir teu sono descansado,
Que corvo nunca a corvo tirou olho. (*Vai-se.*)

LOPES

Pois toma tento, vê não te descuides.

CENA IX

D. TADEU E LOPES

D. TADEU

Não caibo em mim de gosto! Lopes, que homem!

LOPES

Homem dizes, Senhor! melhor disseras,
Que tigre, que leão, que centopeia!
Vale pesado a ouro.

D. TADEU

Certamente.
De molde o achaste para o meu intento.

LOPES

Pois que entendias? Eu não sou daqueles
Que costumam vender gato por lebre:
Pobre Lúcio, caíste em boas unhas!

D. TADEU

Ah meu Lopes, de gosto estou pulando!
Já me parece, que gemer o escuto
Com os golpes cruéis de Papa-ferro;
Digam o que disserem, um Fidalgo
Não pode estar sem estes farroupilhas.

LOPES

Tens razão às carradas.

D. TADEU

Ouve.

LOPES

Dize.

D. TADEU

Olha, não vás dizer a Papa-feno,
Que eu o nome lhe dei de Farroupilha:
Tu bem sabes o quanto é assomado,
E não quero, que faça outra estalada.

LOPES

Essa é boa! Fidalgo, muito sinto,
Que de mim faças tão ruim conceito:
Não sabes, que não sou mexeriqueiro?

D. TADEU

A sobeja prudência nunca dana.

LOPES

Sempre a prudência foi capa do medo. (*À parte.*)

CENA X

LISUARTE E OS DITOS

LISUARTE

Amigo Dom Tadeu, às vossas ordens.

D. TADEU

Sejais, Senhor Filósofo, bem vindo.

LISUARTE

Se esse nome me dais por morejar-me,

Entendei que eu por honra o recebera,
Se com razão pudera merecê-lo.

D. TADEU

Vejam que honra perdeis, que honra perderão
Os vossos descendentes! certamente
De novo timbre o elmo cobririam,
Se nas árvores vissem de costado
Um colchete ocupado dum Filósofo.

LISUARTE

Se amassem a virtude, o estimariam.

D. TADEU

Lisuarte, deixai-vos de loucuras:
O estudo, a aplicação somente toca
A essa gente vilã: um Cavalheiro
Deve seguir na vida outra vereda.

LISUARTE

Segundo esses princípios, ignorante
Deve logo ser?

D. TADEU

Não; basta que saiba
Entender, se um vestido está à moda,
Bem frisado um topete, e bem erguido;
Que jogue o Whist, e dance um minuete,
Que entenda de um farsi, duma ameleta,
Se é de Moca o Café, se o Chá tem mofo;
E para divertir algumas horas,
Que leia alguns tominhos de Novelas,
Ou de Lenclos as Cartas amorosas.

LISUARTE

Que excelente instrução! por esse modo
Serão bons Cidadãos, úteis à Pátria. *(Com ironia.)*

D. TADEU

Se não forem, quais vós, grandes Filósofos,
Serão, quais devem ser, grandes Fidalgos.

LISUARTE

Não quero porfiar: dizei-me, amigo,
Que homem é esse que encontrei na loge?

D. TADEU

Quem há-de ser? um pobre desvalido,
Que em minha protecção animo busca:
Vossa Filosofia também nisto
Achará que notar?

LISUARTE

Também, amigo.
Que um Fidalgo, que um homem poderoso
Honre o merecimento, as portas abra
De sua casa aos sábios virtuosos,
Que a fortuna cruel talvez oprime,
E digno de louvor, e de imitar-se;
Mas que ampare e proteja homens infames,
Tais como este, de quem ora tratamos,
Que eu há muito conheço, quem duvida
Que de grande censura acção é digna?
Naqueles sempre que aprender achamos;
Estes só nos pervertem, nos infamam.

D. TADEU

Deixai-me com as vossas paradoxas:
Eu sempre vi, que os grandes, que os honrados
Em casa deram couto aos criminosos.

LISUARTE

Se assim fizeram, certamente erraram:
O homem que é honrado, ama a virtude,
Ama as leis, ama a Pátria, ama a Paz pública;
E como pode amá-las quem protege
Do repouso e razão os inimigos?
Talvez será louvável dar asilo
A quem só por desastre tem pecado;
Mas valer, amparar facinorosos,
Que por gosto obram mal, e por ofício,
Empresa é digna só de vitupério.

D. TADEU

Arrengo de vós, e mais de quantos
Filósofos no mundo tem havido.
Por amor dessa seita hoje protesto,

Que nunca a filho meu ensinar mande
Mais que ler, e escrever, nada de Letras.

LISUARTE

Obrareis muito mal, se assim fizerdes.

D. TADEU

Obrarei muito bem; basta que saibam
Quem são, que têm oitenta Avós Fidalgos.

LISUARTE

Boa lembrança, se é para imitá-los
Nas ilustres acções, com que ganharam
A civil distinção, que os autoriza.

D. TADEU

Que é isso que dizeis? ao sangue ilustre
De distinção civil dais vós o título?

LISUARTE

Pois inda agora estais em que a nobreza
Das Leis procede; que elas nas famílias
A conservam e a tiram, quando é justo;
E que deve o que a tem, por não perdê-la,
A virtude seguir sempre por Norte?

D. TADEU

Conforme essa doutrina certamente
Não há no mundo natural nobreza?

LISUARTE

Há, mas essa consiste na virtude.

D. TADEU

Não posso já sofrer tanta blasfêmia.
Que um homem, como vós, que representa
Dos velhos Fafões o ilustre tronco,
Contra o sangue fidalgo assim declame!
Vejam o fruto que tirais do estudo!
Oh, bem haja mil vezes o Califa
Que a cinzas reduziu, que fez em cisco
De Ptolomeu a grande Biblioteca!

Outro tanto fizera, se pudesse,
E só da minha cólera isentara
Os livros de Linhagem e Novelas.

LTSUARTE

Dom Tadeu, sossegai-vos: se esta prática
Vos aflige, tratemos de outra coisa.
Dizei-me, ainda estais apaixonado
Contra Lúcio?

D. TADEU

Pior! estais terrível:
Onde lestes vós já, que algum Montalto,
Gravemente ofendido em ponto de honra,
Sem despicar-se a cólera abrandasse?

LISUARTE

Com que tendes por honra...

D. TADEU

Basta; nisto
Mais não falemos; se quereis, que vamos
Dar um passeio, vede que é já tempo.

LISUARTE

Vamos; mas reflecti, que dessa sorte
Correis ao precipício.

D. TADEU

Não importa.
Se cair, cuidarei em levantar-me.

LISUARTE

Talvez que não possais.

D. TADEU

Terei paciência. (*Vão-se*)

CENA XI

Praça.

LÚCIO, e depois LANÇAROTE *saindo de Casa.*

LÚCIO

Impaciente a escutar venho a sentença,
Que a morte me há-de dar, ou dar a vida:

Para uma alma, que pende de esperanças,
Não pode haver estado mais terrível,
Que o da mesma esperança, que a incerteza
De seu próprio destino: a todo o transe
Trago meu coração aparelhado;
Porém em vão, que quanto mais me chego
Ao momento fatal do desengano,
Tanto mais congelar-se-me nas veias
O sangue sinto, e desmaiar-me vejo.

LANÇAROTE

Se aqui Lúcio vier a procurar-me,
(Diz falando para dentro.)
Dizei-lhe que eu também em sua busca
Agora ia, que espere, que não tardo;
Mas ei-lo: Lúcio.

LÚCIO

Amigo, a buscar venho
De minha pretensão o desengano.

LANÇAROTE

Pois eu vos desengano: Petronilha...

LÚCIO

O quê, Senhor, opõe-se a meus desejos? *(Com susto.)*

LANÇAROTE

Com as nossas vontades se conforma.

LÚCIO

Ó mil vezes feliz, alegre instante!

Permiti-me, Senhor, que às suas plantas
Corra, tanta ventura a agradecer-lhe.

LANÇAROTE

Parece-me razão; mas sossegai-vos,
Não vos perturbe tanto o alvoroço;
Vamos, porém não vades como louco.

LÚCIO

Quando é grande o prazer, quem não delira?
(Vão-se, e entram para casa de Lançarote.)

ACTO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

Vista de jardim em casa de Lançarote, com uma porta para a rua.

LANÇAROTE, LÚCIO, PETRONILHA E CARMOSINA.

LANÇAROTE

Filhos, o tempo voa, a noite chega,
E é preciso cuidar em muitas coisas,
Porque possa hoje mesmo concluir-se
O vosso desposório: Lúcio, vinde
Comigo.

LÚCIO

Já vos sigo: Petronilha,
Meu doce bem, entanto que meus olhos
Dos teus não vêem a luz, em que se cevam,
Cá fica o coração, cá fica a alma.

PETRONILHA

Graças dou ao Destino; porque posso,
Sem ofender as leis da honestidade,
Agradecer-te, Lúcio, essas finezas,
E sem pejo dizer-te, que tu foste,
Que tu és, e serás de meus cuidados
Primeiro emprego, e última esperança.
Adeus, meu Lúcio.

LÚCIO

Adeus, amada esposa.

LANÇAROTE

Vamos por esta porta, que é mais breve. *(Vão-se.)*

CENA II

PETRONILHA E CARMOSINA

CARMOSINA

Com que posso, Senhora, afoitamente
Já dar-te os parabéns?

PETRONILHA

Sim, Carmosina.

CARMOSINA

Já essa alma estará descansadinha,
Livre de vãos escrúpulos e sustos,
Que tanto a atormentavam.

PETRONILHA

Sim, amiga;
Ah! tu não sabes bem, qual é a glória,
O inocente prazer duma alma honesta,
De poder, sem ofensa da virtude,
Sem remorsos amar, e ser amada.

CARMOSINA

Desse mal é, Senhora, que eu me queixo;
Mas te juro, que bem depressa o saiba.
Tratarei de casar-me, que um marido
Nos traz consigo mil comodidades:
Agora o ponto está em descobri-lo;
Mas creio que me não será difícil:
Farei como outras fazem; quantos passam
Pôr-me-ei a namorar a trouxe mouxe,
'Té que caia na rede algum madraço:
Não me descuidarei, que a diligência
Mãe da boa ventura chamam todos.

CENA III

D. TADEU e LOPES, *que entram pela porta do Jardim*, e OS DITOS.

D. TADEU

Como vi que essa porta estava aberta,
Não quis perder, ó falsa Petronilha,
A ocasião de ver-vos, e queixar-me.

PETRONILHA

Que liberdade, Dom Tadeu, é esta?

D. TADEU

Vós estranhais as minhas justas queixas?

PETRONILHA

Muitas coisas estranho, estranho o ver-vos
Entrar tão livremente nesta casa.

CARMOSINA

Inda bem: ora toma, a que te sabe?
Parece que lhe amarga este bocado. (*À parte.*)

PETRONILHA

Estranho o incivil, o solto modo
Com que falar-me ousais: dei-vos acaso
Algum dia, Senhor, a confiança
Para assim me insultar, chamar-me falsa?
Ou em minhas acções, em meus discursos
Vistes algum sinal de que atendia
A vossos atrevidos pensamentos?

D. TADEU

Como estais melindrosa! se eu não fora
Dom Tadeu, Petronilha, e fora Lúcio
Pode ser que mais terna me escutásseis.

PETRONILHA

Que loucura! já vosso atrevimento
Em insolência toca; antes pois que ela
Vá subindo de ponto, me retiro. (*Vai-se.*)

CENA IV

D. TADEU, LOPES E CARMOSINA

D. TADEU

Que vã, e que soberba! Carmosina,
Que dizes do capricho de tua ama?

CARMOSINA

Eu não me meto cá nessas alhadas;

Trate quem as armou de desarmá-las.

D. TADEU

Pois parece-te bem que Petronilha
Com tanto menos preço atenda e fale
A um homem, qual eu sou, a um Cavalheiro,
Que conta mais de oitenta Avós Fidalgos?

CARMOSINA

Sua alma, sua palma; lá se avenham,
Que eu já disse, com isso não me meto.

D. TADEU

Estou fora de mim! Lopes!

LOPES

Fidalgo.

D, TADEU

Vamo-nos logo, logo desta casa,
Antes que meu furor me precipite. (*Vai-se.*)

LOPES

Sim, fazes bem, deixemos esta tonta,
Que não sabe o respeito, que se deve
A um herói da prosápia dos Montaltos;
Que o favor não conhece que lhe fazes:
Lé com Lé, Cré com Cré, diz o ditado.

CENA V

LOPES E CARMOSINA

CARMOSINA

Ció, ah! Senhor.

LOPES

Senhor! isso é comigo?

CARMOSINA

Senhor, sim.

LOPES

Senhor, sim! pois que pretendes
Deste teu servo, minha Carmosina?

CARMOSINA

Queria...

LOPES

Que querias? dize o resto;
Avia, que não posso demorar-me.

CARMOSINA

Queria...

LOPES

Sim, bem sei; não caio em ópios,
Querias divertir-te à minha custa.

CARMOSINA

Deus me acuda! eu contigo obrar havia
Uma tal travessura! queria...

LOPES

Adeus.

CARMOSINA

Ouve: aonde vais tu com tanta pressa?

LOPES

Vou fugindo de ouvir tanto queria.

CARMOSINA

Pois vai-te: uma grande novidade
Pretendia contar-te; porém como
Estás tão apressado, podes ir-te;
Ficarás sem sabê-la.

LOPES

Novidade!
Estou tentado; resistir não posso:
Aqui de pés e mãos às tuas plantas
Amarrado me tens, podes contá-la.

CARMOSINA

É coisa de segredo, e entro em dúvida,
Se coração terás para guardá-lo.

LOPES

Que misteriosa estás! de ruim duvidas,
Que capaz de guardar seja um segredo?
De mim, de mim, que toda a minha vida
Corretor de segredos tenho sido?
Ora dize, que estalo por sabê-lo.

CARMOSINA

Saberás, que esta noite o senhor Lúcio...

LOPES

Não me faças aguardar, acaba, dize.

CARMOSINA

Se recebe com Dona Petronilha.

LOPES

Que me contas? isso é certo?

CARMOSINA

Essa é boa!
Certíssimo.

LOPES

Coitado de meu Amo!
Eu fico, que esta noite ao miserável
As pulgas não o mordam: pobre homem!

CARMOSINA

Não te quero mais nada, podes ir-te.

LOPES

Senhora Carmosina, às suas ordens.
(*Fazendo uma cortesia.*)

CARMOSINA

Uma criada sou do Senhor Lopes.
(*Fazendo uma mesura.*)
Ció.

LOPES

Que é isso? esqueceu-te alguma coisa?
Se tens mais que dizer, não te arrependas;
Que eu para dar-te gosto, rapariga,
Ouvindo-te estarei um ano inteiro.

CARMOSINA

Nada, amigo; mas só lembrar-te quero,
Que vejas o que fazes, pois em boca
Fechada nunca entrada acharam moscas:
Entendes?

LOPES

Belamente: sem receio
Algum podes ficar, que eu te prometo
A fé de bom Lacaio, que bem cedo,
Por minha conta fica, não te aflijas,
Saberás qual eu sou, como me porto. (*Vai-se Carmosina.*)
Pés para que te quero, vou num pulo
A contar esta grande novidade
Ao meu Fidalgo, que há-de ficar fresco. (*Vai-se.*)

CENA VI

Praça.

D. TADEU, e logo LOPES.

D. TADEU

Assim se ultraja o Chefe da Família
Dos Montaltos! Assim um Cavalheiro
Descendente dos Godos se maltrata!
E serás, Dom Tadeu, tão pusilânime,
Que o sofras, sem tomar disso despique?

Não, não: eu saberei achar maneira
De ensinar uma louca, uma vaidosa.
Mas que estará fazendo nessa casa
Lopes, que tanto tarda?

LOPES

Senhor.

D. TADEU

Lopes,
Que me dizes de Dona Petronilha?
Do desdém, da soberba, e do desprezo,
Com que um homem tratou da minha esfera?

LOPES

Que hei-de dizer? não sei como a sofreste,
Como um herói, de tantos heróis neto,
Pôde ter coração e sofrimento
Para aturar desdéns de uma ranhosa.

D. TADEU

Não te espantes, que mais sofreu Alcides,
Dos belos olhos de Ônfale cativo.

LOPES

Não vi comparação mais ajustada.

D. TADEU

Mas deixa-a tu comigo, que bem cedo
Verás como baixar-lhe faço a grimpa.

LOPES

O pior não é isso.

D. TADEU

Pois que temos?
Alguma novidade?

LOPES

Sim, e grande.

D. TADEU

Grande! Conta-ma já, não te demores.

LOPES

Pois, Senhor, esta noite se desposa
Com Lúcio.

D. TADEU

Que me contas?

LOPES

O que passa.

D. TADEU

E donde o sabes?

LOPES

Neste mesmo instante
Acaba de contar-mo Carmosina.

D. TADEU

Depressa a procurar vamos Rodrigo.

LOPES

Para quê?

D. TADEU

Grande mal, grande remédio;
Outro a este não há, senão a morte
De Lúcio; sem demora Papa-ferro
Corramos a buscar, não sofre o caso
A menor dilação, que o tempo voa:
Tu, como seu amigo, hás-de por força
Saber onde ele assiste, onde podemos
Prontamente encontrá-lo: vamos, vamos.

LOPES

Como é homem, Senhor, de capa em colo,
Não tem morada certa; mas parece-me,
Que só numa taverna aqui vizinha,

Onde costuma ter sua assembleia,
Achá-lo a estas horas poderemos.

D. TADEU

Em que rua nos fica essa taverna?

LOPES

Nesta da mão esquerda, junto às casas
Onde mora...

D. TADEU

Quem, Lopes?

LOPES

O tal Lúcio.

D. TADEU

Pois corramos, amigo, a procurá-lo. (*Vai-se.*)

CENA VII

LOPES e depois D. TADEU e RODRIGO

LOPES

Vai andando, Senhor, que eu já te sigo:
Não me cheira já bem este negócio;
Verei se posso dele ir-me escoando: (*Ruído de cutiladas.*)
Eu o dissera, temo-la travada.
Famosíssimo Autor Dom João de Espinha,
Que a baixa e simples plebe de Lisboa,
Com tuas negras artes embasbacas,
Onde estás, que não vens ora valer-me,
E em menos de um minuto me transportas,
E me pões daqui mais de três mil léguas?
(*Sai D. Tadeu fugindo e Rodrigo dando-lhe.*)

D. TADEU

Olha que sou eu.

RODRIGO

Que eu! à meia-noite
Não conheço Flamengos, vá levando;
Já que é tão insolente, que inquieta
As mulheres honestas e sisudas. (*Dando-lhe.*)

D. TADEU

Vê que sou Dom Tadeu, meu Papa-ferro.

RODRIGO

D. Tadeu!

LOPES

Sim, Rodrigo, é o Fidalgo.

RODRIGO

Pois perdoe; enganei-me; que era Lúcio,
Esse bem empenado, presumia.
(Ficou bem convidado o Cavalheiro!) (*À parte.*)

D. TADEU

É valente enganar!

RODRIGO

Senhor, de noite
Todos os gatos dizem que são pardos.

D. TADEU

Está bem: Lopes, vai buscar num pulo
Uma luz, para ver se estou ferido.

LOPES

A casa vou correndo.

RODRIGO

Boa história!

Não tenha susto Vossa Senhoria,
Que eu tirava de prancha.

D. TADEU

Mas voltar-se

No ar podia a espada, e neste lado
Sinto uma grande dor: outra como esta
Nunca me aconteceu.

RODRIGO

Por isso a estranha;
Mas dizem que uma vez é a primeira,
E não é mau que aprenda à sua custa
A não ser tão feroz. (*À parte.*)

LOPES

Senhor, vejamos (*Sai Lopes com um archote aceso.*)
A parte em que te queixas.

D. TADEU

Nesta espádua.

LOPES

Aqui?

D. TADEU

Mais para cima, devagar; (*Sentindo-se.*)
Parece-me que estou banhado em sangue.

LOPES

Será suor causado pelo susto. (*À parte.*)

RODRIGO

Aqui?

D. TADEU

Mais para cima.

LOPES

Não tem nada.

D. TADEU Vê, Lopes, bem.

LOPES

Está muito bem visto.

D. TADEU

Com que estou são e salvo?

RODRIGO

Não tem dúvida.

D. TADEU

Graças ao Céu, que me livrou do risco.

LOPES

Alguma alma, Senhor, boa e devota
Orou por ti; não sei como escapaste
Deste fero Leão às fortes unhas!

D. TADEU

Rodrigo, o feito já não tem remédio,
E tratemos daquilo que releva:
Esta noite sem falta nos havemos
De descartar de Lúcio.

RODRIGO

Como é isso?

D. TADEU

Havemos de cosê-lo a estocadas.

RODRIGO

Zombais, Fidalgo?

D. TADEU

Não, falo de veras.

RODRIGO

Esse caso, Senhor, é mais comprido;
E bem que este meu braço só podia
Metê-lo sete braças pela terra,
Como contam da pedra do corisco;

Porque não possa o pássaro escapar-nos,
Mais gente se precisa, e mais conselho.

D. TADEU

Pois vê como há-de ser, que este sucesso
De teu valor só fio e exp'riência.

RODRIGO

Vá para casa Vossa Senhoria,
Enquanto sem demora a buscar parto
Mais dois outros Amigos de mão cheia,
Gente ousada, e capaz de toda a empresa;
E lá por nós aguarde.

D. TADEU

Vai depressa.

RODRIGO

Dentro dum quarto lá seremos todos. *(Vai-se.)*

CENA VIII

D. TADEU, LOPES, e depois LÚCIO

D. TADEU

Já me não cabe o coração no peito
Com o gosto de ver-me brevemente
Sem rival, que me ofenda, e castigados
Os caprichos de Dona Petronilha.

LOPES

E o meu está de medo tafe, tafe.

D. TADEU

Amigo Lúcio, aqui, e a estas horas?

LÚCIO

Vou a casa a dispor algumas coisas.

D. TADEU

Sim, já sei: certamente ides ornar-vos
Para a função dos vossos desposórios:
Sois das vossas venturas muito avaro,
Delas aos bons amigos não quisestes
Dar parte.

LÚCIO

Perdoai, não tive tempo.

D. TADEU

Pois sabeis, que eu estimo como próprio
O que vos dá prazer.

LÚCIO

Eu o conheço.

D. TADEU

Mas dissei-me...

LÚCIO

Não posso dilatar-me;
Dai-me licença, adeus, sou vosso servo. (*Vai-se*)

D. TADEU

E eu, Lúcio, vosso amigo verdadeiro.

CENA IX

D. TADEU E LOPES

D. TADEU

Vai-te nas horas más, que bem depressa
Provarás quem eu sou, e a triste sorte
De quem a competir ousa vãmente
Com Tadeu de Montalto: Lopes, vamos
Para a grande função a preparar-nos.

LOPES

Senhor, a graça quero que me faças
De dispensar comigo: uma visita
Desejava fazer a certo amigo,

Que enfermo jaz na cama há muitos dias;
E de misericórdia obra, e além disso
Passar por descortês não apeteço,
Que é um grande tesouro a cortesia.

D. TADEU

Não tens que me rogar, quero que vejas
Como floreia a espada este meu braço,
Como vingar-me sei de quem me agrava.

LOPES

Faze conta que o vi, nem eu preciso
De outra prova maior do teu esforço,
Que a de seres, Senhor, por linha recta,
Descendente do grande D. Gosende,
Que em África serviu uma Comenda
Com homens e cavalos à sua custa,
E da grande Senhora Dona Urraca,
Herdeira do solar de Alcaparrazes,
Do ilustríssimo sangue dos Peraltas.

D. TADEU

Não, amigo, vai muita diferença
Do vivo ao que se pinta: muitas vezes
Se pintam as empresas quais não foram,
Usurpando-se a glória indignamente
A quem mais trabalhou por merecê-la;
Porque assim não suceda, serás uma
Testemunha ocular do meu esforço.

LOPES

Não vi coisa, Fidalgo, mais supérflua;
Quem descende dos Caimbras, Sadorninhos,
Dos Piscos, ou Zanolhos, dos Asnares,
É discreto, é gentil, valente, é tudo.

D. TADEU

Não tens que te cansar, hás-de ir comigo.

LOPES

Já que teimais, iremos: paciência. (*Vai-se D. Tadeu.*)
Se eu desta me escapar a salvamento,
A cera mandarei logo pesar-me.

CENA X

LOPES, UM LACAIO *de Lançarote*, DOIS GALEGOS *carregados de viandas*.

GALEGO

Ah nosso Amo, não vá com tanta pressa;
Deixe-nos refolgar, que não podemos
Dar mais uma passada de estafados.

SILVA

Logo descansarão à perna solta;
A casa é perto, e o tempo não é muito;
E o bom do cozinheiro a estas horas
Da tardança há-de estar desesperado.

LOPES

Ó lá! que gente é esta? são Galegos,
Que para casa vão de Lançarote,
De viandas para a ceia carregados.

SILVA

Entrem cá para dentro, andem depressa.

GALEGO

Devagar: Você pensa que podemos
Tão lesto caminhar com tanto peso?

LOPES

Não vão mal aviados os dois brutos,
Pobre gente! a estas horas muito alegre
Uma grande função está dispendo,
E o doido do meu Amo brevemente,
Todo este regozijo e alegria
Em luto tornará, angústia e pranto.
Mas tu desta desordem, Senhor Lopes,
A culpa toda tens; se tu não foras
Linguaraz, nada disto sucedera;
Mas ninguém da primeira vive livre,
O ponto está na emenda: eu a prometo,
Inda que dizem, que de bons propósitos
O Inferno está cheio: por agora
Vamo-nos transformar em Sancho Pança,
Já que meu Amo é outro D. Quixote;

Muito desta aventura me receio! (*Vai-se.*)

CENA XI

LANÇAROTE, *só.*

Já não posso bulir-me de cansado;
Tantas as voltas são que tenho dado,
Para que hoje pudesse rematar-se
Da minha Petronilha o casamento.
Ó Filhos com tanta ânsia suspirados!
Este é vosso descanso: quanto susto,
Quanta fadiga dais a um Pai honrado!
Mas todo este trabalho de barato
Dou por vê-la feliz, e bem casada,
E a mim livre de Chás e de Assembleias,
Ou de que grifo, e que outros iguais nomes
Estes moços me dêem, que andam na berra,
Que se chamam Tafuis de quarto voto,
E outros títulos tomam mais ridículos:
Seu marido que tome conta dela,
E a seu gosto a governe...

CENA XII

LANÇAROTE, RODRIGO *e mais dois embuçados com espadas nuas.*

LANÇAROTE

Que embuçados
Serão estes?

RODRIGO

Entremos, Companheiros,
Que há-de estar D. Tadeu desesperado
Pela nossa demora. (*Entram em casa de D. Tadeu.*)

LANÇAROTE

Para casa
De Dom Tadeu entraram. A estas horas
Para casa de um moço e Cavalheiro,
E não dos mais prudentes, tanta gente,
Tão rebuçada, bem me não parece;
Mas que tenho eu com isso? vou-me a casa.
(*Ao entrar em casa, encontra com os Galegos que saíam.*)

Quem vem lá? tenha mão.⁵⁶

GALEGO

Somos os homens
De ganhar, que trouxemos a comida.

LANÇAROTE

Pagaram-lhes?

GALEGO

Senhor, alguma coisa
Nos deram; mas não quanto merecia
Nosso grande trabalho.

LANÇAROTE

Vocês nunca,
Por mais que lhes dêem, ficam satisfeitos.

GALEGO

Senhor nosso amo, sempre a seu mandado.

CENA XIII

Saem de Casa de D. Tadeu LOPES, RODRIGO, E Os D01₅ REBUÇADOS todos de capote, e com espadas fluas, D. TADEU com uma saia de malhas sobre o vestido. LOPES com peito, espaldar, murrião, rodela, e um grande bacamarte a tiracolo.

RODRIGO

Senhores meus, a grande e ilustre empresa,
Em que vamos a entrar, de tanto peso
E para todos nós, que ela só basta
A animar-nos a obrar acções heróicas;
Mas porque nos combates vale às vezes
A disciplina muito mais que o número,
E preciso que entremos na peleja
Conforme as regras que prescreve a arte.
Neste suposto, tu, amigo Lontra,
Toma o lado direito, e tu, Pintado,
No esquerdo marcharás, que eu vou no centro,
Ao Senhor Dom Tadeu a retaguarda,
Que é lugar mais seguro, lhe compete,

⁵⁶ *Este principio do verso não vem na cópia da Comédia, onde só se acha apontado que Lançarote é que continua a falar. (Nota do 1º Editor).*

E na reserva irá o nosso Lopes.

LOPES

Nunca vi melhor ordem de batalha.

D. TADEU

Que grande homem! meu Lopes, admirado
Seu esforço me tem, sua prudência.

LOPES

É um pasmo, capaz e capacíssimo
De mandar na campanha um grande exército.

RODRIGO

Assim todos unidos e formados,
Firmos no Inimigo, e certamente
Será nossa a vitória; mas se a sorte
Ordenar o contrário, então tu, Lopes,
Corre em nosso favor, e descarrega
Com boa pontaria o bacamarte.

LOPES

Vai seguro, que pela minha parte
Eu te fico, que não se irá o Lobo.

RODRIGO

Está tudo disposto?

D. TADEU Sim, Rodrigo.

RODRIGO

Sentido! marcha a unir! alto! marchemos.
*(Segundo as vozes de Rodrigo se põem todos em ordem dada, que ocupa o lugar
entre os dois embuçados; só Lopes fica no Teatro, e os mais marcham.)*

CENA XIV

LOPES, e depois LISUARTE

LOPES

Senhor Lopes, Você que tem a glória

De mandar neste novo Roncesvales
O Corpo de reserva, escolha o posto,
Que julgar mais seguro: outro não vejo
(Olhando para todas as partes se arruma à porta de D. Tadeu.)
Melhor, mais ajustado a seus projectos,
A seu valor, que junto desta porta.
Se vir este conflito mal parado,
Em casa me recolho, e lá se avenham.

LISUARTE

Depois que vi de Dom Tadeu na Loje
Aquele homem, não sei o que receio,
O que meu coração me vaticina;
Não posso sossegar; mas assim deve
Ser o fiel amigo: como próprio
Deve buscar o bem de seu amigo,
Trabalhar com fervor em apartá-lo
De quanto pode denegrir-lhe o nome,
Do que pode causar-lhe a menor nota.
Venho a falar-lhe só por ver se alcanço
Outros alguns sinais do que já temo.
Aqui o criado está: amigo Lopes.

LOPES

Que terrível encontro! Quem me chama?

LISUARTE

Sou eu: não me conheces?

LOPES

Perdoai-me,
Com o escuro que faz, não atinava
Com a voz.

LISUARTE

Dom Tadeu está em casa?

LOPES

Não, Senhor, saiu dela há pouco tempo.

LISUARTE

Pois onde o acharei?

LOPES

Boa pergunta!
Que sei eu? Por ventura ele costuma
Dar-me conta de seus divertimentos?

LISUARTE

Espera, que tens tu sobre a cabeça?

LOPES

Uma monteira. (*Rebuçando-se.*)

LISUARTE

Chega cá, que escondes?

LOPES

Nada, Senhor.

LISUARTE

Deixa-me ver, não fujas.
Ó lá! um bacamarte!

LOPES

Bacamarte! (*Com espanto.*)
É verdade; enganei-me, cuidei que era
Um pequeno fagote, em que costuma,
Para se divertir, tocar meu Amo.

LISUARTE

Tu és forte Raposo, não me enganas:
Alguma história deves ter sem dúvida.

LOPES

Quem, eu, Senhor? história! nunca creia;
Cá o pobre não é homem de histórias.

LISUARTE

Dize a verdade: que ouço? (*Ruído das espadas.*)

LÚCIO

Vis traidores. *(Dentro.)*
Tantos contra um!

LISUARTE

Aquela voz parece
Ser de Lúcio; vou pronto a socorrê-lo.
(Parte, e continua a pendência.)

CENA XV

LOPES, e os mais que falam dentro.

LOPES

Eis com Pêro Bonito o touro temos.

RODRIGO

Ah, Lopes! Onde estás que não acodes? *(Dentro.)*

LOPES

Estou os touros vendo de palanque.

RODRIGO

Lopes, é tempo, faze fogo, atira. *(Dentro.)*

LOPES

Que Lopes, nem que droga! tão pateta
Esta gente me julga, que inda espera,
Que do Lobo me vá meter na boca?

LANÇAROTE

Silva, depressa, acode, traze luzes. *(Dentro de casa.)*

D. TADEU

Lopes, dispara, é tempo. *(Dentro.)*

LOPES

Está na tinta
Para sair de roxo, por instantes
Me estou metendo em casa.

D. TADEU

Lopes, Lopes. *(Dentro.)*

LOPES

Grite quanto quiser, que eu não me mexo.

CENA XVI

Abre-se a porta das Casas de LANÇAROTE, que sai com uma espada, como quem vai acudir à pendência: com ele sairão alguns criados com luzes; CARMOSINA e PETRONILHA chegam à janela; e neste tempo sairão brigando LÚCIO e D. TADEU.

CARMOSINA

Muito folgo de ver uma pendência.

PETRONILHA

Triste de mim, que é Lúcio.
(Metendo-se para dentro com muita pressa.)

CARMOSINA

Onde, Senhora,

Com tanta fúria corres?

LANÇAROTE

Paz, Senhores.
Entre amigos? que é isto? paz: apartem-se.

D. TADEU

Desgraçado de mim! estou perdido.
(Cai-lhe a espada da mão.)

Sai Petronilha correndo a Lúcio, e Carmosina.

PETRONILHA

Ah, Lúcio!

LANÇAROTE

Petronilha, que loucura

E a vossa?

LÚCIO

Senhora, sossegai-vos.

CENA XVII

OS DITOS E LISUARTE, *que sai com a espada nua.*

LISUARTE

Fugiram os cobardes... mas que vejo!
Dom Tadeu! oh que infâmia! não de balde
O discurso este lance suspeitava.

LÚCIO

Dom Tadeu, vós sem causa, nem motivo
Pretendeste vilmente assassinar-me:
Na minha mão está tomar vingança
De tão indigna acção, tão detestável;
Mas numa alma, que estima a honra e brio,
Tão indigna paixão lugar não acha.
Agora o que pretendo, é só mostrar-vos
Como um homem honrado se despica:
Aqui tendes, tomai a vossa espada,
E de mim aprendei de hoje em diante
Com que brio deveis tirar por ela.

LANÇAROTE

Que honrado coração!

LISUARTE

Que nobre peito!

LOPES

Eis ali o que eu chamo ser Fidalgo.

D. TADEU

Estou corrido: que isto me suceda!

LANÇAROTE

Dom Tadeu, esta casa sempre aberta
Esteve para vós, quando entendia
Que éreis, qual deve ser um Cavalheiro,
As leis fiel, fiel com os amigos:
Hoje porém que vejo me enganava,
O favor me fazei de não tomardes
A pôr nela os pés. Lúcio, Petronilha,
Para dentro nos vamos: Lisuarte,
Honrai-nos com a vossa companhia. *(Vai-se.)*

LISUARTE

Já vos sigo, Senhor.

PETRONILHA

Ah! que de susto
Inda bem não respiro, amado Lúcio!

LÚCIO

Querida Petronilha, a gozar vamos
Do nosso puro amor o doce fruto. *(Vão-se.)*

LISUARTE

Dom Tadeu, como amigo verdadeiro,
Trabalhei por poupar-vos esta infâmia;
Mas do vosso furor precipitado,
Tanto contra a razão vos obstinastes,
Os ouvidos cerrando aos bons conselhos,
Que chegastes a ser um assassino,
O escárnio, o ódio, a fábula do Povo.
Ficai pois c'os infames companheiros,
Que escolheste; mas tende na memória,
Que sem virtude é vã toda a nobreza. *(Vai-se.)*

LOPES

Eu também, meu Fidalgo, que amo e estimo
A paz, mais o sossego, e que não quero
Por amor destas suas travessuras
À dependura pôr-me, ou que me mandem
A Cabo Verde a pentear bugios,
Que é o prémio mais certo, que se tira
De tais serviços; já desde este instante
De sua companhia me despeço.
Carmosina!

CARMOSINA

Que queres?

LOPES

Do banquete
Posso esperar também algum bocado?

CARMOSINA

Ó lá se podes! entra sem receio,
Que não hás-de perder tuas passadas.
Meu Senhor Dom Tadeu, sou sua escrava,
Fique-se c'os oitenta Avós Fidalgos.
(Fazendo uma mesura, vai-se com Lopes)

D. TADEU

Que é o que por mim passa! eu espancado!
Dos meus desamparado! escarnecido
Com tanto opróbrio meu de todo o povo!
Mas este é sempre o fruto que recolhe
Quem das próprias paixões segue o capricho,
E de paixões tão loucas como as minhas;
Quem os ouvidos fecha aos bons conselhos
Do sábio virtuoso; que escolhe
A companhia vil de homens perdidos,
Que procuram dos Grandes com a sombra
Seus delitos cobrir: pois que remédio?
Que remédio? Tadeu, mudar de vida;
E se até hoje escândalo da gente
Fui com minha soberba, com meus vícios,
Desde aqui detestando a vã ideia
De um Heroísmo falso, que seguia,
Dar-lhe em minhas acções justas, honradas,
Altos exemplos de imortal virtude.

FIM DA COMÉDIA

IFIGÉNIA EM TAURIDE

TRAGÉDIA DE MR. DE LA TOUCHE

Passada à Linguagem Portuguesa da Francesa.

POR ELPINO NONACRIENSE

Não foi possível descobrir em parte alguma o original da Tradução desta Tragédia; e até a Cópia, que serviu para a impressão, estava tão desfigurada, por ignorância ou excessiva incúria de quem a escreveu, que não seria possível publicar-se, a não ter aparecido (depois de se ter muito tempo procurado debalde) um Exemplar da nova Edição da Tragédia Francesa de Guymond de la Touche feita em Haia no ano de 1780, à vista do qual se emendou a dita Cópia defeituosa. O que expressamente se adverte, para que no caso em que se descubra o original da Tradução de Dinis, não pareça ou que as variantes da imprensa foram escritas pelo mesmo Poeta, ou que temerariamente e sem necessidade lhe foram atribuídas pelo Editor.

INTERLOCUTORES

TOANTE, Chefe da Tauride.

ORESTES, Rei de Argos e de Micenas, irmão de Ifigénia.

PÍLADES, Rei da Fócida, amigo de Orestes.

IFIGÉNIA, Suma Sacerdotisa de Diana.

ISMÉNIA e EUMENE, Sacerdotisas de Diana, confidentes de Ifigénia.

ARBAS, Oficial das Guardas de Toante.

UM ESCRAVO, Confidente de Isménia.

SACERDOTISAS.

SOLDADOS de Orestes e de Pílares.

GUARDAS de Toante.

A Cena é em Tauride, no Templo de Diana.

ACTO PRIMEIRO

CENA PRIMEIRA

IFIGÉNIA, *prostrada ante as Aras de Diana.*

Deuses, cujo favor tremendo imploro
Em vossas santas Aras, ah! dignai-vos,
Provando-me a constância, de alentar-ma!
Do sonho, que me aterra, o horror e espanto
Benignos me aclarai: ah! por ventura
E dos vossos Decretos mensageiro?

CENA II

IFIGÉNIA e ISMÉNIA

ISMÉNIA, *no fundo do Teatro.*

Que acentos dolorosos a minha alma
Enchem de susto? A triste voz, que escuto,
De Ifigénia não é, desfeita em pranto?

IFIGÉNIA, *levantando-se.*

És tu, cujo cuidado me é tão grato,
Único alívio, que no mundo resta
A meus cruéis pesares?

ISMÉNIA

Ah, Senhora!
Vós tremer me fazeis: nestes altares
Cheios de horror, que as trevas inda fazem
Mais horrorosos, pálida e tremendo,
Que vindes a buscar? vós que de dia
Apenas a chegar ousais a eles?
Que algum novo Decreto sanguinoso
Expedido se tenha, me não consta.
Do bárbaro Toante a tirania
Ainda dorme; e sua alma que vela,
Toda à Superstição sacrificada,
Ávida por dever de sangue humano,
Inda à casta Diana e sua Estátua
Com o terror, que o mata, não fatiga:
Mas que vejo? de espanto perturbados

Vossos sentidos? vossos olhos belos
De um chuveiro de lágrimas cobertos!...

IFIGÉNIA

Ah Diana! porque sacrificada
Em Aulide não fui da Grécia à glória,
E do filho de Tétis? ou ao menos,
Quando teu forte braço longe dela
A países tão bárbaros me trouxe,
Porque a tirana Lei contra os Estranhos,
Em teu sagrado nome promulgada,
Não padeci? Ó Deusa!...

ISMÉNIA

Por que causa
A Diana exprobrais sempre a piedade,
Com que da morte vos salvou benigna?
Ah! temei que tão mal recompensada
Sua grande bondade, enfim se ofenda
De teu pranto sem fim: mas neste dia,
Que repontando no horizonte assoma,
Que causa pode haver para dobrá-lo?
O sangue talvez é, que vosso braço
Verter deve? de um peito enternecido
Vítima deplorável, talvez vistes
Ontem junto do Templo sobre a areia
Jazer sem movimento, sem sentidos,
O mesquinho Estrangeiro, que no excesso
Do horrível zelo, que a razão lhe turba,
Os tiranos desvelos de Toante
Fizeram outra vez tornar à vida?

IFIGÉNIA

Para que havia vê-lo? por ventura
Para encher-me de horror não são bastantes
Os males que me são anunciados?
Oh! e a que eternas lágrimas dos Astros
Pareço destinada! e iludida
De uma vã esperança ter vivido!
Ó destino cruel! não vim ao mundo
Mais que para sofrer! perpetuamente
Me verei neste Templo sanguinoso
Sem viver, nem morrer, mesquinha escrava,
Arrojar a cadeia carregada;
Vítima a cada instante de um emprego
Aborrecido; horror da natureza,
E pode ser também horror dos Deuses?

ISMÉNIA

Quê? perdestes acaso a confiança
Que tinhas em Orestes, e esquecestes
Esta esperança só que vos restava?

IFIGÉNIA

Vã esperança! a sua triste morte
Assaz me foi predita: um feio sonho,
A meu coração triste inda presente....

ISMÉNIA

Porque de uma ilusão vos turbais tanto?
Filha do Rei dos Reis temeis um sonho?

IFIGÉNIA

Devem os desgraçados temer tudo.
Mas que amarga lembrança a perturbar-me
Presentemente vem? quando enganada
De um brilhante Himeneu nas esperanças,
De Aulide conduzida fui aos campos;
De meus feros destinos mensageiro,
Igualmente de horror me encheu um sonho:
Nele de Agamémnon vi os enganos;
Eu o vi, ultrajando a natureza,
De um título zeloso que manchava,
De Diana nas Aras sacrossantas,
Em vez do Esposo, apresentar-me a morte!

ISMÉNIA

E que novo fantasma, que presságio
Da razão hoje o uso vos suspende?
Declarai-me, Senhora; que o contá-los,
Dos males mais cruéis a dor modera.

IFIGÉNIA

De alegria e de horror, oh que mistura!
O lugar outra vez a ver tornava
Tão ternamente da minha alma amado;
No seio da razão, da humanidade,
A paz co'a liberdade eu respirava;
De seu Paço no centro majestoso
Os autores buscava desta vida;
Quando um rumor terrível e espantoso

Dos abismos da morte se levanta,
Que sob os passos meus tremer fazia
Os mármoreos do rico pavimento.
De um lúgubre vapor o ar se cobre:
Do Palácio as abóbadas se rasgam:
Eu fujo, mas a luz pálida e triste
De um fúnebre brandão ver me não deixa
Mais que um Sepulcro horrível. Neste instante
Novo estrondo se eleva: destas vastas
Ruínas, que levanta com trabalho,
Sai um desconhecido moço, triste,
Pálido, ensanguentado, meio morto:
Ele lançando um lamentável grito,
Me chama: eu corro; e cheia inda a ideia
Do fatal ministério, cujo jugo
Arrasto involuntária, a mesta fronte
Da mortal venda ornando-lhe, e de flores,
Banhada em pranto o trago ao pé das Aras.
Este moço infeliz, Deuses supremos!
Era meu caro Irmão... Meu Pai saindo
Da região dos mortos, parecia,
Ardendo de seu sangue em cruel sede,
Minha trémula mão forçar ao golpe.

ISMÉNIA

Desses objectos vãos a estampa triste
Lançai de vós, lançai de vossa ideia.

IFIGÉNIA

Ah! não existes tu, minha esperança!
Darei crédito, triste! a meus temores!
Como a mesta Ifigénia, talvez foste
Ao orgulho imolado! esse teu sangue
Por um novo Ílion foi esparzido!
Ai de mim, infeliz! tu sustentavas
Meu temeroso alento! eu esperava,
Que a meus votos propícia, uma tormenta
Alguns Gregos das vagas escapados
A meu poder trouxesse, que instruissem
A nobre Argos e a ti de meu destino,
Até hoje ignorado em toda a Grécia;
Fiando em teu valor, que penetrado
De meu mal, a livrar-me correrias
De um jugo mais cruel, que a própria morte.
Vãos projectos! os Deuses vingativos
Tudo, até a esperança me roubaram!

ISMÉNIA

A vãos pressentimentos, a um vão sonho
Menos crédito dai: não há mais certos
E seguros Orác'los que os sucessos.
Que fero prazer é, que fúria extrema
Sem piedade irritares vossas penas?
Além disto o Céu justo, que condenam
Nossas injustas queixas, muitas vezes
No horroroso aspecto das desgraças
Costuma anunciar seus benefícios.
O vosso coração perder não deve
Até o extremo instante as esperanças.
No número dos vossos confidentes
Posso contar meu Pai: a vossa classe,
Vossas virtudes, vossos benefícios,
Unidos ao meu pranto, introduziram
No íntimo da sua alma as vossas penas.
No humilde albergue oculto, que seus anos
Tão respeitável fazem, de contínuo
Tem na lembrança os vossos infortúnios.
Ai! quanto a vossa sorte a sua sorte
Lhe faz sentir! falai: das nossas vidas,
Como de um bem que é vosso inteiramente,
Podeis dispor, Senhora, a vosso arbítrio.

CENA III

AS DITAS, E EUMENE

EUMENE

Vosso duro Tirano estimulado
De seus sustos cruéis, torna, Senhora,
A abrir de vossas lágrimas a fonte.
Atónito, inquieto, acreditando
Quanto teme, e temendo o Estrangeiro,
Que só de compaixão e pranto é digno,
Entre o fero terror, que o sobressalta,
Vem pelas nossas mãos sacrificá-lo,
Menos aos altos Céus, que a seus temores.

IFIGÉNIA

A que extremo cruel sua cegueira
Me reduz! e que instante tormentoso
Para o tirano sacrificio escolhe?

ISMÉNIA

Ah! se de um infeliz constrangimento
Despedaçando o jugo, vós provásseis
Vencer seu falso zelo, seus temores!
E se da humanidade reclamásseis
Os direitos, a cólera dos Deuses,
Dos Reis a obrigação! se vós fizésseis
Sua glória falar e a natureza!

IFIGÉNIA

De um coração entregue a vãos enganos,
Que sua Religião e fácil crença
De suspeitas tem cheio e de fereza,
Que se pode esperar? Deuses sagrados,
Se é certo que se opõe à vossa glória
Tanto sacro homicídio, a que me obriga
Um falso zelo; se estas santas Aras,
De tantos desgraçados com o sangue
Impiamente banhadas, são objecto
De horror a vossos olhos indignados;
Dignai-vos de descer dentro em minha alma,
De acender dentro nele o vivo fogo
De uma chama divina; às minhas vozes
Aquele força dai, que feramente
O coração submete e o entendimento:
A feroz ilusão domar eu possa
De um bárbaro, a quem tudo sobressalta,
E a quem nada o feroz peito lhe toca!
Ah! minhas puras mãos, meus sacrifícios,
De hoje em diante honrando-vos, só sirvam
Dos míseros mortais em benefício!

ISMÉNIA

O tirano já chega: o sobressalto,
Ifigénia, ocultai.

IFIGÉNIA

O seu aspecto
A meu pesar o incita, e lhe dá forças.

CENA IV

TOANTE, E AS DITAS; ARBAS, GUARDAS

TOANTE

Tremendo a consultar-vos hoje venho,

Vós, a quem do futuro manifestos
Devem ser os arcanos: eu não posso
Por mais tempo nas sombras do silêncio
Cobrir de meus temores a violência.
Provo, sem ser culpado, mil remorsos:
Ante meus pés dos mortos a ribeira
A cada passo vejo; na alta noite
Em torno sinto fuzilar-me os raios.
E na inocente frente a Régia C'roa
Parece me vacila: do repouso
Entre os braços escuto as ameaças
Dos Numes, que receio temeroso
De ofender: e Diana, combatida
Vãmente por meus votos, me parece
Que intenta transportar a estranha terra
Sua sagrada Estátua; este sucesso,
Do qual pendendo está a minha vida,
Não sei que surda voz me prognostica.
Vós, a quem o sagrado ministério
Aos Deuses aproxima, vós dignai-vos
O mistério aclarar destes objectos:
Aplacando dos altos Céus as iras,
Dignai-vos consultá-los nas entranhas
Do sinistro Estrangeiro. O triste estado,
Em que eu o vi, me aflige e me importuna:
Tudo nele suspeito se me torna,
Até o seu desastre: os turvos olhos,
Em que a raiva cintila, aos Céus lançados,
Na sua frente pálida o cabelo
Sem ordem eriçado horrendamente,
Os convulsos medonhos movimentos,
Os gritos assustados, que interrompe
Larga cópia de pranto e de soluços,
O semblante sem cor desfigurado,
A perda da razão, que lhe confunde
Sua excessiva dor, o tenebroso
Repouso que sucede a seus furores,
Do horror, que o segue, ferem vivamente
Minha alma receosa. Se crer devo
Seus temerosos guardas, nos delírios
Do horrível frenesi, entre seus gritos,
Parece articular os temos nomes
De mãe, de amigo: um deles crê ter visto
Espantosos espectros, que o rodeiam,
Armados de serpentes, que furiosos
A devorá-lo correm. Qual o nome
Será deste malvado? que ímpio crime
Em seu protervo coração expia?
Pelos Céus condenado, e a infeliz vida
Já próximo a exalar, donde procede

O medonho pavor que ele me inspira?
Donde nasce que tudo me contrista,
E serve cruelmente a confundir-me?

IFIGÉNIA

À vossa oculta turvação que posso
Responder-vos, Senhor? surdos os Numes
Encontro às minhas vozes; e Diana
Despreza com horror o meu incenso:
Debaixo de meus trémulos joelhos
Foge o sagrado altar, e todo se abre:
A meus olhos de um denso véu se cobre
A Estátua de repente; o sacro fogo
Com o próprio alimento se consome.
Eu não sei; mas se não me engano, o sangue
De que manchado está o altar sagrado,
O sangue desgraçado da inocência,
Tão cegamente pelas Leis proscrita,
Em vez de os aplacar, irrita os Numes.
O vapor deste sangue derramado
Talvez forma a pendente tempestade.
Eu o confessarei, temo as balizas
Ter passado; sacrílega ter sido,
E ao mesmo tempo bárbara, receio.
Ah! se do vosso coração pudessem
As vozes ser ouvidas saudáveis,
Que sem sossego dentro do meu falam,
Vosso zelo, Senhor, menos austero
Mais puro, mais decente, não faria
Um augusto mistério do homicídio:
E este cruento altar, dos desgraçados
Funesto horror, para eles só seria
Contra a desgraça o mais seguro asilo,
Até para o Estrangeiro, que vos finge
Tão tem'roso, Senhor, a vossa ideia,
E que pode ser... Ai! quem quer que seja,
Só compassivas lágrimas merece.
Enfim, não sei se é isto injuriá-los;
Mas em honra dos Deuses não me atrevo
A imaginar, que os mesmos transportados
De um ódio caprichoso pelo arbítrio,
De ver se satisfaçam convertidas
Em sanguinosa areia as suas aras,
Tinto delas correr em largos rios
Por minhas ímpias mãos o sangue humano:
Por estes rasgos cruéis quem conhecê-los
Poderá? pode ser, Deuses supremos!
Que a divinal essência envilecendo,
Ordenásseis, tiranos caprichosos,

Aos homens de expiar suas maldades
Por maldades maiores? que direito
A vossos benefícios não tenhamos,
Senão vossa vingança merecendo?

TOANTE

Quê! a ilusão de um peito compassivo
Faz por certo esquecer-vos, Ifigénia,
Da resposta do Orago há pouco dada,
Que da vida me priva, ceptro, e estátua
Se minha alma assaltada da piedade
Poupar ao gume do sagrado ferro
Um só dos Estrangeiros, que a fortuna
E a braveza dos ventos procelosos
Fizeram dar à costa em minhas praias?
Tornando-me rebelde a seus decretos,
E que vós pretendeis do Céu supremo
As terríveis vinganças eximir-me?
Protector, dizeis vós, dos inocentes,
Pode pedir por culto o seu trespasso?
Sem dúvida ele pode, pois que o pede;
E pagar se lhe deve, quando o manda,
Esta ofrenda; tem ele por ventura
Alguma obrigação que a nós o ligue?
Ferir não pode sem medir os golpes?
Quê! da espada cruel da brava guerra
Armados os mortais, podem de sangue
Cobrir a terra; os chefes ambiciosos
De sua exaltação aos vãos cuidados
Podem tudo imolar em sua fúria;
Nós mesmos em as côncavas entranhas
Dos ásperos rochedos poderemos
De mortes sustentar-nos e rapinas;
Poderemos tragar ainda vivos
Os nossos inimigos; poderemos
Dentro em suas caveiras sanguinosas
A sede saciar que nos abrasa;
E os Numes vingativos, estes Numes
Por quem nós respiramos e existimos,
Pedir não poderão em seus altares
Por vítima os mortais? o sangue humano,
Que fazemos correr a nosso arbítrio,
Só deverá para eles ser sagrado?
Mas vós de seus decretos invioláveis
O órgão e o instrumento, que arbítrio
Vos deu para os julgar e condená-los?
E com que autoridade limitando
Seus sagrados direitos, a Lei pondeis
Dos trovões e dos raios aos Senhores?

Tremei desses discursos: de vossa alma
Os ímpios e secretos pensamentos
Pronto arrependimento já expie.
Apesar dos piedosos sentimentos,
De que está combatido o vosso peito,
Adorar e ferir a vós só toca.

IFIGÉNIA

Está bem, ó Senhor: está bem, venha
A vítima infeliz: o Céu permita
Que eu cumpra a sua Lei, obedecendo.

TOANTE

A vítima, Ifigénia, sem demora
Vos seguirá às Aras sacrossantas.
Em meu mortal tremor eu torno a vê-la.
Feri, seja quem for; sede implacável,
Pois o ser infeliz é ser culpado.
Enfim a minha Lei, meu culto é este;
E é vossa obrigação obedecer-lhes.

CENA V

IFIGÉNIA, ISMÉNIA, EUMENE

IFIGÉNIA

Enfim cumprir a Lei tirana é força...
Vamos pois, já que é força... porém onde
Mofina vou? nas veias todo o sangue
Se me agita e se altera, e todo o corpo
Se arrepia: no peito palpitante
Sinto gemer a triste humanidade.

ISMÉNIA

Vós servis um Senhor inexorável,
Tanto mais nos seus erros inflexível,
Quanto mais pelos anos acurvado
Para o triste sepulcro, de seus dias
A negra tocha vê amortecer-se.
Temei seu cruel zelo: ah! não vos faça
Em Tauride sentir a mesma sorte
Que em Aulide provaste. Seus preceitos
Satisfazei, Senhora: este delito
Da vossa alma não é, é do Destino.

IFIGÉNIA

Bem que escravo do Fado, que o constringe,
Quem o crime comete é criminoso;
E a força, que parece que o escusa,
Não pode defendê-lo dos remorsos
Do coração constante em acusá-lo.

ISMÉNTA

Porém se o Céu enfim, se o Céu o manda?
Se um sangue impuro pedem suas iras?

IFIGÉNIA

Ah! com que vão terror prostrar-me intentas?
A natureza fala, ela não pode
Enganar-me: ela foi a Lei primeva
Ela é, só pode ser... ela é ao menos
A que se dá a conhecer primeiro;
Lei de todos os tempos e lugares,
Que rege ao mesmo passo homens e Deuses.

EUMENE

Ah! Senhora, pensai

IFIGÉNIA

Eu vejo, eu sinto
Que me confundo; mas que o Céu me fala.
Segue ele em seus decretos por ventura
Das Nações os costumes? é conforme
Suas várias paixões Pai, ou tirano?
Não, ó povos cruéis! a vossa raiva
Ele não tem: Autor da natureza
As suas obras ama: todo o homem
As suas graças tem igual direito;
E nenhum nasce para o seu tormento.

ACTO SEGUNDO

CENA PRIMEIRA

ORESTES *agrilhoado no fundo do Teatro, e* GUARDAS.

ORESTES

Deixai-me em paz gozar do só momento
Que me resta, e atendei à minha sorte.

CENA II

ORESTES *só, avançando-se para a boca do Teatro.*

Ah! desgraçado Orestes! que inumano
Pesado braço para mais angústias
Torna a meu coração o sentimento?
Céus! que inferno me segue! que espantosos
Tormentos! respirar deixai-me um pouco,
Espectros despiedosos! este crime
Não é meu, é dos Deuses.... Eu mais nada
Que obedecer-lhes fiz... mas vós, que causa
Me dais de aborrecer-vos, vós autores
Do meu crime, e do meu cruel suplício?
Falai, ó Deuses bárbaros e injustos!
Que capricho é o vosso? vós do centro
De meu desterro me arrancais tremendo!
Vós me dais uma espada cintilante!
Vós de meu Pai, por seu furor zeloso
Morto atrozmente, a parricida esposa
Assinais a meus golpes: eu receio,
Eu tremo... vós me ameaçais severos.
Eu obedeço, eu firo... e vós tiranos
Me castigais... mas isto ainda é pouco.
Não enxergando em toda a Natureza
Mais do que uma voragem espantosa,
Mais do que a sombra sanguinosa e triste
De minha feroz Mãe, e não podendo
Sofrer esta fantasma aborrecida,
Corro a implorar-vos, Numes desumanos:
E vós este país, abominável
Por feros homicídios, me apontastes;
Vós me anunciais que era preciso
Roubar a Estátua e transportar zeloso
A outra terra as profanadas Aras,

Para livrar-me da cruel angústia
A que me condenastes. Pronto parto:
E tu, fiel amigo, amigo raro,
Me acompanhas! mas ao entrar no porto
Nos separa a tormenta: sobre as rochas
Longe do teu o meu baixei lançado
Por um raio voraz voa em pedaços;
Engolido das ondas, dos sentidos
Privado inteiramente, ainda ignoro
Quem à vida me torna e às mesmas fúrias.
Mas que horrores contemplam os meus olhos!
Sobre estes cruéis mármore que manchas
De sangue se derramam! são acaso
Os meus males mais feros os que ignoro!
Pílates... acabai, Céus desumanos!
Feri, eu inda vivo... ó furor! este
O sangue é. Ah! os feros Numes
Deixando são e salvo o caro amigo,
Por de todo infeliz me não teriam.

CENA III

O DITO e PÍLADES *com cadeias.*

PÍLADES *no fundo do Teatro.*

Que vejo! ao alvoroço de minha alma
Como posso deixar de conhecê-lo?
(*Corre a abraçar Orestes.*)
Torna a ver em teus braços, ó metade
Desta alma! torna a ver Pílates salvo.

ORESTES

Onde estou? darei crédito aos meus olhos?
Pílates em meus braços! neste sítio
Pílates! sobre os lábios palpitantes
Vagar minha alma sinto

PÍLADES

A cobrar torna
Com minha vista as vacilantes forças.

ORESTES

A este lugar à compaixão cerrado
Que mau génio, ou que Deus te trouxe, amigo?

PÍLADES

A constante amizade. Tendo visto
De tua nau nas míseras relíquias
Teu desastre, vagando ao som dos gritos
Dos tristes naufragantes, que lutavam
Contra a fúria do mar, salvando a todos,
E em qualquer deles presumindo achar-te,
Nas promessas dos Deuses confiado,
Ansioso te buscava, não ousando
Nem podendo julgar-te, sem ofensa
De seu poder, nas ondas sepultado
Entre os rochedos que este porto fecham.
Abordo sem mais arte, que a cegueira
De um furioso transporte: do meu lenho,
Escondido entre seus pendentes cumes,
Entregue ao bravo Alceu deixo o cuidado;
E por cavernas, que no horror parecem
Da Morte às negras portas ser vizinhas,
De teus passos atento busco o rasto.
Junto destas muralhas sanguinosas
Neste cuidado me surprende o dia.
Para tudo tentar, à nau tornava,
Quando um povo inteiro me rodeia.
Com furor me armo e dissipá-lo penso;
Porém da multidão atropelado,
Cativo fico destes feros monstros:
De medo e de alegria todos cheios,
Me arrastam em tropel alvoraçados
De seu Chefe à presença, que tremendo
A morrer me condena: mas que mestos
E profundos soluços

ORESTES

Em que abismo
De cruéis sobressaltos a minha alma
Tomais a submergir, Numes supremos?
Que destino é o meu? dos que me cercam
Exprobrar-me vereis sempre as desgraças?
(Voltando-se para Pílates.)
Era preciso acaso que deixando
Fócide e o Régio Trono, com despejo
Dum parricida a sorte associasses?
Não devias dos Deuses com o exemplo
Fugir de um monstro a si mesmo odioso?

PÍLADES

Pílates, oh Céus! Pílates de Orestes

Fugir? ah! que discurso tão penoso
Para o amigo fiel, que só te resta!

ORESTES *furioso*

Ó de adverso poder fero ascendente!
Tenho enfim Mãe e amigo assassinado!
Céu exterminador, tu me aniquila,
Tu ao nada reduz o dia e a terra
Que me viram nascer.... Mas que profundo
Abismo ante mim se abre!... ah! sim, eu vejo,
Graças ao Céu! o Báratro espantoso
Da inexorável Morte... Em suas trevas
Os meus crimes a esconder corramos...
Mas que medonho espectro lá no fundo
De seu seio se move!... Céus supremos!
E minha Mãe... fuja... mas de balde,
Pois já ante meus passos se apresenta...
Egisto a acompanha... e tu com eles,
Pílades, me persegues! tu que foste
Meu Nume tutelar, de meus algozes
Também ajudas a implacável sanha!
O amigo leal que só restava
A meus males, se faz meu assassino!
De venenosas víboras armado,
Ele as lança em meu peito! Deuses, onde
Me esconderei? suspende, Sombra amada,
Sombra terrível!... vê os meus remorsos,
A desesperação, meu triste pranto...
Ah! o alento me falta. (*Cai nos braços de Pílades.*)

PÍLADES

Oh Céus! Amigo,
Não me vês sustentar-te nos meus braços?

ORESTES *voltando a si.*

És tu?

PÍLADES

Sim, eu sou. Olha o terno amigo,
Que ofende o teu furor... Bárbaro, é este
O efeito que em ti faz minha presença?
Ah! se de compaixão não foras digno,
Que acerbos repr'ensões te não faria!

ORESTES

Desculpa um infeliz, que de si próprio
Se espanta: podes com razão acaso
Condená-lo, se perde tudo que ama?

PÍLADES

Que ilusão o discurso te alucina?
Sê dele mais senhor, e a governá-lo
Hoje te anima; a amizade ilustra,
Em lugar de abatê-la: cuida menos
De Pílates e só pensa em Orestes:
Do melhor sangue dos Monarcas Gregos
As relíquias assim não envileças:
Herói te mostra, e faz que em ti veja
De Agamémnon ilustre o ilustre filho:
Esquece os teus remorsos, o teu crime,
E até o próprio nome; a honra nossa
O pensamento teu somente ocupe.

ORESTES

Oh! se os nossos intrépidos soldados,
Se Alceu fiel, de nossos tenros anos
Essa firme coluna, esteio e guia,
Neste instante saber pudesse ao menos
Qual é a minha sorte, e qual a tua!
Mas pode ser que a minha desventura
Também a ele oprima: é meu destino
Que sejam o meu crime os homicídios...
Ah, triste!

PÍLADES

Gente chega; pela nossa
Terna amizade, agora de ser deixa
Teu primeiro inimigo; do destino
Que quis nestes lugares ajuntar-nos,
Porque tanto te queixas? por ventura
E ele tão cruel? morremos juntos.

ORESTES

Ah, caro amigo! tu sobre mim vela:
Senhor de meus remorsos, ao Averno
Sem conhecido ser, desça entre os mortos!
A minha alma animada aos cruéis olhos
De meus verdugos a desgraça mostre,
Mas não a minha infâmia: duas vezes
Morrerei, se a morrer chego sem honra.

CENA IV

OS DITOS, IFIGÉNIA, ISMÉNIA, EUMENE, SACERDOTISAS

IFIGÉNIA

Oh, quanto à sua lastimosa vista,
Quanto meu coração se despedaça!

ORESTES *a Pilades.*

Quem é esta mulher, que com violência
A nós seus passos dirigir parece?
A sua vista meu furor se abranda.

IFIGÉNIA

Dos deveres, que impõe o Céu severo,
Ao menos o mais grato executemos.
Oh, lá das mãos das vítimas se tirem (*Às Sacerdotisas*)
Os funestos grilhões: dos Céus às justas
Ordens obedeci: os afrontosos
Pesados ferros neste augusto templo
Supérfluos são, e não lhe são decentes.
Que gesto, que feições, que continência!...
(*Enquanto se tiram os ferros.*)
Inflexível dever! quanto é penoso
Ao mundo vir co'um coração sensível!
Infeliz estrangeiro, cujo nobre
(*Depois de se retirarem as Sacerdotisas,*)
Sentimento o esforço, o sangue acusa
Em vós de Reis: dignai-vos responder-me,
Quais são os vossos Deuses, Leis e Pátria.
Pelas funções cruentas dum emprego
Tão rigoroso não julgueis minha alma.
Do bárbaro rigor de um culto injusto
Se é meu braço instrumento, é a minha alma
A vítima. Falai, falai sem susto;
Que vos seja infiel não hajais medo:
Infelices vos fez esquiva sorte,
E meu peito não pode aborrecer-vos.

PÍLADES

Ah! quem quer que sejais, em nossos males
Que vós is rematar, que causa pode
Interessar-vos tanto? se forçoso
Nos é morrer, feri. Vossa piedade
Importuna nos é: os nossos dias

No horror precipitai da noite eterna,
Sem de nós pretender uma escusada
Mísera confissão; o que perece
Desconhecido, é menos miserável.

IFIGÉNIA

Ó pensamentos por extremo amados
Deste meu coração atribulado!
Oh! e possível é que da virtude
No regaço se encontre a desventura!

PÍLADES

Menos vos condoei dos nossos males:
Só queremos morrer: todos os dias
A vida a desprezar aprende o homem.

IFIGÉNIA

E que estrela cruel e tão contrária
A aborrecê-la tanto vos obriga?

PÍLADES

Têm todos os mortais seus contratemplos:
Todos provam a dor, o mais ditoso
Sentido tem também o que são sustos.
Ai! e entre eles um só se não encontra
Que lágrimas não tenha derramado!

IFIGÉNIA

Mas quem sois? falai vós, cujo semblante
(*A Orestes.*)

PÍLADES

Porque solicitais com tanto empenho
De uma vã confissão a dura afronta?

IFIGÉNIA *a Orestes*

A vós é que eu pergunto: ah! respondi-me;
Nem ouseis confundir-me com um povo
Cego, que eu abomino, e a cujos Deuses
Servir me faz Destino nunca ouvido.
Falai; talvez que a vossos infortúnios
Releve que eu ao menos saiba a terra
Onde nascestes ... Vós não dizeis nada!

Antes fitos no chão os tristes olhos
Me ocultais.

ORESTES

Desta confissão que fruto
Podeis vós esperar?

IFIGÉNIA

Talvez nascestes
Da Grécia no regaço? Argos, Micenas
Onde corre minha alma preocupada?
Ah! não as conheceis, se não me engano.

ORESTES

Prouvera aos Céus que um bárbaro deserto
Nascer me visse e me tirasse a vida,
Antes de conhecê-las!

IFIGÉNIA

Como! em Argos
Tiveste o berço?

ORESTES

Ah! porque nascendo
Não foi o meu sepulcro!

IFIGÉNIA

Oh! se é verdade,
Enchei, ou dissipai minha alegria.
No regaço da glória e dos tesouros
Da debelada Tróia, de Agaménmon
Qual é em seu Palácio hoje a fortuna?
Goza uma dita igual a seu grão nome?

ORESTES

Céus! que dizeis? um braço parricida

IFIGÉNIA

Sem dúvida o entregou nas mãos da Parca?
E que braço?

ORESTES

Senhora

IFIGÉNIA

Respondei-me.

ORESTES

Ah! não posso.

IFIGÉNIA

Falai: que temor tendes?

ORESTES *à parte.*

Eu não sei onde estou.

IFIGÉNIA

Seu assassino
Quem foi?

ORESTES

Foi sua adúltera consorte.

IFIGÉNIA

Clitemnestra?

ORESTES

Amor urdiu a trama,
E de um punhal armou a mão traidora.

IFIGÉNIA

Ó crime! ó frenesi o mais horrível!
E qual o fruto foi desse assassínio?

ORESTES

A morte.

IFIGÉNIA

Como?

ORESTES *perturbado.*

Seu filho

PÍLADES *baixo a Orestes.*

Suspende.

Desesperar-me faz! (*À parte.*)

IFIGÉNIA

Mui bem, seu filho!

ORESTES

Vingou seu Pai.

IFIGÉNIA

O quê? Oh Céus! que escuto!

PÍLADES

Pelos Deuses, a nossa mais suave
Esperança cumpri, que em dilatá-la
Vós infieis lhes sois: e que interesse

IFIGÉNIA *a Orestes.*

De seu filho que é feito?

ORESTES

O horror do mundo.

IFIGÉNIA

Numes Supremos!

ORESTES

De arrastar cansado
Sua imensa miséria, a cruel morte,
A morte busca, e enfim topou com ela.

IFIGÉNIA *à parte.*

Ó sangue deplorável! ó destinos
Implacáveis! não logra, pois, Micenas (*A Orestes.*)
Do vencedor de Tróia...

ORESTES

Mais que Electra,
Entregue sempre a lastimoso pranto.

IFIGÉNIA

Sacerdotisas... esses infelices
Ao lugar conduzi onde se ornam
Para as Aras as vítimas: não posso (*À parte.*)
Mais tempo ante seus olhos constranger-me.

CENA V

IFIGÉNIA, ISMÉNIA e EUMENE

IFIGÉNIA

É morto Orestes!

ISMÉNIA

Misera Ifigénia!

IFIGÉNIA

É morto! para mim se acabou tudo.

ISMÉNIA

Ah! em que duro estado vos contemplo!

EUMENE

A que violenta dor vos vejo entregue!

IFIGÉNIA

Que confusão de Atreu no augusto Paço!
Que assassínios punidos uns por outros!
Prossegui, cruéis Deuses, conjurados
Contra meu sangue; em meu despedaçado
Seio buscai as míseras relíquias
Deste sangue culpável, que convosco
Eu mesma hoje detesto. Ó do futuro
Perspectiva espantosa, que meus olhos
Sofrer não podem! quê! perpetuamente
Sobre a terra arrastar um fatal jugo!

A sede não saciar senão em sangue
Que em borbotões me inunda! outro objecto
Ante os olhos não ter, mais do que mortos
E moribundos, exalando a vida
Entre longos soluços a meus golpes!
E apesar hoje mesmo dos remorsos,
Que o coração me roem. Ah! primeiro
Em meu peito se enterre o agudo ferro.
Sim, uma vez de respeitar deixemos
Dos humanos as obras: neste templo
De paz eles só são quem a mão arma.
A desesperação enfim sigamos,
A que minha virtude hoje me entrega.
Onde o inocente morre, é viver crime.

ISMÊNIA

Duma morada, oh Céus! tão rigorosa
Para sair, a sorte outro caminho
Vos não mostra, senão correndo à morte?
Quê? esquecei-vos que Electra inda vos resta?
Que de Orestes suprir o lugar pode?
A buscar correreis a cruel morte,
De uma irmã, que pode socorrer-vos,
Com desprezo? ela mesmo mortalmente
De angústias e terrores salteada,
Entre as relíquias da família extinta,
E no meio dos rios lastimosos
Do sangue, que nas veias lhe circula,
Se arrasta, e de seu fado rigoroso
Aos horrores sucumbe. Ah! vós por ela
Ao menos conservai a cara vida.
Vivei e recobrai o antigo esforço,
Na segura esperança de fugires
De um bárbaro opressor; e sobre tudo
De abrandar de uma irmã os cruéis males.

IFIGÉNIA

Ai!

ISMÊNIA

Enfim em tão justa confiança
Vos autoriza o Céu menos severo;
A sorte a favorece, pois entrega
Em vossas mãos um Cidadão de Argos.
De vossos males o grilhão pesado
Ah! com ele rompei, e destes mares
A passagem lhe abri; torne a Micenas,

Uma feliz mensagem Electra instrua
Do segredo de vossa triste vida,
Que dará certamente alívio à sua.
Quê! vacilais?

IFIGÉNIA

Está bem: eu me entrego
Ao p'rigoso conselho, que me of'rece
Tua piedade: ao menos a desgraça
Abrandarei de um destes infelices.
Mas presa nesta terra, por que meios

ISMÉNIA

No zelo de meu Pai, dos seus amigos
Confiai-vos, Senhora.

IFIGÉNIA

Mas eu temo
Que minha desventura o seu contágio
Sobre eles não estenda: oh! e se fosse
Sua sorte fazer mais rigorosa!

ISMÉNIA

Ocultos do Tirano aos feros olhos,
Sem honras, sem riquezas, que suspeitos
A seu temor os façam, confundidos
Em sua escura sorte, sem receio
Bem esperar podeis que eles vos sirvam
Impunemente.

IFIGÉNIA

Crês tu...

ISMÉNIA

De um dos Gregos,
Grato à vossa esperança, bem depressa
Vós a vida vereis em segurança.
Eu vou...

IFIGÉNTA

Detém-te, escuta: aos sentimentos
De uma justa piedade, amiga, atende:
Uns infelices, que une a mesma sorte,

Para que é separar? salvemos ambos.
Um sentimento oculto mais amado
Um me faz; mas também o outro é homem,
E também infeliz.

ISMÉNIA

Já prevenido
Meu coração vos tinha, igual cuidado
Eu sinto que o anima.

IFIGÉNIA

Ao precipício
Vizinha, um frio horror me cobre os ossos...
Se do Céu vingativo eu os direitos
Ofendesse! se fosse juntamente
Infeliz e culpada!... não me escutes,
Corre a buscar teu Pai: já não é tempo
De deliberar: dize-lhe que nada
Sem segurança tente, pois seria
Dobrar os meus desastres, dividi-los.

CENA VI

IFIGÉNIA e EUMÉNIDE

IFIGÉNIA

Tu a Toante corre: um inocente
Fingimento o alongue deste Templo,
Force seu zelo a dilatar a morte
Desses dois infelices, que à fortuna
Melhor sorte merecem: lisonjeia
A ilusão que lhos pinta criminosos;
De execráveis delitos, de que os julgo
Sem dúvida incapazes, réus os faze;
Dize que antes de serem imolados,
Diana ordena que se purifiquem...
Eu vejo com horror que o ministério,
Que nos distingue, faz abominável
Enganarmos os homens; mas a causa
Neste cruel extremo me desculpa:
Quem serve os desgraçados, serve aos Deuses.

ACTO TERCEIRO

CENA PRIMEIRA

ORESTES e PÍLADES

ORESTES

Eis-nos, Pílates, sós e em liberdade:
Respirar posso, e sem temor falar-te,
Antes que o mesmo fado há tanto tempo
Esperado, correr faça meu sangue
Com o teu confundido. Outro cuidado
A turbação que sinto se mistura.
Ah! dize, quem será esta piedosa
Sacerdotisa, cujo enternecido
Sincero coração, da formosura
Que em seu semblante resplandece digno,
Nos mesmos desgraçados amar sabe
A triste humanidade? que secreto
Interesse, que compreender não posso,
Pode ela de Agamémnon ter na sorte?
De onde nasce que a seu aspecto as sombras,
Que espalham sobre mim os infortúnios
Que me seguem, se aclaram? por que oculto
Encanto o horror, que o sangue me congela,
A mais ternos cuidados em meu peito
Campo fazia? que outros sentimentos
São estes que hoje provo? enfim, quem pode
De meus ferros remorsos distrair-me?

PÍLADES

Neste fatal momento, que reclama
A tua honra, que baixos pensamentos
Vêm agitar tua alma perturbada!
Tua confusa mente em que se ocupa,
Enquanto sobre as Aras preparado
Está o duro ferro! onde te arrasta
De uma estranha mulher o fácil pranto,
Que excita uma piedade passageira!
Assaz por teus desastres abalado,
De teus finais instantes perder queres
Toda a glória? ah! tua alma só ocupem
De tua fama dignos pensamentos:
E se morrer sem glória é necessário,
Sem pejo e sem infâmia ao menos morre.

De ti mesmo senhor, de teus algozes
Te fazes respeitar; ver lhes não deixa
Em ti mais que o herói. Outro tormento
Um coração sublime não conhece
Mais que a vergonha; a seu rigor só cede;
De tudo o mais intrépido triunfa.

CENA II

ORESTES, PÍLADES e IFIGÉNIA

IFIGÉNIA

Eu vejo os vossos rostos perturbados:
Meu triste aspecto, dignos Estrangeiros,
Vos é talvez suspeito? Ah! de outro modo
De um coração julgai que vos defende!
Ele que o vosso o ofenda não merece
Convertendo por vós meu ministério
Em mais suave emprego, a libertar-vos
Da rigorosa lei somente venho;
Ao menos eu o espero; a humanidade,
Depois de longamente haver lutado
Com minha obrigação, enfim triunfa.
Sinto que os mesmos Deuses na minha alma
Se opõem ao sacrificio sanguinoso,
Que impor-me pareciam; e mudando
Por vós sua vontade sacrossanta,
Parece à vossa lastimosa vista
Que o cruel ministério em crime tornam.
Um cuidado porém, eu o confesso,
Que me é nem menos caro, nem urgente,
Se une à compaixão, que na alma provo.
Neste fero país sou estrangeira:
E minha pátria a Grécia: escrever quero
Aos que interesse têm na minha sorte,
Livrá-los da incerteza em que persistem,
E instruí-los por vós de meus destinos.

CENA III

OS DITOS e ISMÉNIA

ISMÉNIA

Senhora...

(percebendo os Estrangeiros, faz-lhe sinal para que os mande retirar.)

IFIGÉNIA

Retirai-vos.⁵⁷ Céus! que novas
Vens trazer-me?

ISMÉNIA

Que em vão salvar intentas
Ambos os Gregos, quando um só bastante
E para o fim que desejas ansiosa.
Por si e mais por vós tremendo
Nossos amigos, dizem que seríeis
Vítima inútil, qu'rendo livrar ambos,
Que talvez cometeis dobrado crime.
Dizem mais que Toante só quer sangue,
Bem que para o verter seja preciso
Rasgar vossas entranhas: que é forçoso
Tanto aos Numes (que pode ser o peçam)
Como ao fero terror, que o atribula,
Imolar uma vítima: que desta
Maneira podereis mais felizmente
Abusar de seu zelo sanguinoso;
Que se enfim vê sua alma um sacrifício,
O engano não verá tão facilmente.
Numa palavra todos surpreendidos
De um terror invencível, só prometem
Seu socorro a meu Pai por este preço.
Em vão aos rogos ajuntou zeloso,
Senhora, o pranto seu... foi-lhe forçoso
A seus sustos ceder, a seus receios.

IFIGÉNIA

Que extremidade!

ISMÉNIA

Arbítrio eles vos tiram:
Fala a necessidade: suas vozes
Convém seguir.

IFIGÉNIA

Eu sigo, já que é força,
O exemplo de teu pai; cedo a seu risco,
Cedo aos Deuses, à minha desventura.

ISMÉNIA

⁵⁷ *Orestes e Píldes se retiram para o fundo do Teatro.* (Nota do 1º Editor).

A procurá-lo vou. Mas vós, Senhora,
Apressai-vos.

CENA IV

IFIGÉNIA, ORESTES E PÍLADES *no fundo do Teatro.*

IFIGÉNIA *só na boca do Teatro.*

Cruel sorte, quão feros
São teus rigores! ah! donde procede
Que aos corações benéficos e humanos
De o serem sempre o Céu o poder tira!
Chegai vós⁵⁸ (toda estremecer me sinto!) (*À parte.*)
Na minha turbação de vossos males
O excesso podeis ver, e perdoar-mos.
De minhas poucas forças esquecendo
A fraqueza, não tendo na alma impresso
Mais que a vossa inocência, presumia
(Suave e cruel erro!) que pudesse
O horror diminuir de vossos fados:
Adulei-vos com estas esperanças,
E também a mim própria me adulava.
Crê facilmente a alma o que deseja.
Cegava-me a piedade: seus esforços
Arriscados não podem quando muito,
Salvar mais que um de vós: de minha estrela
E da vossa é tão grande a tirania,
Que é força morrer um p'ra salvar o outro.
Vós em meu peito tendes igual parte,
E vós o lacerais... mas se é preciso
Escolher⁵⁹... vós partir deveis: já dadas
As ordens tenho: o risco, o tempo instam,
Pela minha ternura e por vós corro
Dele a me aproveitar, e em breve torno.

CENA V

ORESTE e PÍLADES

ORESTES *transportado.*

Onde estou eu!... e assim partir a deixo!...
Mas que voz poderá, Deuses supremos,
Por mim falar ao miserando amigo!

⁵⁸ *A Orestes e Pilades.* (Nota do 1º Editor).

⁵⁹ *A Orestes.* (Nota do 1º Editor).

PÍLADES

Finalmente eis aqui de meus desejos
O justo fim cumprido! da amizade
Morro vítima honrosa: firme amigo,
Minha ventura firma, firma a escolha
Dos Numes, à minha honra tão suave:
Deixa-me morrer só, e dar ao mundo
De um amigo leal modelo e exemplo:
De um Príncipe ele aprenda com assombro
'Té onde da amizade as Leis se estendem.
Tu não podes pagar por melhor modo
De minhas ternas ânsias os desvelos,
Que os meus votos cumprindo e os da Ministra...

ORESTES

Ó furor!... dize, tu acaso me amas?

PÍLADES

Oh que estranha pergunta, que interrompem
Incessantes soluços! ah! se te amo!

ORESTES

Responde.

PÍLADES

Tua horrível continência
Nas veias todo o sangue me congela!
Fala: que queres?

ORESTES

Que meu lugar tomes.

PÍLADES

Eu! a escolha ceder

ORESTES

E é isso amar-me?
Dize, quem de nós ambos neste Templo
Deve morrer? consulta a amizade
Por meus crimes atrozes maculada.
Deixei por ti a casa, o trono e a pátria?

O horror de teus crimes, tuas fúrias,
Teus remorsos por entre imensas mortes
A este infame país te conduziram?
Vingador parricida do homicídio
De um grande Pai, goteja de teu braço
De uma Mãe infeliz o negro sangue?
Nos ares vês de sangue errantes manchas?
Vês espectros, relâmpagos e raios,
Que abrir fazem o dia? vês a terra
Fugir ante teus passos espantada?
Ao teu lado marchar tinta de sangue
Tua Mãe? e de sua irada frente
A ti arremessarem-se silvando
Horrorosas serpentes, que te cingem
E te apertam com suas longas roscas?...
E o trespasso só o teu recurso?
Pode ele a tanto horror pôr só remate?
Tu me amas! e tu queres que em estado
Tão cruel, que esmagado sob o peso
De meu negro atentado, ao fatal golpe,
Que só implora meu furor, fugindo,
Gozar pretenda a luz do claro dia,
Que mancho e que aborreço, sem asilo,
Sem Deuses, e sem Lar, desesperado,
Proscrito, em toda a terra miserável,
Em toda detestável! Ah! tu me amas!
E queres, ó extremo das afrontas!
Queres em teu ardor, ou antes fúria,
Que por remir meus males e pagar-te
Teus grandes benefícios, da mais feia
Das maldades também hoje me manche?
Tu queres que eu, dobrando meus horrores,
Verdugo antes cruel da natureza,
Hoje por te poupar um frágil pranto
No seio da amizade o punhal crave?
Ah bárbaro! conheces tu tão pouco
O coração do amigo, o heróico sangue
Que o anima? com que terríveis toques
Em tua alma me pintas? por ventura
Ao ver-me réu, me julgas sem virtude?

PÍLADES

Onde da turbação, que te atribula,
O cego desvario te transporta?
Que negro frenesi da minha morte
Um delito te faz? tu o meu sangue,
Para a vida remir, vendeste acaso?
Deves tu, na mão tendo a nua espada,
Despedaçar-me o peito? espavorida

A tua alma, alma fraca, do suplício
Desta Sacerdotisa alguma parte
Tem na escolha?

ORESTES

E de ser por isso deixo
O instrumento, cruel, da tua morte?
A tão fero país quem os teus passos
Conduziu?

PÍLADES

O rigor da tua sorte.

ORESTES

Pois bem...

PÍLADES

Porém de ti, da resistência,
Com que a constância sem cessar me provas,
A pesar, teu furor agora deixe
A morte de imputar-te, que de balde
Intentas disputar-me: antes por ela
A quebrar te resolve os grilhões duros.
Dos altos Deuses o ódio inexorável
Posso abrandar: o sangue da amizade,
Nas aras derramado, expiar pode
O erro do teu braço sem acordo.

ORESTES

Mesquinho! também tu de meus tormentos
Para dobrar o extremo incomportável,
A minha fera Mãe hoje te ajuntas?
Porque intentas roubar-me uma só graça
Que os Deuses me concedem? carregar-me
De um novo indigno crime? abominável
Ao mundo inteiro, donde minhas fúrias
Me desterram, ah! dize qual seria
Meu asilo, se aos Fados inimigos
Unido, juntamente me roubasses
A morte e o caro amigo?

PÍLADES

Enfim, tirano,
Morre! faze, segundo o teu arbítrio,

Duas vidas perder ao teu amigo!
Ai! eu me lisonjeava que submisso
Dos Deuses ao Decreto, e respeitando
Seu sangue que circula em tuas veias,
Tua alma sobre si mesmo elevada
Reviver me faria em quem amava:
Mas tu só, de furor cheio, os meus passos
Seguir pretendes, e roubar-me ingrato
Da minha morte o fruto: ah justos Deuses!
Ah meu amado Orestes! por piedade,
Por graça, pelo amigo, sim, consente
Sobreviver à sua desventura!
Que seguindo dos Deuses a vontade,
De teus tristes furores a carreira
Com a morte, a que corro, se termine!
Para triunfar de teu altivo génio,
Com Agamémnon é talvez preciso
E com sua família, com a Grécia,
Em a tua desgraça interessada,
Que me prostre a teus pés, e derramando
De pranto uma torrente copiosa...

ORESTES

Tem-te: e a tanto levar a injúria ousas?
Queres enfim que junto destas aras
Tão ternos repetidos juramentos,
Que uniam nossas almas, eu subjure?
Bárbaro!... a tão atroz afronta eu cedo...
Vê meu estado horrível, vê a tua
Horrível obra... eu já me não conheço...
Mas parece que longe de amolgar-se,
Mais teu peito inflexível se endurece?...
Pois bem: destes altares à Ministra,
Um delito poupando, a descobrir-lhe
Eu vou o meu horror e o meu delito,
E constrangê-la a revogar a escolha
Por dever.

PÍLADES

Céus! que vais fazer, amigo?

ORESTES

O que devo.

PÍLADES

Ah! que horrível desatino!

Que cruel frenesi! pelo vil preço
Da infâmia deve alguém comprar a morte?
Tanto, Deuses supremos! de ti mesmo
Te esquecerás, que a vida acabar queiras
No opróbrio envilecido?

ORESTES

Tu me obrigas:
Tua cega injustiça é quem constrange
Minha virtude ao sacrificio infame.

PÍLADES

Eu, Céus sagrados!

ORESTES

Práticas inúteis
Por agora tronquemos: ou me juras
Do trespasso fugir a que tu corres,
Ou eu compro a morte, que mereço,
Por este preço: os Deuses, a quem tanto
Minha presença irrita, eu atesto.

PÍLADES

E podes tu jurar a tua afronta?

ORESTES

Tu o queres assim: a jurar torno.
Ou meus desejos cumpre, ou me declaro
Um monstro, que aborrece a luz do dia,
Que um sepulcro se fez da natureza
Inteira: digo quem me deu a vida,
E quem fiz perecer: e se piedosa
For a Sacerdotisa inda comigo,
Seu benefício aceito... à tua vista
Me sacrificio eu mesmo: se a mão treme,
Abre-te, ó terra, e vós, ó Céus supremos,
Vós que me ouvis, caí, despedaçai-me.

PÍLADES

Eu me cubro de horror! porém à raiva,
Que tanto o desatina, que opor posso?
Deuses, inspirai-me! ah! que Alceu por certo
(*À parte.*)

ORESTES

Vem a Sacerdotisa.

PÍLADES

À tua fúria
Eu cedo, caro Orestes; a tua vida
Menos preciosa me é que a tua honra.

CENA VI

IFIGÉNIA, EUMENE E OS DITOS

IFIGÉNIA *com uma carta na mão.*

Eis-me aqui.⁶⁰ Retiraj-vos⁶¹: tu, Eumene,
Guia seus passos; ao lugar prescrito
Guai!⁶² seja conduzido.

ORESTES

Suspendei-vos (*A Ifigénia.*)
Não, Senhora, morrer ele não deve.
A mim cumpre acabar a triste vida:
Da vítima na escolha se alucina
Vossa piedade... (*Detendo a Pílates.*)

IFIGÉNIA

Que fazeis?

ORESTES

De um crime
Vos preservo: ah! sobre ele se derramem
(*Mostrando a Pílates.*)
Da vossa compaixão só os efeitos,
E guardai para mim vossos rigores.

IFIGÉNIA

E com que causa a terna mão propícia,
Que a piedade vos dá do precipício
Na borda, enjeitais?

⁶⁰ *A Orestes.* (Nota do 1º Editor).

⁶¹ *Pílates.* (Nota do 1º Editor).

⁶² *Guai!*: interjeição de compaixão.

ORESTES

Este heróico amigo
Tudo sacrificou por meu respeito:
Só o fez infeliz minha amizade!

IFIGÉNIA

Quê? pois vós uma morte rigorosa
Preferis ao cuidado de servir-me,
De tornar-me contente?

ORESTES

Com tão feia
Exprobração não aterreis minha alma,
De meu fado o rigor acusai antes.
Neste fiel amigo que eu vos sirva
Permiti, permiti que eu o conserve
Para os vossos desenhos: sem receio
Dele podeis fiar as vossas cartas,
E de mim digno perecer deixai-me.

IFIGÉNIA

Que generoso excesso! que sublime
Coração! ide: vós da minha graça
Mais digno agora sois: vivei, servi-me:
Não sei que oculta voz dentro em minha alma
Por vós me fala, e minha escolha aprova.

ORESTES

Ah, Deuses!... minha sorte mais penosa
Não me façais: deixai que um miserável
Termine a vida sem envilecer-se.
É a minha esperança só a morte:
Traí-la não queirais hoje, Senhora;
Nem me forceis talvez a aborrecer-vos.

IFIGÉNIA *a Pílates.*

Mas vós, vós consentis suspenso e mudo
No glorioso transporte que o anima?
Porque igualmente generoso e fero
Não vindes combater minha piedade,
A morte preferir-lhe?

PÍLADES

Guai! que devo
Responder-lhe? (*À parte.*)

ORESTES *transportado.*

Senhora... (ah, não te esqueças...) (*Para Pilades.*)

IFIGÉNIA

Parece que vos vejo confundidos:
Explicai-vos, falai.

PÍLADES

Sua tirana
Desesperação, ai! a lei terrível
De lhe sobreviver me tem imposto.

IFIGÉNIA

Como?

ORESTES

Dentro no seu heróico peito
Não suspeiteis que exista vil fraqueza!
Se me deixa morrer é de sua alma
Um esforço bem digno: ele vivendo
Faz por mim muito mais que se morresse...
Mas, Senhora, deixai de angustiar-vos,
E deixai-me salvar-vos o que eu amo.
Guai! sou muito infeliz para servir-vos...
Ao amigo volvei os ternos olhos:
Que me escolhais vos peço, de outra sorte
Fareis de todos três a perda e injúria.

IFIGÉNIA

Finalmente segui, eu o consinto,
Esse furor ilustre, que minha alma
Toda cheia de horror, tremendo admira...
Morrei.

PÍLADES

Oh, Céus! eu tremo. (*À parte.*)

IFIGÉNIA

E em vós fiar-me

Posso? sereis fiel? (*A Pilades*)

PÍLADES

Vós o meu zelo
Conhecereis... somente vos imploro
Que do amigo o terrível sacrifício,
Que deveis ordenar, por um só dia
Vos digneis diferir... Ah! da fogueira
A cintilante chama me não siga
Ao menos nestes mares sanguinosos...
Assim mo prometeis?

IFIGÉNIA

Sim, sobre a minha

Compaixão bem podeis contar seguro.

PÍLADES

O receio escusai de um terno amigo:
Que jureis é preciso: não me atrevo
Sem tão grande penhor a retirar-me.

IFIGÉNIA

Pois que vós o pedis, aos Numes chamo
Por testemunhas. Oh! se eles quisessem
A tão cruel obrigação poupar-me!
Mas o veloz instante favorável
Escapar não deixemos. Estrangeiro (*Para Orestes.*)
Infeliz, muito menos que admirável,
Ao amigo abraçai, que vossos olhos
A ver não tornarão.

ORESTES *abraçando Pilades.*

Adeus: suspende
Os inúteis soluços, caro amigo.
Não vejais minha morte, vê somente
As vantagens, que dela me resultam
Eu não tinha mais bens que a desventura;
Que o vil opróbrio... adeus: em ti conserva
A amizade fiel, de teu amigo,
Que fiel morre, a mais digna ametade;
Da minha cara Irmã cuidado toma
Chegando à Grécia, as lágrimas lhe enxuga,
Em ti lhe restitui o Irmão amado;
Sê fiel sobretudo à mão benigna, (*Mostrando-lhe Ifigénia.*)

De quem da tua vida o benefício
Recebo: adeus.

PÍLADES

Eu morro.

ORESTES

Vamos, vamos.
(Arrancando-se dos braços de Pílates.)

PÍLADES

O amigo me abandona... Céus! detém-te.

ORESTES *precipitando-se de novo nos seus braços, e depois separando-se*

Ó doce amigo... mas o fado o ordena.

PÍLADES *segurando-o.*

Não me posso arrancar.

IFIGÉNIA *em suma aflição.*

É necessário
Apartar-vos.

PÍLADES

Senhora....

IFIGÉNJA *a Pílates.*

Entre seus braços
Quereis vós expirar?
(Conduz Orestes até o fundo do Teatro.)

PÍLADES *à parte na boca do Teatro.*

Adeus, amigo.
A salvar-te eu virei, ou a seguir-te.
Ah! e poderia eu, inda querendo,
Sobreviver à tua infeliz morte?

CENA VII

PÍLADES E IFIGÉNIA

IFIGÉNIA

Ai! quanto me lastima a vossa sorte!...
Porém são preciosos os momentos:
Parti, e me servi como vos sirvo:
Aqui tendes a Carta que a Micenas
Dirijo: se da sorte, que tirana
Vos persegue, domais a cruel sanha,
Não frustreis a esperança que ter posso;
Fielmente a entregai nas mãos de Electra.

PÍLADES

Que ouço! que relação entre vós tendes?

IRGÉNIA

Deixai-me o meu segredo, pois o vosso
Respeitei.

PÍLADES

Perdoai-me, eu obedeço.

CENA VIII

PÍLADES, IFIGÉNIA, ISMÉNIA, UM ESCRAVO

ISMÉNIA

O Navio está pronto; sobre as ondas
Ao arbítrio dos ventos, favorável
Ao vosso grão desejo, lesto bola.
Por entre as altas rochas este Escravo
Se obriga a conduzir esse Estrangeiro
A praia: a hora insta.

IFIGÉNIA *a PílaDES.*

Aos Céus apraza
Que estas ementas praias sem ser visto
Deixeis; e mereçais os meus desvelos.

ACTO QUARTO

CENA PRIMEIRA

IFIGÉNIA E EUMENE

IFIGÉNIA

Inda o Escravo não vem: ó sobressaltos!
Meus olhos, sem querer, se arrasam de água...
Do Grego tão suave às minhas dores
Que será feito? minha desventura
Talvez o cercará? Céus! é preciso
Que eu também da incerteza as ânsias sofra,
Entregue aos males todos, que receio?
Cruel demora! oh quanto tudo serve
A confirmar os meus pressentimentos!
Em vossa indignação, oh Céus, incorre
Quem presta a mão piedosa à inocência?
Pude acaso irritar a vossa sanha,
Quando antes comprazer-vos só devia?
Talvez me punireis por ter ousado
Imitar-vos?

EUMENE

De algum vão embaraço
Porque vos assustais, Senhora, tanto?

IFIGÉNIA

Oráculo fiel de meus desastres
E a perturbação que n'alma sinto.

EUMENE

De que serve entregar-vos tanto aos males
Que temeis? de que serve antes de tempo
Desesperar?

IFIGÉNIA

Vai: tenho rematado
Todo o horror do destino, que me aterra:
Oh quantos! e talvez por um delito
Desgraçados tornei!

EUMENE

O vão extremo,
Senhora, sossegai desses receios:
Ao menos esperai de Isménia as novas:
Eu a vejo.

CENA II

ISMÉNIA E AS DITAS

IFIGÉNIA

Ó Isménia, que esperanças
Trazer-me vens? o Escravo e o Estrangeiro
Teu Pai acharam?

ISMÉNIA

No lugar prefixo
Ainda os dois não têm aparecido.
Insofrido meu Pai correu de balde
As veredas e atalhos mais cerrados,
Que podia tomar, Senhora, o Escravo,
E em todas elas os não tem achado.
Ele esperando os fica, e a que atribua
Esta sinistra dilação não sabe:
Apesar disso no Palácio reina
O sossego; nas sombras do silêncio
Vosso desenho oculto, a vigilância
Dos olhos, que vos seguem, vai frustrando.
Mas que vejo!

CENA III

AS DITAS E O ESCRAVO

IFIGÉNIA

Chegai: deixai o espanto.
Aonde o Grego está que a vosso zelo
Eu confiei?

ESCRAVO

É morto.

ISMÉNIA

Deuses!

IFIGÉNIA

Como?

ESCRAVO

Com prósperos auspícios caminhando
Ao longo de medonhos precipícios,
Ao lugar apartado, onde nadava
Para a sua fugida o baixei pronto,
Já ambos quase tínhamos chegado:
Eu o guiava, abrindo-lhe a vereda;
Quando de um surdo estrondo salteado,
Ele parar me fez, e atento escuta;
Um momento depois se lhe figura
Ao longe ver um vulto, que avançava
Para nós lentamente caminhando:
Seu coração se turba, e em continente
Que o deixe ordena, e a averiguar me parta
O perigo que tanto o sobressalta.
Cedo ao grande terror que o inquieta:
Debaixo de um penhasco alcantilado,
No fundo de uma gruta, onde bramindo
O mar se quebra, ao medo e à surpresa
Eu tremendo também o escondo: corro
A espiar se seus olhos iludidos
A nós ambos nos tinham enganado.
A fatal ilusão reconhecendo
Que em ambos um igual pavor causara,
A ele volto: mas, ó vã diligência!
No côncavo da rocha o não encontro.
Segundo o que parece, as bravas ondas,
Que nela de contínuo se espedaçam,
Com vossas esperanças o tragaram.

IFIGÉNIA

Ó fado! ide⁶³: tu⁶⁴, da cruel praia
Faze apartar teu Pai e seus amigos.
A tua alma terníssima resguarda
Uma vida tão cara: a seu asilo
Ele torne, e eu à minha desventura.

⁶³ *Ao Escravo*. (Nota do 1º Editor).

⁶⁴ *A Isménia*. (Nota do 1º Editor).

CENA IV

IFIGÉNIA e EUMENE

IFIGÉNIA

Tudo acabado está! enfim é força
Renunciar a crédula esperança,
Que a vida me alongava! o Céu zeloso
Do cruento dever que me há imposto,
Sem piedade se opõe à minha volta...
Já para mim fugiu Argos do mundo...
Esta terra será sempre regada
Com meu pranto! Ah! pois que sem esperança
Devo nela arrancar tiranamente,
Como escrava a mais vil, o duro peso
De uma vida que morre a todo o instante;
Satisfaça-se ao menos a minha alma,
Vejam o outro mísero Estrangeiro:
Sobre meu triste fado o perguntemos;
Sem dúvida dos Gregos será este
O último que me ofeçam estas praias,
Que teme com horror a humanidade;
E necessário dele aproveitar-nos.

EUMENE

Que bem funesto vossa dor espera
De prática tão triste? por ventura
Ao dever que vos põe o vosso emprego
Quereis renunciar? de vós escrava,
A compaixão, que sufocar deveis,
Reanimando, quereis a seus delírios
Ceder, quando convém triunfar deles?

IFIGÉNIA

Recobrando a vítima, que haviam
Primeiro a seu altar os altos Deuses
Destinado, assaz me manifestam
A minha obrigação e o meu delito.

EUMENE

Não vejais pois, Senhora, o infeliz Grego,
Senão quando tiver junto das aras
Sob a mortal segure a frente curva.

IFIGÉNIA

Seja o risco qual for, eu escusá-lo
Não posso, tu me ajuda em meus pesares;
Eu absolutamente quero ouvi-lo,
E ver enfim desfeita ou confirmada
Uma cruel suspeita, que minha alma
Sobressaltada tem: mas nada temas
Que à minha obrigação oposto seja.
Eu de meu caro Irmão prometo aos Manes
O seu sangue: debaixo do cutelo
Tu o verás correr, inda que seja
Em meus tristes delírios necessário
Com ele misturar o que me alenta.

CENA V

IFIGÉNIA só.

Deuses supremos, que tremendo invoca
Minha dor! Vós que encheis toda de espanto,
Ainda obedecendo-vos, minha alma;
Ao menos concedei-me que achar possa
Justa a obrigação do meu emprego:
A vítima deixai-me sem remorsos
Ferir: e tu mancebo Herói, tu sombra
Triste, do grande Pélope relíquia,
De quem eu me animava a esperar tudo,
Irmão, inda no horror de minha mágoa,
Desta minha alma tanto mais amado,
Quanto em minhas primeiras desventuras
Tu parte não tiveste, e ao contrário
Em meus desfalecidos braços, cheio
De sustos inocentes, derramaste
Enternecidas lágrimas, recebe
Com meu pranto esta ofrenda sanguinosa:
Recebe..., mas que vítima ofertar-lhe
Vai o meu terno amor! dos desgraçados
O sangue poderá satisfazê-lo!
Ai que tu para seres seu esteio
Foste nascido! uma alma ilustre e grande
Dos mesquinhos a sorte tem por sua.

CENA VI

ORESTES, IFIGÉNIA E EUMENE

ORESTES

Ó morte! a tanto horror enfim me arranca! (*À parte.*)
Para me conduzir às cruéis aras (*A Ifigénia.*)
Me chamais vós, Senhora? vamos, vamos,
Com alvoroço eu sigo os vossos passos:
Da morte uma ventura me souberam
Fazer os Deuses. Vamos: mas que vejo?
Vós chorais?

IFIGÉNIA

Respeitai minha fraqueza.
Mostrai menos nobreza, se é possível,
A meus olhos: não abaleis uma alma
Cada vez menos firme, que deseja,
Porém não pode, ser vossa inimiga:
A meu aflito coração sensível
Todo vos escondi: vossa virtude
A minha obrigação torna impossível.

ORESTES

Ah! de minha desgraça o enorme extremo
Não estendais; de vossos infortúnios
Curvar-me com o peso de que serve?
Este triste espectáculo a meus olhos
Não apresenteis: Vinde: à minha dita
Deixai de opor obstáculos... Senhora,
Falai: que causa pode suspender-vos?
Se do golpe tremeis que vibrar ides,
Armai este meu braço: ele do vosso
O ofício cumprirá; ele seguro
O cruento sacrifício vai poupar-vos.

IFIGÉNIA

Quanto, de esforço a tão ilustre excesso,
Meu triste coração sente apertar-se!
E qual o sangue é que generoso
Vós derramar quereis! qual é o grémio
Que ao mundo vos lançou? porém eu quero
Ignorá-lo; eu receio conhecer-vos...
Deixando este segredo a vós e aos Deuses,
Somente sobre um ponto meus desejos

Satisfazei. Em Argos que se pensa
Da sorte de Ifigénia, que ligada
Contra seus dias viu a Grécia inteira?

ORESTES

Com que lembrança lacerais meu peito!
Que perguntais, Senhora? Ó mortal golpe!

IFIGÉNIA

E donde, ao escutar seu nome, nasce
O grande sobressalto que vos turba?
Na tenra flor da idade inda brilhando,
Vós vê-la não podíeis, não podíeis
Dos Gregos fervorosos em matá-la
Ter na Conjuração alguma parte;
Vós não podíeis para o seu suplício
As aras adornar!

ORESTES

Mas que cuidado!...

IFIGÉNIA

Respondei-me, pois cúmplice não foste.

ORESTES

Que quereis vós de mim? a mesma sorte
Eu vou ter, vou pela mesma estrada
Descer às margens do sombrio Letes.
Venturoso, se vítima obediente,
Como ela, oferecer pudesse aos Numes
Uma vida inocente!...

IFIGÉNIA

Quê! pois inda
Ignorais que ela viva, que Diana
Dos Gregos a roubou à crueldade,
Que transportando-a a uma horrível praia...

ORESTES

Que ouço! Ifigénia... Ó Deuses! é possível...
Vive?... acabai, já menos desgraçado
Morro... Dizei... sabeis-lo? e em que tiranas
Ribeiras uma vítima tão cara

E tão terna respira!

IFIGÉNIA

Nestas praias.

ORESTES

Justos Céus! ... e qual seja a sua sorte
Dizer-me podereis?

IFIGÉNIA

Ai! mais mofina
Do que vós, por mais doce ela teria
A sorte, que cruel por vós aguarda!

ORESTES

Ó Deuses! que de sustos em mim gera
Esse discurso!... e vê-la e rociá-la
Com meu pranto não posso! se soubésseis...
Porém não... eu horror só lhe faria...
Execraria meu furor, meu crime
De um sangue tão amado inda fumando
Vendo-me a mão, amar-me poderia?
Quando eu mesmo a mim próprio me aborreço...
Oh! e quão grandes são os meus tormentos!
E posso, oh Céus! ainda suportá-los!
Mas deles o maior é merecê-los.

IFIGÉNIA

Quê! vós sois delinquente, e vos defende
Meu coração! vós mereceis a morte,
E minha mão a dar-vo-la se escusa!
Desses vossos delírios espantosos,
Quando só deveria horrorizar-me,
Me entorneço, e a gemer somente acerto!
Quem sois? falai, que nisso a minha vida
Se interessa.

ORESTES

E de Orestes desgraçado
Ifigénia que pensa?

IFIGÉNIA

Nele tinha

Sua esperança toda: mas já sabe
Que é morto.

ORESTES

Não, Senhora, sobrevive
Aos horrores cruéis da sua sorte.

IFIGÉNIA

Que dizeis?

ORESTES

Vive, mas para Ifigénia
Sem esperança alguma.

IFIGÉNIA

Como?

ORESTES

Ó fados!
Ó eterno rigor! ela não sabe
Que aqui...

IFIGÉNIA

Em pranto derreter-vos vejo!
Ah! quem quer que sejais, falai, ou morro.

ORESTES

A minha confusão, os meus soluços
Assaz me manifestam...

IFIGÉNIA

Que suspeitas
Em minha alma sem tino não excita!
A sua verde idade... o seu semblante
Um sentimento oculto... pode acaso...
Acabai: e dai fim a meu tormento.

ORESTES

Pois bem: reconheci o triste Orestes
Pelos seus espantosos infortúnios.

IFIGÉNIA

Meu Irmão! (*Cai desmaiada nos braços de Eumene.*)

ORESTES

Ifigénia?... sim, minha alma
Toda mo atesta... ah! Ifigénia...
(*Com transporte*)

IFIGÉNIA

Orestes... (*Tornando a si.*)
Ah! meus sentidos todos encantados...
Meu Irmão!... ó suave e amado nome!

ORESTES

Minha Irmã! quê! vós me amais!... não tendes
Horror... vejo correr o vosso pranto.
Minha amada Ifigénia...

IFIGÉNIA

Ó doce instante!
Cheio todo de glórias!... em meus braços
Meu Irmão está... e eu a degolá-lo!...
(*Torna a cair nos braços de Eumene.*)

ORESTES

Basta, não prossigais: em que amarguras
Tornais a mergulhar-me!

IFIGÉNIA

E que destino

Vos trouxe a estas praias homicidas?

ORESTES

O Céu, o injusto Céu, que parricida
Me fez, e que punindo o meu delito,
Das voragens da morte ante meus passos
Os monstros vingadores todos solta:
E para me livrar da sua fúria,
A roubar nesta terra me condena
De Diana a imagem sacrossanta.

IFIGÉNIA

Ah! este inescrutável Céu, que toda
Estremecer me faz, acaso intenta
Nossos males findar ou rematá-los?
Mas como do Tirano, que me observa,
O zelo enganarei? como salvar-vos
Da sorte poderei que vos destina?
Neste fatal momento, oh que de horrores
Vejo! ó superstição? quantas as tuas
Fúrias são!... rumor sinto: fugi. Corre
(*A Orestes.*)
Eumene, a ocultá-lo: justos Deuses!
Se Toante será! se sua sanha
Ímpia!... Retirai-vos.

ORESTES

Quê! deixar-vos!
A vida expire, mas nos vossos braços:
Esta é minha esperança.

IFIGÉNIA

Desumano!
Apeteceis talvez a minha morte?

CENA VII

IFIGÉNIA E ISMÉNIA

ISMÉNIA

De Toante fugi, fugi da sua
Desatinada raiva: do Estrangeiro
Ele sabe a fugida desgraçada:
Com a morte o Escravo está lutando;
E o Tirano procura no seu seio
O nó soltar de tão infeliz trama.
Não sendo a seu furor inda suspeitos,
Meu Pai e seus amigos preveniram
A eminente borrasca: no navio,
Para o mofino Grego em vão armado;
Correram a buscar seguro asilo.

IFIGÉNIA

A morte é só o Deus que ora imploro:
Em seus braços de um crime, que abomino,
Só me posso salvar.

ISMÉNIA

Tremer, Senhora,
Vós me fazeis: falai.

IFIGÉNIA

Este Estrangeiro,
Que eu ia, e que devera cruelmente
Degolar.....

ISMÉNIA

Bem!

IFIGÉNIA

É meu Irmão.

ISMÉNIA

Ó Deuses!

IFIGÉNIA

Tu vês meu sobressalto, vês meu pranto,
A desesperação que o risco dobra.

ISMÉNIA

Senhora, é necessário

CENA VIII

EUMENE E AS DITAS

EUMENE

Em poder de Arbas
Fica Orestes: por ordem de Toante
Neste momento acaba de prendê-lo.

IFIGÉNIA

De que golpes cruéis uns sobre os outros
Esta alma aniquilada vem ferir-me,
Céu vingativo, tua mão pesada!
Um eterno rancor parece te arma!

Minhas lágrimas tristes abrandar-te
Não poderão jamais? forçar-me queres
Enfim de meu Irmão ao assassínio!
Ah! entre os seus abraços terminemos
Meus desastres: corramos

ISMÉNIA

Onde um cego
Delírio vos transporta!
EUMENE

Ah! suspendei-vos,
Senhora, que ides vós buscar?

IFIGÉNIA

A morte.

ACTO QUINTO

CENA PRIMEIRA

TOANTE E GUARDAS

TOANTE

Que tramas a infiel para enganar-me
Não urdia! com que pretextos santos
Me alongava de si! fatal mistério!
Para me impor melhor, impunemente
Arrogar-se a fazer falar os Deuses!
Porque de uma alma pérfida iludindo
Os enganos, eu mesmo ante meus olhos
Não apressei o justo sacrificio!
Sob sua fé depor talvez devia
O meu terror! Quem pôde submergir-me
Neste letargo de erros? de meu culto
Vingando os privilégios, à sua alma
Sacrílega, ah! porque levar não posso
Com meu tormento o ferro e o veneno?
Com meu sangue pagar sua perfídia
Forçoso me será! oh! quem me prende
O braço vingativo! sim, firmos
Quem nos oprime: deve um grande crime
Até sobre os altares ser punido.

CENA II

TOANTE, ARBAS E GUARDAS

ARBAS

Todos cheios de espanto, Senhor, tornam
A obedecer-vos: um dos Estrangeiros,
Aquele, cujas fúrias vos enchiam
De turbacão, está em poder vosso
Eu mesmo o arranquei das mãos da falsa
Sacerdotisa, em lágrimas banhada.
Mas que novo horror

TOANTE

Tudo me é suspeito:
Tudo debaixo de um sinistro aspecto

A meus olhos se of'rece: fiel Arbas,
Cujas faustas suspeitas me vieram
Sobre a borda acordar do precipício,
Crês tu que esse Estrangeiro dos altares
Evadido, seria com efeito
Pelas ondas sem vida acapelado;
E que o traidor abjecto, que o guiava,
Diria nos tormentos a verdade?

ARBAS

Eu não creio, Senhor, que se atrevesse
A enganar-vos: morrendo, que esperança
A mentir induzi-lo poderia?
Por outra parte, a vítima se achara
Entre esses desgraçados, pelo crime
Só conhecidos, que no Porto acaba
De fazer embargar minha prudência
No baixel, que devia transportá-los.
Entre os pesados ferros esperando
A merecida pena, eles confirmam
A confissão do cúmplice; no resto
Um silêncio profundo todos guardam.

TOANTE

Que negro, que infeliz pressentimento
Me agita e me confunde!

ARBAS

Pois bem: nessa
Presunção, que ser pode bem fundada,
Faze buscar a vítima entre as brenhas:
Nós ali descobri-la saberemos,
Nós à morte entregá-la, se das vagas
O abismo em seu seio a não oculta.

TOANTE

Parte pois; corre, livra-me do susto,
Que o coração me aperta e me consterna.

CENA III

TOANTE E GUARDAS

TOANTE

Vós, trazei-me a infiel Sacerdotisa. *(Para um dos Guardas.)*

CENA IV

TOANTE E OS DITOS

TOANTE

A resposta do Orác'lo, proferida
Contra meus tristes derradeiros dias,
Com sanguinosos golpes vem ferir-me
O coração gelado. Eu mesmo sinto
Que Diana me deixa ao meu destino;
A perfídia me segue, e a dura morte
Em torno me rodeia: em vão pretendo
Cegar-me à vista dos fatais perigos
Mas que portento horrível vem de novo
A consternar-me! lá da eterna noite
Por todos os mesquinhos, que meu zelo
Tem feito perecer, chamar-me sinto;
Vejo animarem-se os mirrados membros,
Que minhas mãos em roda destas aras
Têm pendurado... Estes espantosos
Prodígios como interpretar se podem?
Grandes Deuses, acaso dos Oragos
Desmentis vós a fé? mas não ouçamos
Mais que o próprio furor; e desprezemos
Os efeitos de um pânico receio.

CENA V

IFIGÉNIA E OS DITOS

TOANTE

Chegai-vos, e tremei: a sentir entre
Vossa alma sem acordo a justa pena,
Por seus crimes assaz bem merecida.
Pérfida, respondi à minha sanha
Impiamente traída, e a vingar pronta
A desobediência ao Céu supremo.

Mofina! por que causa esse funesto
Estrangeiro roubaste, mas de balde,
Ao celeste rigor? vossos projectos
Quais eram? que mistério detestável
Contra mim vos fazia ser traidora
Dos Deuses aos Decretos?

IFIGÉNIA

Quando entregue
Às presunções mais negras a vossa alma,
Parece, sua fé seguindo, haver-me
De todo condenado; de que serve
Que me humilheis até justificar-me?
Mas se é justo falar sempre a verdade,
Quando os grilhões quebrei dum dos cativos,
Que vosso ódio persegue, outro desenho
Não tive mais do que informar por ele
Meus parentes aflitos do segredo
De uma vida, a pesar meu prolongada;
E esta alma inocente, a quem infama
A negra falsidade, ouviu somente
A voz da natureza.

TOANTE

E com tão fracas
Razões pretendeis vós alucinar-me?
Porém demos que sejam verdadeiras,
Doutra parte quem pode defender-vos?
Se sabeis que um Oráculo terrível
Da sorte mais funesta me ameaça,
Se às Deidades, zelosas do seu culto,
Em suas santas aras não imolo
A todos os profanos Estrangeiros,
Por sua justa cólera proscritos.

IFIGÉNIA

Ah! e esse tão escuro como horrível
Oráculo, do mundo por desgraça,
Tão infalível é? não poderiam
Os que o deram, Senhor, lisonjear-vos?
Do vosso coração não poderiam
Aos desejos conforme eles ditá-lo?
Os Ministros do Céu são por ventura
Incorruptíveis? de erro e de interesse
Susceptíveis não são? oh! porque às aras
Mais nos aproximamos, mais aos Deuses,
Menos aos mais mortais nos parecemos?

Eu mais longe levar não quero agora
A dúvida sobre um Decreto escuro,
Que vossa alma horroriza; ele contudo
Deve pela razão interpretar-se:
Este Oráculo é que antes de tudo
Deve ouvir-se.

TOANTE

Que pérfido rodeio!
Que discurso execrável! que motivo
Vos obriga ante mim a proferi-lo!
Ousais vós das Deidades em desprezo,
E do grau que ocupais, vossas maldades
Defender por um crime mais enorme?
Ó Diana! e será justo e forçoso
Por uma compaixão talvez culpável
Na sacrílega ainda respeitar-te?
E não deverei eu de horror despido,
A honra do teu Templo profanado
Aqui vingar?

IFIGÉNIA

Pois bem! de vossas fúrias
A medida extremai! dos cruéis males,
Que fazem consternar a natureza,
E que meus olhos vêem de horror tremendo,
De todo me livrai: ao cego arbítrio
De vossas vãs suspeitas e terrores
Este peito feri, de crime e medo
Incapaz; este peito que debalde
Réu pretendeis fazer de atrozes crimes:
Não esperéis que em lágrimas banhada
Me prostre a vossos pés; cair ante eles
Para apressar os golpes só desejo.

TOANTE

A vítima fazei que às aras venha. *(Para os Guardas.)*
Em o seu coração ensanguentado *(Para Ifigénia.)*
Vão consultar aos Céus as minhas iras
Vosso castigo e seu ressentimento.
(Abre-se o interior do Templo; aparece Orestes e se encaminha para o Altar no meio das Sacerdotisas.)

IFIGÉNIA

Onde estou? que espectáculo terrível!
Ó natureza!... ó caro Irmão!... ó triste

Sacrifício da vida mais amada! (*À parte.*)

CENA VI

TOANTE, ORESTES, IFIGÉNIA, ISMÉNIA EUMENE,
SACERDOTISAS E GUARDAS

TOANTE

Vinde cumprir do vosso ministério
As sagradas funções; das santas aras
Tomai a respeitável machadinha. (*A Ifigénia.*)

IFIGÉNIA

Senhor...

TOANTE

Obedecei ao Céu, que o manda;
As suas iras derramai o sangue
Que ele vos pede.

IFIGÉNIA

Bárbaro momento!
Deuses supremos, vinde socorrer-me! (*À parte.*)
Eu desmaio... Senhor... morrer só posso

TOANTE

Quê! vós ainda aqui contra vós mesma,
Dos Numes na presença respeitável,
Ousais trair as suas santas ordens?

ORESTES

Fero Tirano, que é o que lhe ordenas?
Tu, cujo pavor de um sagrado templo
De horror tem feito um lúgubre teatro,
Podes, monstro, pensar, em menoscabo
Dos Numes, que teu erro ao nada abate
De teu ferino ser, que sequiosos
De infeliz sangue humano, só se abrandem
Com a mão no punhal? de moldar cessa
A tua imagem esses mesmos Deuses,
E de erigir em feudo a morte, o crime.
Se esse teu coração ardendo em sede
Apetece meu sangue, porque, ó tigre,

Não vens despedaçar minhas entranhas?

TOANTE

Que escuto! temerário, insano, ousas
Obedecei, feri. *(Para Ifigénia.)*

IFIGÉNIA

É meu Irmão.

ORESTES

Sim, eu o sou, Toante; eu sou o filho
De Agamémnon: cobarde, abaixa os olhos,
Respeita o grande nome, e a volver torna
Da tua turvação entre os horrores.
Eu roubar-te queria juntamente
Com a vida a Estátua. As tristes vozes
Do desgraçado sangue dos humanos,
De que teu coração brutal se ceva,
Pelas mãos derramado da inocência;
Estes lúgubres gritos lastimosos,
Em falta de coriscos, o meu braço
Vinha vingar, e consolar a terra;
E o homem e seu autor da atrocidade
De um culto assolador com o teu sangue
Lavar.

IFIGÉNIA

Não prossigais... *(A Orestes.)*

ORESTES

Sede Ifigénia,
De Orestes sede Irmã: uma ignomínia
E para mim o vosso indigno medo:
Tende a constância, que à virtude cumpre:
Quem desmaia, merece a sua sorte.

TOANTE

De orgulho a tal excesso e de insolência
A minha língua tem o espanto presa
Quem és, dize-me tu, para insultar-me?

ORESTES

Um Rei. E se te houvera castigado,

Haveria de Rei a lei cumprido.

TOANTE

Eu cedo a meu furor: quem quer que seja
Feri: cumpri com vosso ministério,
De um traidor me vingai. (*Perturbado a Ifigénia.*)

IFIGÉNIA

Deuses supremos,
Vós o escutais, e não brandis os raios!
E o báratro fechais sob os seus passos?
Parricida cruel, do cego engano
Ludíbrio e escárnio, tu mandar-me ousas
Que ultraje a natureza? tu pretendes
Que seja de um Irmão cruel verdugo?
Que no peito lhe enterre palpitante
O cutelo? que ainda respirando,
Minhas mãos, estas mãos ensanguentadas,
Lhe arranquem fumegando de seu seio
As entranhas? que cheia da fereza,
Que te anima, com olhos execráveis
Nelas por ti os Deuses espantados
Consulte? ah! que de horror tão grande extremo
Torna a meu coração todo o alento:
Com que direito teu furor me manda?
És tu senhor de mim? és destas aras
O Deus? todo o meu sangue acaso devo
Ao mais vil dos humanos em tributo?

TOANTE

Tu sem dúvida o deves: tu te atreves
A desconhecer

IFIGÉNIA

Fere: meu verdugo
Sê: mas os Céus de ruim são os Senhores.
(*Corre para o Altar, segura a vítima, e depois fala às Sacerdotisas.*)
E vós não consintais que um atentado
Contra vossos direitos se cometa.
Aos Numes sede só obedientes,
Escutai tão somente as minhas vozes:
De vosso ministério as funções santas
Recuperai: o mísero inocente
Protegei, consolai sua miséria.
(*Mostrando-lhes Orestes.*)
Velai atentas este puro sangue

Do Senhor dos humanos: sua vida
De vossas mãos o Céu tem confiado.
(As Sacerdotisas formam um círculo à volta de Orestes.)

TOANTE

Guardas!

ORESTES

Deixai, deixai a meu esforço

De imolar-me o cuidado à sua sanha. *(A Ifigénia.)*

TOANTE

Enfim, que é isto? vós de terror cheios
Receais seu aspecto!
(Aos Guardas assustados. Os Guardas dão um passo.)

IFIGÉNIA

Suspendei-vos,
Profanos: respeitai nele um Monarca.
(Adiantando-se para os Guardas.)

CENA VII

ARBAS E OS DITOS

ARBAS

Aparece, Senhor, uma terrível
Escolta...

TOANTE

Que rumor tão espantoso!
Oh Céus! quebram-se as portas: sim corramos...
Antes porém a meu furor se imole.

IFIGÉNIA

Vens insultar os Deuses, que combatem
Por nós? *(Adiantando-se.)*

ORESTES *empurrando com força para trás de si a Ifigénia, e oferecendo-se aos golpes de Toante.*

Ah! a feroz barbaridade
Afogar lhe deixai neste meu sangue.

TOANTE

Traidor, da minha cólera o primeiro
Objecto sê tu ... *(Com o braço levantado para ferir Orestes.)*

CENA VIII

TOANTE, ORESTES, IFIGÉNIA, ISMÉNIA, EUMENE, SACERDOTISAS,
ARBAS, GUARDAS, PÍLADES, TROPA DE GREGOS

PÍLADES na frente dos Soldados Gregos suspende com uma mão a Toante, e com a outra o mata.

Bárbaro, suspende,
E morre junto deste altar sagrado.
Dos mesquinhos mortais sacros tiranos,
(Aos Guardas e às Sacerdotisas.)
Fugi. Já nada que temer te resta.
(Lança-se nos braços de Orestes.)
A Guarda está desfeita, tudo foge:
Eu enganei o guia, e a Alceu unido,
Protegido dos Deuses, e guiado
Da amizade, c'os meus torno triunfante
A este sagrado Templo.

IFIGÉNIA

Isménia, corre
Teu Pai a libertar.

CENA IX

ORESTES, PÍLADES, IFIGÉNIA, TROPAS DE GREGOS

ORESTES

Ó da minha alma
Cara ametade!

PÍLADES

Vive.

ORESTES

Ah digno amigo!
Torna Ifigénia a ver.

PÍLADES

Céus! Ifigénia!

IFIGÉNIA

Vós sabereis meus fados: mas preciosos
São agora os instantes: Deste templo
Da Morte, onde debaixo do cutelo
A virtude gemeu atropelada,
Com respeito roubar vamos a Estátua.
Vós me haveis dito há pouco, que ao seu roubo
De vossas cruéis ânsias a carreira
Os Numes limitavam.

ORESTES

Os efeitos
Já começo a sentir: oh! que mudança
Em mim provo! em que paz, em que sossego
De repente me vejo! os crimes todos
Dentro em meu coração sinto expiados.
O devorante abismo ante meus passos
Se cena: o horror me foge: tudo em torno
De mim se me figura que renasce:
Num novo mundo um novo ser recebo.

IFIGÉNIA

Ó benefícios dantes nunca ouvidos!
Eu reconheço aos Deuses finalmente:
É do Céu Lei a Lei da natureza.

PÍLADES

Com o galerno vento impaciente
Alceu por nós na praia espera: vamos,
E do Céu, para nós em maravilhas
Fértil, sob os auspícios, nos partamos
A assombrar toda a Grécia e o mundo todo.

FIM DA TRAGÉDIA

TRADUÇÃO

Da Sátira IV de Horácio no Livro I

No Original de Coimbra acha-se um fragmento desta Tradução bastante imperfeito na terceira Colecção é que o Poeta a acabou e aperfeiçoou.

Eupólis, Aristófanes, Cratino,
E os mais Autores da Comédia antiga,
Se alguém digno de nota na Cidade
Por adult'ro, ladrão, por homicida,
Ou famoso por outro vício havia,
Com muita liberdade o difamavam.
Este foi de Lucílio todo o forte;
Estes seguiu, mudando unicamente
Os números e os pés: ele por certo
E jovial, agudo e penetrante,
Porém nos Versos duro: nesta parte
Pecou em demasia. Muitas vezes,
Sem de um pé se mover, duzentos Versos,
Como coisa estupenda, ele ditava:
E correndo enlodado, muitas coisas
Nele acharás, que aproveitar tu possas.
Palreiro, e de sofrer o duro peso
De escrever incapaz; bem, já se entende,⁶⁵
Que sobre escrever muito nada digo.
Mas Crispino mofando eis me provoca;
Toma, me diz, se queres, papel toma,
Lugar se nos assine., tempo, e guardas;
E quem mais escrever possa vejamos,
Graças aos Céus, Crispino! pois propícios
De ânimo me fizeram acanhado,
E pouco dizedor. Tu se quiseres,
Nos foles o encerrado vento imita,
Que não sossega, enquanto o duro ferro
O fogo não abranda. Seja Fannio
Embora afortunado, que seus Versos
Em caixas de cipreste bem guardados,
E sem o pretender viu sua Estátua
De Apoio colocar na Biblioteca;
Enquanto ninguém lê os meus Poemas,
Porque temo de ao vulgo recitá-los:
Que nele muitos há a quem enoja,
Como dignos de serem censurados,
Esta espécie de escritos. Quem quiseres
De entre esse povo tira: da avareza,

⁶⁵ O Autor escreveu: bem se entende. (Nota do 1º Editor).

Ou mísera ambição é combatido:
 No torpe amor dos Moços um se abrasa,
 Outro pelas Casadas se endoidece:
 Da prata o resplendor este cativa,
 De bronze Albio nas obras se embeleza
 Trabalhadas por mãos de antigos Mestres:
 Outro as mercadorias troca e escamba
 Desde onde o Sol se eleva, com aquele
 A quem a Plaga Ocidental aqueça
 E por perigos mil precipitados
 Qual pelo remoinho o pó unido,
 É levado, ou porque a soma adquirida
 Diminuição não sinta, ou porque aumente
 O património. Todos estes temem
 Os Versos, os Poetas aborrecem;
 Foge, que marra, dizem, para longe.
 Contanto que este a riso se provoque,
 Não há-de perdoar nem ao amigo;
 E aquilo que uma vez no papel borra,
 Tratará de que o saibam inda aqueles
 Que dos fornos se tornam e dos rios,
 Sem que lhe escapem velhos e meninos.
 Ora sus: poucas coisas em contrário
 Ouve. Primeiramente eu me exceptuo
 Do número daqueles a que o nome
 De Poeta concedes: nem bastante⁶⁶
 Para isso digas que é compor um verso:
 Nem se algum, tal como eu, escreve em metro
 Que a prosa se assemelha, por Poeta
 O deves reputar somente àquele,
 Que feliz possuir um alto engenho,
 A mente mais divina, e a voz bastante
 A entoar coisas grandes e sublimes,
 Poderás a honra dar-lhe deste nome.
 Por esta causa alguns têm disputado,
 Se a Comédia é Poema; pois lhe falta
 No estilo e na maneira a nobre força,
 O espírito sublime, e só difere
 Seu falar do vulgar em ser medido.
 Mas tem mão: na Comédia algumas vezes
 Um Pai escandecido se embravece
 Porque o Filho, da amiga Cantoneira
 Abrasado no amor, o siso perde,
 E corre inda de dia, oh que desonra!
 Embriagado sacudindo os fachos.
 Dizes bem: mas Pompónio por ventura,
 Se o Pai inda vivera, menos que isso
 Escutaria? não: logo não basta

⁶⁶ Assim lê o Autor na primeira Colecção. Na terceira disse por engano: De Poeta tu dás, etc. (Nota do 1º Editor).

Com palavras formar puras um verso,
O qual se desligares, qualquer outro
Da mesma arte também se enfadaria,
Que se enfada na farsa o Pai fingido.
Se a estes versos pois, que eu hoje escrevo,
E aos que escreveu Lucílio noutro tempo
As medidas e números tirares,
No extremo lugar pondo a que na ordem
E primeira palavra, e as derradeiras
Às que estão antes delas anteponhas,
Neles não acharás, como em est' Outros
DEPOIS QUE ESPEDAÇOU BRUTAL DISCÓRDIA
DA GUERRA AS FÉRREAS PORTAS E POSTIGOS,
Se acaso os desfizeres, dum Poeta
Os deslocados membros. Mas por ora
Deixemos estas coisas: noutro tempo
Se é Poema, ou não, disputaremos.
Só tratarei agora se com causa
Esta espécie de Escritos te é suspeita.
Roucos com seus libelos Súcio e Cáprio,
Ambos dois de ladrões terror e espanto,
Pela Cidade vagam; mas quem vive
Como deve, sem susto ambos despreza.
Ora pois, bem que a Célio e Birro sejam
Semelhante, ladrões dos mais famosos;⁶⁷
Se em mim Cáprio não vês, nem vês a Súcio,
Que razão pode haver, porque me temas?
Nenhuma lógea tem, nenhuma tenda
As minhas Obras; nem com elas suam
As mãos do vulgo, e Hermógenes Tigélio.
Eu, excepto aos amigos, as não leio,
E isso rogado, e não em toda a parte,
Nem diante de todos. Muitos se acham
Que no meio da Praça, que nos banhos
Os seus versos recitam, ressoando
O cerrado lugar suavemente;
Aos vãos porém somente isso deleita,
Que não pensam se o fazem com prudência,
Se em tempo conveniente. Mas tu dizes
Que eu gosto de infamar, e que isto faço
Por má inclinação. Tem-te: onde foste
Tu encontrar quem isso te dissesse?
Foi por ventura algum dos com que vivo?
O que mofa do amigo, e o não defende
Quando outro o culpa, o que com seus dictérios
Causar riso procura nos mais homens,
E de motejador deseja a fama;

⁶⁷ *O Autor escreveu:*

Ora pois, bem que sejam semelhantes
A Célio e Birro, ladrões dos mais famosos. (Nota do 1º Editor).

Que finge o que não é, e que não pode
O segredo guardar, que lhe fiaram,
Este, Romano, é mau, dele te guarda.
Mil vezes num esplêndido banquete
Onde a quatro se fartam em três leitos
Os Convidados, um verás que folga
De motejar de todos, salvo aquele
Que a ceia dá: porém tendo bebido,
Quando o vinho os fechados peitos abre,
Também dele pragueja. Este faceto,
Urbano, e deleitável te parece
A ti, que contrário és dos maldizentes.
Eu se brincando rio, porque cheira
A pastilhas o simples de Ruffilo,
Gorgônio a raposinhos, te pareço
Detractor e mordaz. Se de Petilo
Capitolino alguém narrar os furtos,
Estando tu presente, a defendê-lo
Tu logo sairás, como costumás:
Capitolino foi desde menino
Meu comensal e amigo; a meu respeito,
E por meu rogo obrou não poucas coisas;
Folgo de que ele viva são e salvo
Em Roma; mas contudo lá me admiro
De que livre saísse do Juízo.
Aqui da negra lula está o suco,
Aqui é o veneno, cujo vício
(Se prometer eu posso alguma coisa)
Que longe sempre esteja de meus versos,
E inda mais de meu ânimo prometo.
Se mais livre disser alguma coisa,
Se mais jocosa, salva a tua graça,
Dar-me-ás de fazê-lo assim licença.
Meu pai me ensinou desde menino
Dos vícios a fugir com os exemplos:
Se a viver me ensinava frugalmente,
Olha, dizia, como o filho de Albo
Vive infeliz, e Barro pobrememente:
Exemplos para que ninguém se atreva
A dissipar o herdado património.
Se do sórdido amor das Meretrizes
Espantar-me queria, semelhante
A Sectano não sejas, me dizia.
Para fugir do vício de adultério,
Quando um lícito amor gozar podia,
Olha, me repetia, de Trebônio
A má fama, que nele foi achado.
Os Sábios, a razão, e mais as causas
Do que buscar se deve, ou esquivar-se,
Melhor te explicarão; a mim me basta

Se enquanto tu de guia necessitas,
A praticar te ensino os sãos costumes,
De nossos bons maiores derivados;
E posso sãs e salvas defender-te
A vida e mais a fama: quando a idade
For crescendo, e com ela juntamente
Nos membros fores e ânimo crescendo,
Nadarás sem cortiças. Desta sorte
Desde a infância me foi instituindo;
E ou fazer me mandasse alguma coisa,
Para assim o fazer tens bom exemplo,
Ele dizia, e logo me apontava
Um dos Juizes mais graves e sisudos:
Ou já ma proibisse, desta sorte
Me instigava: quê! ser isto mal feito,
Inútil, vergonhoso, tu duvidas,
Quando a fulano vês, vês a sicrano
Pelo obrarem de todo difamados?
Bem como do vizinho sói a morte
Ao doente assustar, e com o medo,
Que dela lhe resulta, se refreia
De quebrar a dieta regulada;
Assim os tenros ânimos dos vícios
Afugenta talvez o alheio opróbrio.
Assim eu desta forma são e salvo
Daqueles, que estragar soem os homens,
A vida vou passando; e se alguns tenho,
São medíocres, que tu escusar deves.
Quiçá que muitos destes vá tirando
A longa idade, um bom austero amigo,
A própria reflexão. Eu mesmo quando
Ou na cama me deito, ou me entretenho
Passeando nos Pórticos, não deixo
De comigo pensar: é melhor isto,
Melhor vida terei assim obrando,
Aos amigos assim serei mais grato,
Alguns (porém não bem) estoutro fazem,
E serás tão sem siso, que os imites?
Isto entre mim calado considero;
E se vago talvez algum instante
Tenho, escrevendo zombo, e me divirto.
Um dos medíocres vícios, de que acima
Já te falei, este é. Se o não perdoas,⁶⁸
De Poetas virá um grande bando
(Porque sem conto são) em minha ajuda;
E assim como os Judeus, te obrigaremos
A entrar contra vontade em nossa Seita.

⁶⁸ *O Autor escreveu: Já te falei é este, etc. (Nota do 1º Editor).*

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

Ao Tom. I, que contém os Sonetos: e os Retoques e Emendas a alguns lugares do mesmo Tomo

Este Volume foi formado sobre várias Colecções das Poesias de Dinis. A primeira consta de dois Livros, um em folha, outro em quarto, nos quais se contém grande parte das suas Prosas e Poesias, escritas todas pela sua letra, e entre elas 226 Sonetos. Foram trazidos no ano de 1800 do Rio de Janeiro estes dois Livros pelo Senhor Manuel de Figueiredo, actualmente Cónego da Sé de Coimbra, e aí mui fielmente copiados pelo Senhor Professor Joaquim Inácio de Freitas; e ainda depois cotejada a cópia com o original por quem trabalhou esta Edição, para a qual tem servido a mesma cópia de grande socorro.

A pouca ordem com que nos ditos Livros se acham escritas estas obras, as muitas Variantes e emendas marginais de que o texto está carregado, a mesma antiguidade da tinta, e finalmente o grande número de Poesias não acabadas, e de apontamentos e reflexões soltas em vários géneros de Literatura, que ali se encontram, tudo faz crer que estes Livros são de grande antiguidade, e que eram o borrador onde o Poeta primeiro lançava as suas Composições; parte das quais ia depois polindo e acabando, desprezando as outras com o mesmo Livro, em que as havia escrito. O que se confirma pelo tempo em que estas obras foram compostas, o qual o Autor marcou no princípio de quase todas; pois tendo algumas delas a data do ano 1754 (ainda antes do estabelecimento da Arcádia), e ainda dois Sonetos a do ano de 1750 (tempo em que Dinis começou a poetizar, quando contava dezoito anos de idade); em nenhuma parte se encontra data posterior ao ano 1783, e mesmo esta só se lê em 5 Sonetos,

A vista do referido, nenhum outro uso se fez desta Colecção (entende-se em matéria de Sonetos) que não fosse aproveitar o Soneto 49 da Cent. II, o qual vem omitido em todas as outras Colecções; e considerar abonada por meio dela a autoridade da terceira Colecção, onde se acham bastantes Sonetos que dantes só se tinham encontrado no dito Original de Coimbra.⁶⁹

A segunda Colecção, que serviu para esta Edição, é a do Exmo. Senhor Bispo de Portalegre (que foi tirada de um Volume de Sonetos, que o Autor tinha em seu poder no ano de 1789, o qual Volume compreendia pouco mais de duas Centúrias, e do 89 por diante eram todos autógrafos) e também o Exemplar Vimieirense, onde se acham alguns Sonetos além das duas Centúrias, ainda que não escritos na letra do Autor. Estes dois Livros serviram muito para esta Edição; não só porque se aproveitaram muitos Sonetos, que não se acham nas outras Colecções, os quais quase todos são tirados do Exemplar Vimieirense, como são na Cent. I os Son. 14, 15, 56; na Cent. II, os Son. 42, 43, 44, 51, 56, 81; na Cent. III, os Son. 71, 73, 90; mas porque também fica abonada a autoridade da terceira Colecção, pelos Sonetos que nela se encontram, que só são comuns a estas duas Colecções.⁷⁰

Além disto, recorreu-se a estas, especialmente à segunda, por ser mais moderna e aperfeiçoada, quando ou a lição delas era manifestamente digna de preferência, ou se conheceu que na terceira tinha havido descuido ou do Poeta ou do Copista.

⁶⁹ *Tais são na Cent. I, os Son. 5, 6, 10, 16. Na II os Son. 71, 73, 83, 88, 91, 97. Na III, os Son. 1, 7, 56, 57, 72, 75, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88.* (Nota do 1º Editor).

⁷⁰ *Tais são na Cent. I, os Son. 47, 58, 64. Na II, os Son. 24, 25, 26, 27, 50, 53, 54, 67, 69, 70, 72. Na III, os Son. 23, 25, 27, 70.* (Nota do 1º Editor).

A terceira Colecção consta de dois Livros, um em quarto, outro em oitavo, os quais trouxe do Rio de Janeiro, pouco depois da morte de António Dinis, o Senhor Desembargador Francisco Luís Alves da Rocha. Nenhum deles foi escrito pelo Autor, e cada um contém três Centúrias de Sonetos, ainda que sejam muito diferentes um do outro não só na escolha dos Sonetos, mas na lição deles, e na ordem por que se acham escritos.

Muitas razões, além da que já apontámos, abonam a autoridade destes Livros, e eles mesmos subministram outras para se acreditar que estas diversas cópias foram tiradas sobre Manuscritos originais, ou feitas talvez debaixo das vistas do Poeta e por ele ditadas. Neles se acha muito aperfeiçoada a lição da segunda Colecção, e a eles devemos os Sonetos novos, isto é, posteriores ao ano de 1789 em que esta acaba.⁷¹

O Livro em quarto é o que serviu para esta Edição, e para este fim nos foi generosamente comunicado pelo Exmo. Principal Castro. A cópia era mais exacta, a ordem melhor, e a letra de pessoa já conhecida por cópias doutras Poesias de Dinis, que serviram para outros Volumes. Diversas considerações nos obrigaram contudo a omitir alguns Sonetos, que se achavam neste Livro, enchendo os lugares, em que eles estavam, com os outros tirados da segunda Colecção.

Em quanto ao livro em oitavo, os Sonetos 66 da Cent. II, e 74 da Cent. III, são os únicos que se não acham noutra Exemplar, nem mesmo no Livro em quarto. Ele existia em poder do Padre José Francisco de Borja, ultimamente falecido.

Em duas Pastas de Apontamentos originais de Dinis, que no tempo da impressão do Tom. 1 nos comunicou o Senhor Francisco Soares de Araújo e Silva, acham-se alguns Sonetos autógrafos, que só se tinham encontrado na III Colecção⁷², com o que novamente fica abonada a autoridade dela.

Os Sonetos, que atrás não ficam apontados, acham-se em todas as três Colecções referidas.

Ultimamente, em quanto às Variantes e Notas, que vêm no fim do Volume, foram elas indistintamente tiradas das três diversas Colecções; no que só é de notar: 1º, que são raras as Variantes que o Poeta conservou nos Exemplares últimos, e ainda mesmo no de 1789; 2º, que as dos Sonetos 11 e 63 da Cent. I, a do Son. 92 da Cent. II, e a do Son. 61 da Cent. III, que são tiradas das Colecções autógrafas, confirmam ultimamente a autoridade da terceira Colecção, na qual tão-somente se tinham encontrado os Sonetos a que as ditas Variantes se referem; 3º, que de propósito se omitiram algumas Notas, que serviam ou de abonar o uso clássico dalguma palavra, ou de explicar algum ponto de Mitologia, ou de dar exemplos da maneira diversa por que se acham rimados os Sonetos, sobre o que teve Dinis por si não só a autoridade dos Poetas Italianos que alega, mas a dos antigos Portugueses, como Ferreira, Bernardes e Camões.

Retoques e emendas além das que se apontaram no fim do Volume.

Pág. 12, v. 11. Note-se em geral que o Autor escrevendo, a maior parte das vezes não fazia as sínopes e deixava esse cuidado a quem o lesse, ou quisesse medir o verso. Por isso se imprimiu, como se achou escrito.

Pág. 97, v. 13. Para ficar certo, deve ler-se: *Que da desesp'ração, etc.* ou *Que da desesperação, etc.* como parece que escreveu uma vez o Autor neste mesmo lugar, ou *Que*

⁷¹ Tais são na Cent. I. os Son. 2, 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 63. Na II. os Son. 66, 77, 79, 82, 84, 85, 86, 87, 89, 92, 93, 94, 95, 99, 100. Na LII, os Son. 2, 3, 4, 5, 6, 8, 43 até 55, 58 até 67, 69, 74, 77, 83, 84, 89, 91 até 96, 98, 99, 100. (Nota do 1º Editor).

⁷² Tais são na Cent. I. o Son. 12. Na II. os Son. 77, 87, 94, 95, 99, 100. Na III. os Son. 4, 8, 58, 59, 92, 93, 94, 95, 96, 99. (Nota do 1º Editor).

da desesperança, etc. palavra de que (se me não engano) usou Bernardim Ribeiro na *Menina e Moça*.

Pág. 196, v. 13. Assim sem dúvida que escreveu o Poeta, porém a certeza do verso pede que se leia *Arv're*, ou melhor *Arvor*, como muitas vezes diziam e escreviam os nossos antigos; a não se dizer *Minha árvore* o que faria o verso mais harmonioso.

Pág. 226, v. 9. Assim escreveu o Autor na primeira e terceira Colecção; e na segunda *Eu pois a quem hoje o Céu justo e benino*, lição que se pode bem conservar uma vez que se faça Eclípse; pois que desta figura há inumeráveis exemplos nos nossos Clássicos, ainda que hoje a temos por dura; o Autor usou dela a pág. 181, v. 13, e em outros lugares.

Pág. 269. Note-se que o 1º e 8º versos deste Soneto acabam do mesmo modo, por distração, (segundo parece) de quem escreveu.

Pág. 291, v. 4. Assim se lê num dos exemplares da terceira Colecção; e no outro *Deixa o trifauce cão atormentado*; contudo deve-se crer que o Poeta escrevera *adormentado*.

Pág. 298: o v. 9 acha-se errado em ambos os Manuscritos donde é tirado este Soneto; mas num deles lêem-se os dois tercetos do modo seguinte.

Que a siga me pede qualquer delas,
E eu, sem me cegar desta o rico estado,
Daquela as perfeições sigo singelas:

Então a que deixei, com rosto irado
Diz: pois assim por essa me atropelas,
Será sempre no mundo desgraçado.

Retoques e Emendas a alguns lugares do Tom. II, que contém os Idílios.

Na Dissert. I, pág. 8, linha 13, *Um homem, etc.* O Poeta combate nestas duas Dissertações o estilo rústico, que então tinha por si a autoridade de Francisco de Pina e de Meio, o qual em 1755 havia publicado a sua Bucólica repartida em dez Églogas deste estilo. O merecimento deste Poeta (que hoje está reduzido ao seu justo valor) era tal no tempo em que Dinis escrevia, e tal a sua autoridade, que não pequena glória foi a de o combater com tanta força e energia, e de introduzir no Parnaso Português um diverso e inteiramente oposto estilo Pastoril, qual é o que se observa nas composições da Arcádia.

Quando estas Dissertações se imprimiram, não se reflectiu (e até não estava à mão a Bucólica de Pina) que Dinis tinha copiado com alguma infidelidade as muitas passagens que cita destas Églogas; mas como o que ele reprova tem igualmente lugar em uma e outra lição, pareceu escusado acrescentar agora as emendas, excepto na Dissertação II, pág. 2, l. última, onde em lugar de *um eu*, se deve ler *um ou*.

Idílio I, pág. 28, v. 1. O Poeta devia dizer:

Das frautas pastoris se a antiga glória.

Pág. 30, v. 6. É preciso emendar:

Com Tirse, Condão, e Nemeroso.

Idílio II. Quando se imprimiu este Idílio, não advertiu o Editor (aliás o notaria) que ele contém não uma imitação, mas uma tradução literal do Idílio de Gessner, intitulado *Dáfnis*; e talvez por esta razão o omitisse Dinis nas seguintes Colecções.

Pág. 33, v. 24. O Poeta no original de Coimbra escreveu: *Logo escolhes; e a aflito Pastor dizes*: Este é o sentido de Gessner: mas o Tradutor o conservaria igualmente, e faria o verso mais harmonioso se dissesse: *E ao triste Pastor dizes*.

Idílio III, pág. 44, v. 7. Este lugar lê-se do modo seguinte no Original de Coimbra:

*E como em verde cana convertida
O som, que suspirando ali fizera.*

Estando este verso errado no consoante, lembrou substituir-lhe o que se achou lançado à margem no dito original, que por ventura não seria escrito pelo Poeta com outro fim, que fazer-lhe lembrar o modo por que devia acabar o verso; tanto ele oferece um sentido escuro, e talvez ininteligível. Poder-se-ia emendar do modo seguinte:

*E como em verde planta convertida,
O som que fazem, suspirando, as canas.*

ou de outro que parecesse mais chegado à letra do Poeta,

Idílio III, pág. 46, v. 1. Se este modo de falar não parecer próprio, pode-se antes dizer:

Crecendo, e perfeições, etc.

Idílio III, pág. 46, v. 3. A elegância da linguagem pedia que se dissesse *a quem destina*; e também assim fica o verso mais cheio e sonoro; porém mais de uma vez caiu o Poeta em semelhante descuido.

Idílio V, pág. 62, v. 11. Deve-se preferir por um motivo bem óbvio a lição da segunda Colecção:

O rebanho convida, que faminto.

Idílio XIV, pág. 186. Ou o verso 2º ou o 4º bem se podem omitir, para ficar o período, ou estância, com o mesmo número de versos que a antecedente, como parece que pedem as Cantigas alternadas; miudeza a que o Poeta não atendeu, quando foi a emendar este Idílio.

Idílio XXIII, pág. 294, v. 15. O Poeta faria o verso mais cheio se dissesse: *Prémio, que de ufania encher te deve*.

Transcrição de Deolinda Rodrigues Cabrera baseada na edição de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (*Poesias de António Dinis da Cruz e Silva. Na Arcádia de Lisboa Elpino Nonacriense*, Tomo IV, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1807).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
